



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**ESTUDOS DE LITERATURA**

**LITERATURA LUSO-AFRICANA**

**RENATA ÁVILA TROCA**

**ANA PAULA TAVARES E SEU BETO: PERFORMATIZANDO  
O SONHO DA POÉTICA DA VOZ AO ULTRAPASSAR  
OCEANOS, GUERRAS E COLONIALISMOS**

**PORTO ALEGRE**

**2013**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**INSTITUTO DE LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**  
**ÁREA: ESTUDOS DE LITERATURA**  
**ESPECIALIDADE: LUSO-AFRICANA**

**ANA PAULA TAVARES E SEU BETO: PERFORMATIZANDO  
O SONHO DA POÉTICA DA VOZ AO ULTRAPASSAR  
OCEANOS, GUERRAS E COLONIALISMOS.**

**RENATA AVILA TROCA**

**ORIENTADORA: PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. ANA LÚCIA LIBERATO TETTAMANZY**

Dissertação de Mestrado em Literatura Luso-Africana, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**PORTO ALEGRE**  
**2013**

## **O mais velho**

*Glória Bomfim*

O velho é dono do tempo, não para nunca de andar.

E todo o peso do mundo carrega em seu xaxará.

A volta do mundo é grande para quem nem mesmo começou.

A gente faz o caminho que o velho já caminhou.

Quem tem ajuda do velho já vira caminhador.

Quem mais de vez rodou o mundo e mais de vez já voltou.

Tem moradia do velho, que o passarinho me contou,

Pelos os quatro cantos do mundo por onde o velho já andou.

Passei na casa de palha onde ele é morador

Pedi a benção do velho e o velho me abençoou.

Não vi a cara do velho porque ele nunca mostrou,

Mas todo mundo é seu filho que neste mundo passou.

Conhece o chão pelo avesso, de vida e morte ao Senhor

Poder maior do velho somente o do Criador.

*Ao meu avô, Jorge Troca, por ter me ensinado a ler/ouvir  
a memória que vem do coração através de sorrisos e olhares.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço às surpresas da vida que da plantação de cebola me trouxeram para a plantação das ideias. Agradeço ao (des)conhecido, (i)nusitado e (im)possível por me mostrarem que nem sempre o prefixo é verdadeiro. Agradeço ao mistério, à curiosidade, ao medo e à coragem. Agradeço à mochila que me acompanhou na marca de minhas pegadas, assim como às caronas que pararam e me que levaram não apenas ao destino desejado – Dom Pedrito – como também aos seus mundos, suas histórias, seus sonhos e medos.

Agradeço aos que não acreditaram na pesquisa, quando ela começou a ter vida, por terem me provocado a provar-lhes não apenas os primeiros passos, mas a corrida que ela deu, enfrentando tombos e aplausos de vitórias.

Agradeço infinitamente, e sempre, e cada vez mais, à família de Seu Beto que sempre me esperou, acolheu, acariciou como parte integrante da família. Agradeço a espera na rodoviária, a carona de carroça, os chimarrões à beira do fogão a lenha, o samba preparado por dona Alite, a carne de porco assada, os segredos de adolescentes guardados de Manuela, os sonhos da nova estudante(em EJA) da família, Marelice. Também as risadas do Rodrigo, os olhares de Joana; netos de Seu Beto.

Agradeço as palavras de carinho de Paula Tavares, quando trocamos e-mails, e também aos silêncios de suas respostas que por um motivo ou outro não vieram, fazendo-me rir com a pesquisa e como reescrever.

Agradeço aos amigos que sumiram da memória neste momento em que preciso listá-los. Porém, alguns mais presentes, são gritantes e urgentes aqui citar: à Petiça e à Vaca Profanas que encantaram o mundo dos sonhos desta Loba, ao Beto que me enriquece com músicas, ensina o tambor, e também desentorta o caminho, mesmo que seja à beira da praia, à noite, quando quis me perder. À Geny que, em meio ao caos, consegue juntar forças e me ensinar a ver a vitória ocorrida todos os dias, à Tatiane Mirapalheta, por entender meu distanciamento e fortalecer meus ideais, à Carla Santos que admira e se propõe a viver o Seu Beto que lhe apresentei, e que também aprendeu a ir a campo sem esperar um resultado sempre satisfatório. Ao Alexandre Cigaran, por proteger seu Beto de minha língua trêmula e orgulhosa de querer apresentá-lo a todos que por mim passam, mas que talvez não o mereça conhecer. Ao Diego Goulart, que no meio de perdas soube encontrar-se, ou pelo menos continuar a buscar-se. Ao

Bruno Silveira, que filosofando ensina o valor da liberdade nossa, liberdade de ir ou ficar, de encarar o ser professor, seja em forma de diploma após diploma, ou, seja em forma de pessoa após pessoa. Ao Paulo Rogério que me apresentou um mundo de guerras, lutas, paz e conquistas em seus livros e vida, ao Zé que com cosquinha e carinho, enfeitou muitas noites no decorrer destes dois anos, ao João Batista, que traça, no seu dia-a-dia, batalhas que sempre lhe dão alguma vitória, por mais que não seja a que ele buscou. Ao Agnaldo Silva e Adriano LeGrand por levarem meus pensamentos a França e também a seus corações, ao Alexandre Cougo e Leandro Vieira, por tão bem caberem em meu abraço, ao Gustavo Goulart, o ordinário utópico mais apaixonante que já conheci, e que me faz sobreviver.

À equipe RonDom Pedrito que me oportunizou conhecer Seu Beto e suas narrativas.

À minha família que cresceu e moldou-se junto comigo no decorrer das estradas que tive que percorrer. À minha mãe, que consegue se superar em forma de amor infundável; ao meu pai que mesmo achando que “viajo para passar trabalho” entende e respeita este “trabalho” que resolvi passar. Às minhas irmãs, Angélica, Flávia e Débora, sendo a última meu carma terrestre que me questionou e cobrou datas e todos os outros tantos prazos e responsabilidades que a escrita pediu.

À Aline Deyques e Daiane Bussing, por sempre me incentivarem a continuar acreditando em meus sonhos.

À Ana Lúcia Liberato Tettamanzy, mais que orientadora, foi a desorientação necessária para enfim conseguir encontrar o meu caminho.

À Surian, Jeferson, Cristina, Ana Maria, Gustavo e Bianca que comigo entraram e comigo encerram esta jornada, pelas discussões, ajudas, sorrisos e lágrimas juntos derramadas.

Aos Orixás da Candomblé que tanto me protegem em especial Oxum, Yansã e Iemanjá. Assim como aos caboclos e ciganos da Umbanda, em especial à cabocla Jandira.

À lua, grande companheira de devaneios solitários e quentes.

Ao Juliano que me trouxe a Isa e o Victor nestes momentos finais, enriquecendo a escrita e a forma de entrega ao amor aquilo que se faz.

À Isa e ao Victor que me trouxeram o Juliano, grande amigo perdido e encontrado em caminhos avessos.

A todos os velhos que guardam em sua memória o tesouro de um futuro, e a todos os jovens que sabem respeitar e identificar à poética que há naquelas vozes.

Enfim, a todos que me ajudaram compor a mim e também estas linhas, direta ou indiretamente.

“Me molhei no mar

E nada pedi

Só agradei.”

*(Gerônimo E Vevé Calazans)*

## RESUMO

Contrapondo palavras – escritas e orais – a presente pesquisa tem como foco a performance e poesia que deste encontro podem desencadear. Centrando-se em dois temas-base (*colonialismo* pelo olhar de Stuart Hall, Albert Memmi e Ana Mafalda Leite principalmente e *guerra*, mais precisamente pelo viés que Frank Fanon nós guia.) apresenta-se um entrecruzamento de idéias e sons emitidos pela escritora Ana Paula Tavares em sua obra, *A Cabeça de Salomé*, publicada pelo Editorial Caminho em 2004 e transcrições em áudio e vídeo das narrativas contadas pelo interlocutor Adalberto de Almeida Moreira, seu Beto, atual catador de lixo da cidade de Dom Pedrito (Rio Grande do Sul/Brasil). São temas, cenas, questionamentos que se originam do dia-a-dia dos narradores apontando para as suas memórias que propiciaram a efetivação deste estudo resultando neste texto e em três documentários que seguem em anexo.



## **ABSTRACT**

The valorization of voice is perhaps here in this study the unleashing element present throughout the following text. Here it is found an attempt to sew with different edges of the same spool, the stories told by seu Beto, an interlocutor inhabitant from Dom Pedrito city (located in Rio Grande do Sul state countryside - Brazil), and by the Angolan writer Ana Paula Tavares. Using the colors offered by orality and writing, it was organized a weaving of themes from colonialism and war, biases that are overcrossed and by lined up according to Literature and History. Furthermore, following the same material used in printed material - some chronicles presented in the work named *The Salome's Head (A Cabeça de Salomé* in Portuguese)(Caminho, 2004) and narrations recorded in audio and video – some documentaries were constructed that point to other issues that are lesser appeared on this text. However, all of them have as common feature: the character of everyday life. They are themes, scenes, questions that arise from the storytellers' daily routine pointing out 1 memories.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1. (a) Lavagem e (b) parte do chiqueiro mantido pela família.....	14
Figura 2. Abertura de uma rua a pique pela comunidade.....	61
Figura 3. Plantio Comunitário.....	62
Figura 4. Rato, um dos moradores de rua que conheci ajudando a (e sendo ajudado pela) família, trabalhando nas ruas com Dona Alite e Manuela.....	72
Figura 5. Comprovante de estabilidade se Seu Beto, no comércio de sua ex-esposa. ....	79
Figura 6. Assinaturas de mais de 200 pessoas apoiando Seu Beto como líder comunitário. ....	81
Figura 7. Prisão de Gago.....	82

## SUMÁRIO

<b>1. E na hora em que se acorda, o sonho começa.....</b>	<b>12</b>
1.1. Seu Beto, o andarilho sonhador .....	12
1.2. Ana Paula Tavares, semeadora de sonhos .....	16
1.3. Os sonhos anunciam outra realidade possível e os delírios outra razão .....	17
<b>2. O sistema colonial entre Ana Paula Tavares e seu Beto.....</b>	<b>22</b>
2.1 Desamarrar as vozes, dessonhar os sonhos: escrever querendo revelar o real maravilhoso .....	24
2.2 As trincheiras de Seu Beto.....	29
2.3 As trincheiras de Ana Paula Tavares .....	34
2.4 O cesto de adivinhações.....	40
2.5 A Madrinha: a ruína que vem de dentro .....	43
2.6 O rugido do leão .....	52
<b>3. Entre a paz e a guerra desfilam soldados: Ana Paula Tavares e Seu Beto .....</b>	<b>58</b>
3.1. A guerra entre ele e eu: Renata e Seu Beto discutindo a relação.....	66
3.2. Que outra coisa comer se é este pão/ que nos fere a garganta a cada fome/ onde quer que estejamos? .....	73
3.3. Então, isso aí é irmanar. É sentir um amor de irmão. O apoio. Na hora do perigo, te ajudar. É difícil, mas a gente consegue. ....	78
3.4. A memória tem um homem morto – aqui: a África sofre caída e sem haveres – rasteja	84
3.5. “Uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito” .....	91
3.6. Lá longe onde o tudo e o nada se cruzam no além.....	92
<b>4 – Conclusão: Língua de coração não se escreve, é oral e perfeita .....</b>	<b>96</b>
<b>REFERENCIAL .....</b>	<b>103</b>
<b>GLOSSÁRIO.....</b>	<b>109</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>111</b>

## INTRODUÇÃO

### 1. E na hora em que se acorda, o sonho começa

“E escrevo como as aves redigem o seu voo: sem papel, sem caligrafia, apenas com luz e saudade. Palavras que, sendo minhas, não moraram nunca em mim.”

(Personagem Marta, no livro "Antes de Nascer o Mundo" de Mia Couto)

O trajeto que aqui é descrito começa em 2004, quando ingressei na Faculdade de Letras, na Universidade Federal do Rio Grande (FURG). E a partir daí, tem me oportunizado não apenas viajar por diferentes mundos e vidas, através da Literatura, como também reconhecer os mundos e vidas que por mim cruzam, diferenciando-se, ou igualando-se em vários níveis de igualdades.

A apresentação que aqui se segue respeitará a ordem em que me foram sendo chegados - ou presenteados - os dados necessários a esta intervenção social, os narradores, a intenção de pesquisa e a pesquisa. Portanto, Seu Beto aqui vem chegando.

#### 1.1. Seu Beto, o andarilho sonhador

Foi no ano de 2007, quando participava do Projeto Rondon<sup>1</sup>. A equipe de que fiz parte se dividiu em diferentes áreas, tentando fazer com que todos participassem de tudo. A mim,

---

<sup>1</sup>“O Projeto Rondon, coordenado pelo Ministério da Defesa, é um projeto de integração social que envolve a participação voluntária de estudantes universitários na busca de soluções que contribuam para o desenvolvimento sustentável de comunidades carentes e ampliem o bem-estar da população.”

coube a contação de histórias num asilo perto de onde fomos abrigados, e também, mais fortemente, a reciclagem. Saímos pela cidade de Dom Pedrito (Rio Grande do Sul/Brasil) com a finalidade de encontrarmos catadores de lixo para convidá-los a participar de uma oficina. Andando por uma parte periférica da cidade (na qual o prefeito havia sugerido que não fôssemos), encontrei seu Beto. Deparei-me, primeiramente, com um cartaz oferecendo o serviço de compra de materiais recicláveis. Cheguei ao portão e, ao tentar contato, fui inicialmente maltratada pela sua esposa, Dona Alite. Depois de explicar a minha presença ali e esclarecer que a prefeitura não tinha nenhuma influência sobre a visita, pude entrar pelo mesmo portão verde de que jamais terei de me distanciar.

Seu Beto chegou após eu e meu companheiro de equipe já estarmos sentados em sua residência, escutando as injustiças que eles estavam sofrendo naquele momento, com a imposição da legislação municipal, que os proibia de manter três porcos em seu quintal<sup>2</sup>.

A mesma coisa foi quando voltei pra cá<sup>3</sup>. Chamei um caminhão, coloquei minhas coisas dentro dele e um cachorro que eu gostava muito e vim pra cá. E aqui não tinha árvore, só tinha um sangão e uma ilhazinha, ali onde está a casa hoje. Isso há cinco anos atrás, quando eu vim pra cá; então eu sou muito de *quero ir embora*, e vou. Sem pensar. O Brasil é um país livre, e eu não tenho que dar explicação a ninguém, então a minha casa é onde a noite me pega. Acampe aqui e comecei a colocar pedra. Te digo o que tem debaixo dele. É um valetão. Coloquei pedra e areia e consegui fazer o que tem aqui (Gravação pessoal, seu Beto, maio de 2007)<sup>4</sup>.

Ocupou um terreno baldio longe da zona urbana e ali começou a se estruturar. A rixa com vizinhos – também catadores, porém menos organizados – foi a responsável pela denúncia dos suínos em seu pátio. (Ver figura 1) No entanto, nada que o impedisse de novamente driblar o sistema e continuar com a criação, cada vez maior, de animais em seu pátio.

---

Disponível em <http://projetorondon.paginaoficial.com/portal/index/pagina/id/343/area/C/module/default>. Acesso em 06 de fevereiro de 2012. Participei da Operação Rio Grande do Sul - 2007 que ocorreu de 26 de janeiro a 11 de fevereiro, totalizando 170 horas.

<sup>2</sup> Da reciclagem do lixo retiram alimentos para fervura e alimentação não apenas deles próprios, como dos porcos que são mantidos em seu quintal de forma higiênica e saudável. Ver Figura 1.

<sup>3</sup> Seu Beto fala sobre as andanças dele. *Cá* refere-se à fronteira. Por mais que Dom Pedrito não seja fronteira, é a cidade onde escolheu pra criar sua filha Manuela, após abandonar Rivera (cidade uruguaia que faz divisa com Santana do Livramento – RS)

<sup>4</sup> A transcrição respeitou o modo de fala dos personagens, não por enobrecer o desvio gramatical, mas por valorizar o conhecimento empírico que há nele.



**Figura 1. (a) Lavagem e (b) parte do chiqueiro mantido pela família**

Já neste primeiro contato minha *autoridade experiencial*<sup>5</sup> começou a ser conhecida e reconhecida, principalmente por mim, tendo em vista a visão social que seu Beto e sua família me despertaram. Posso dizer que foram eles os responsáveis pela abertura de olhos que querem enxergar e ouvidos que querem ouvir as injustiças que nós, como sociedade, causamos às pessoas menos privilegiadas social e economicamente. O projeto Rondon teve duração de quinze dias na cidade de Dom Pedrito, e após ter conhecido seu Beto, todo o meu trabalho se guiou a ele. As oficinas ocorreram em sua residência, com a participação da comunidade que ele próprio convidou. Nosso envolvimento foi emocional e muito forte. A separação, quando a equipe partiu, não ocorreu senão em meio a lágrimas. No ônibus, ainda pensando sobre todo o impacto que alguém estranho pôde causar em minha forma de ser e pensar, um colega, Felipe, me falou assim: “Renata, por que não transformas essa angústia em pesquisa?”

Assim começou o estudo etnográfico<sup>6</sup> que aqui apresento. A família de seu Beto faz parte de minhas pesquisas desde a graduação em Letras-Português (pesquisa – sem publicação - com orientação do Prof. Dr. Marcos Santos, do Departamento de Educação da USP,

<sup>5</sup> A autoridade experiencial está baseada numa “sensibilidade” para o contexto estrangeiro, uma espécie de conhecimento tácito acumulado, e um sentido agudo em relação ao estilo de um povo ou de um lugar. (CLIFFORD, 2002, p. 34/5)

<sup>6</sup> O método etnográfico aponta para uma ética de interação, de intervenção e de participação construída sobre a premissa da relativização. Guardadas as divergências teórico-analíticas, trata-se de toda uma geração de antropólogos ingleses, americanos e franceses que priorizou o ponto de vista do “outro” compreendido a partir do processo interativo em campo: o encontro intersubjetivo entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados. (ECKERT, 1996/97, P. 22)

envolvendo Seu Beto e Clarice Lispector) passando pela Especialização (resultando no artigo *Manuela, o futuro da delicadeza*<sup>7</sup>) até chegar aqui, no *Mestrado*<sup>8</sup>.

Uma das falas, primeiras e mais impactantes, desse velho catador de lixo, refere-se à forma como ele se denomina, comparando-se a sapos. Diz-me ele:

Aí nós coloquemo o nome dele de Frederico. Daí não demorou muito tempo apareceu outra, aí nós coloquemos o nome de Frederica. Então era o Frederico e a Frederica. Eu gostava deles porque eu tava tomando mate e eles tavam do lado da gente. E eu, pensando neles, comparei eles com a gente. Porque eles caçavam tudo que era inseto, tudo quanto que era mosca para se sustentarem. É a mesma coisa que a gente. A gente faz de tudo para sobreviver. É no lixo catando uma coisa, catando outra. Pra sobreviver. E aquele casal de sapo era a mesma coisa. Então nós cuidava aquele casal de sapo. Cuidemos até hoje, porque eles moram aí embaixo do piso. Mas agora eles já têm os filhos deles e já tão criando os filhos deles. Tem outros sapinhos pequenos aí que são filho dos sapos velhos. Mas, é um bicho tão inteligente que eles reconhecem a gente. Que ele conveve aqui com a gente e não faz nada. Não prejudica em nada, ao contrário nos livra do mosquito e da mosca. O animal é como um homem. O catador é como um sapo. O sapo cata mosca, cata mosquito pra sobreviver. E o homem cata lata, cata plástico, cata vidro pra sobreviver. A sociedade nos despreza, ela tem um grau de hipocrisia, que ela tá sabendo que ela precisa de nós, mas ela nos despreza, mesmo ela precisando de nós. Porque sem nós, eles morariam numa montanha de lixo. Sem nós. E nós, sem o sapo, viveríamos tapados de mosca. Então, este é o nosso papel. Nos catemo pra sociedade burguesa sobreviver, e o sapo cata mosca e inseto pra que eles não nos prejudique. Então, comparando, pra sociedade nós somos que nem o sapo. Que pra sociedade é um bicho asqueroso. E pra sociedade, nós também somu comparado com uma coisa asquerosa. Mas é a vida. É a vida, e ela nos ensina a viver assim, e assim que tem que ser. Aceitar o desprezo de alguém, às vezes, menor que a gente. Porque eles são menos útil que a gente, mas a gente tem que aceitar. (Gravação pessoal, seu Beto, maio de 2009)

A partir dessa metáfora, seu Beto afirma conhecer o lugar de rejeição, desprezo e marginalidade que ocupa. Veremos, no decorrer desta escrita, que seu posicionamento e reação aos fatos que foram formando a sua trajetória, muito se assemelham a situações e falas que a escritora Ana Paula Ribeiro Tavares – autora aqui em análise que logo será apresentada – elege e reinventa em suas narrativas, sejam elas relacionadas às suas personagens, sejam à sua própria trajetória.

<sup>7</sup> TROCA, R. Á. *Manuela: Futuro de uma delicadeza*. In: BUSSOLETTE, Denise. (Org.). *Outrar: destinos do pesquisar infâncias*. Pelotas: Editora Universitária - UFPel, 2009, p. 43-75.

<sup>8</sup> TROCA, R. Á. ; CHAIGAR, V. A. M. . *Literatura, histórias de vida e o ensino da vida das Geografias do "fim do mundo"*. In: PORTUGAL, Jussara Fraga; CHAIGAR, Vânia Alves Martins. (Org.). *Cartografia, cinema, literatura e outras linguagens no ensino da Geografia*. Curitiba: Editora CRV, 2012, p. 157-174.

TROCA, R. Á. ; BUSSOLETE, Denise . *Ana Paula Ribeiro de Tavares: o tempo feminino de espera - pra lá do cercado*. In: Alves, Marcia; Meira, Mrea.. (Org.). *Mulheres Trabalhadoras: olhares sobre fazeres femininos*. PELOTAS: Editora da Universitária/UFPel, 2012, p. 241-252.

TROCA, R. Á. .[www.telunb.com.br/mulhereliteratura/anais/wp-content/uploads/2012/01/renata\\_avila.pdf](http://www.telunb.com.br/mulhereliteratura/anais/wp-content/uploads/2012/01/renata_avila.pdf). In: *Seminário Mulher e Literatura, 2011, Brasília. Anais do Seminário Mulher e Literatura*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2012.

## 1.2. Ana Paula Tavares, semeadora de sonhos

Foi também em 2007 que a conheci<sup>9</sup>. Na única disciplina relacionada à Literatura Africana do quadro da FURG: Literatura Africana de Expressão Portuguesa, uma disciplina semestral ministrada pelo Professor Dr. José Luis Giovanoni Fornos. A avaliação consistiu em fazer um seminário sobre um dos autores estudados, e meu primeiro diálogo com Tavares assim se deu. Analisando poemas diversos e relacionando-os aos de Florbela Espanca e também à prosa de Clarice Lispector, cheguei a discussões inesquecíveis com os colegas.

Naquela época o que me chamava atenção na escrita de Tavares ainda não se referia ao senso crítico social, mas à sua feminilidade, à descrição de angústias femininas tão bem expressas em suas linhas.

Três anos mais tarde, em um café decisivo na minha vida, apresentei à orientadora meu projeto de pesquisa no Mestrado. Sabia que trabalharia com seu Beto, por ser ele o controlador de meus pensamentos naquele momento. Contudo, assimilar a rebeldia dele com o doce encanto de Tavares foi algo que não conseguiria admitir. Mesmo assim, procurei em Tavares – mais por simpatia do que por teimosia – algum resquício que me levasse ao seu Beto. Surpresa minha foi quando me deparei em suas crônicas com o mesmo tom de grito e dor refletido no discurso deste meu velho rebelde. A obra *A cabeça de Salomé*<sup>10</sup> virou meu livro de cabeceira. O *Sangue da Bunganvília* (1998), esgotado nas bancas, ainda não chegou em minhas mãos, por mais que ainda o esteja procurando.

O primeiro contato interpessoal com a escritora se deu em decorrência do *XIV Seminário Nacional e V Seminário Internacional Mulher e Literatura: Palavra e Poder/represent(ações) Literárias*, ocorrido em Brasília de 04 a 06 de agosto de 2011.. Por intermédio da equipe organizadora, obtive seu e-mail e após um pedido me seria concedida uma entrevista quando nos encontrássemos na capital nacional. Entretanto, por algum motivo burocrático, não pudemos ter a presença dela, e eu fiquei sem a entrevista. Desde então, mantenho-a atualizada sobre minhas pesquisas e descobertas. Uma nova entrevista foi

---

<sup>9</sup>Ana Paula Ribeiro Tavares nasceu no dia 30 de outubro de 1952, no Lubango, Huíla, província localizada ao sudoeste de Angola. É filha de Maria Emília, de descendência portuguesa, e de Geraldo Agostinho, de origem kwanyama. Desde os nove meses de idade, como era costume no contexto da situação colonial, foi criada pela madrinha, e da casa desta só saiu para casar. Começou o curso de História na Faculdade de Letras do Lubango (atualmente denominada ISCED-Lubango.) e concluiu o curso em Lisboa. Em 1996, também concluiu, pela mesma Universidade de Lisboa, o Mestrado em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Concluiu o Doutorado em História e Antropologia sobre Angola na Universidade Católica de Lisboa, onde também leciona Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Continua morando em Lisboa.

<sup>10</sup> TAVARES, Ana Paula. *A cabeça de Salomé*. Lisboa: Caminho, 2004



consentida, mas, devido à distância física, foi feita em estilo de perguntas diretas. Permaneço à espera de suas respostas, no anseio de continuar a aprender e apreender mais e mais sobre o mundo africano que ela performatiza.

### **1.3. Os sonhos anunciam outra realidade possível e os delírios outra razão<sup>11</sup>**

Esta é a intenção dessa pesquisa: apresentar a conversa existente entre nossos personagens, por mais que nunca tenham convivido ou estado um em território de outro. Posso entender esse cruzamento como resultado de um diálogo entre dois sujeitos empíricos e portadores, portanto, de duas representações. Há uma terceira representação ainda a contar, a minha, no momento em que os escuto, seleciono e “cruzo” as suas conversas e anseios. Tanto Paula Tavares quanto seu Beto apresentam uma visão macro e micro acerca dos fatos históricos que acompanharam e os compuseram. Ela, através de seus personagens e biografia, recria a guerra colonial de Angola (ocorrida de 1961 a 1975); ele, com sua memória e narrativa, recria sua participação nos anos de 1963 a 1972 na guerrilha Tupamaro no Uruguai e sua guerrilha particular referente à organização e fundação de um bairro na cidade de Porto Alegre (Rio Grande do Sul – Brasil) nos anos de 1970 a 1972.

Busco em James Clifford (2002) o entendimento do que pretendo expor como observadora participante, e por isso a importância de elucidar a minha representação dos textos apresentados e recriados por mim a partir deste encontro:

A observação participante serve como uma fórmula para o contínuo vaivém entre o “interior” e o “exterior” dos acontecimentos: de um lado, captando o sentido de ocorrências e gestos específicos, através da empatia; de outro, dá um passo atrás, para situar esses significados em contextos mais amplos. Acontecimentos singulares, assim, adquirem uma significação mais profunda ou mais geral, regras estruturais, e assim por diante. Entendida de modo literal, a observação-participante é uma fórmula paradoxal e enganosa, mas pode ser considerada seriamente se reformulada em termos hermenêuticos, como uma dialética entre experiência e interpretação. (CLIFFORD, 2002, p. 33/4)

É a minha interpretação que faz com que recrie as falas obtidas destes dois personagens. Seu Beto, ao narrar as suas memórias, cria um personagem que acredita ser representante daquele que foi no passado; da mesma forma, Ana Paula apresenta seus personagens literários e suas memórias de ex-colonizada criada por uma madrinha – que, veremos neste estudo, vem a ser uma das fontes de sua criação –.

Analisando os estudos de Ricoeur, Clifford nos diz:

---

<sup>11</sup> GALEANO, Eduardo. O livro dos abraços. tradução de Eric Nepomuceno. - 9. ed. - Porto. Alegre: L&PM, 2002

Ele [Ricoeur] simplesmente propõe uma relação necessária entre texto e o “mundo”. Um mundo não pode ser apreendido diretamente; ele é sempre inferido a partir de suas partes, e as partes devem ser separadas conceitual e perceptualmente do fluxo de experiência. Desse modo, a textualização gera sentido através de um movimento circular que isola e depois contextualiza um fato ou evento em sua realidade englobante. Um modo familiar de autoridade é gerado a partir da afirmação de que se estão representando mundos diferentes e significativos. A etnografia é a interpretação das culturas. (CLIFFORD, 2002, p. 40 – grifos do autor)

É o que me permite (re) criar uma narrativa a partir desses dois mundos distintos aproximando e igualando-os em determinados aspectos que serão debatidos em capítulos que se seguem, dentro de três temas macros: colonização, guerra e performance.

Clifford nos alerta que “para entender o discurso, você tem de ter estado lá, na presença do sujeito.” (CLIFFORD, 2002, p. 40), porém, a distinção que se segue ajuda a esclarecer e facilitar o bom entendimento desta pesquisa.

O texto, diferentemente do discurso, pode viajar se muito da escrita etnográfica, é produzido no campo, a real elaboração de uma etnografia é feita em outro lugar. Os dados constituídos em condições discursivas, dialógicas, são apropriados apenas através de formas textualizadas. (CLIFFORD, 2002, p. 40)

Uma das minhas grandes críticas no decorrer destes ensinamentos em campo foi me questionar sobre o travamento de escrita quando lá estou. As visitas, duas ou três vezes ao ano, duram cerca de 2 a 3 dias, e tenho tempo disponível para escrever depois de ter estado com eles o dia todo, e absorvido toda a vivência que sempre me aprisionou. No entanto, quando estou com seu Beto, somente um diário de campo me acompanha.

Em certo momento, no início da pesquisa, mostrei algumas anotações e deixei com ele, enquanto me ausentei da sala por algumas horas. Quando retornei, ele havia “arrancado” algumas páginas, como que se não concordasse com o que tinha lido.

Entendi mais maduramente esta ação de seu Beto quando li que “o processo de pesquisa é separado dos textos que ele gera e do mundo fictício que lhes cabe invocar. A realidade das situações discursivas e dos interlocutores é filtrada.” (CLIFFORD, 2002, p.42) Isso quer dizer que o filtro que fiz dessas primeiras e imaturas anotações não foi o que satisfiz ao meu interlocutor. Aprendi com isso que ele, por mais importante e digno de meu respeito que seja, não deveria ter acesso ao meu diário por ser este caderno meu espelho daquela realidade, e não poderia deixar-me influenciar pelas preferências desse meu autor discursivo.

O diário de campo, assim como a descrição etnográfica, são momentos singulares de internalização de formas culturais do comportamento “nativo”, pois é por meio da escrita que a voz do Outro se torna a base da “fala interior” do próprio antropólogo.

(...) a escrita etnográfica, ao configurar-se na própria tríade autor/tradutor/texto proporciona, ao antropólogo, a sistematização de seus pensamentos interiores e a construção de ações estáveis em relação à cultura e à sociedade pesquisadas. (ROCHA e ECKERT, 2005, p. 38/9)

E ainda completa Clifford:

Nem a experiência nem a atividade interpretativa do pesquisador científico podem ser consideradas inocentes, torna-se necessário conceber a etnografia não como a experiência e a interpretação de uma “outra” realidade circunscrita, mas sim como uma negociação construtiva envolvendo pelos menos dois, e muitas vezes mais, sujeitos conscientes e politicamente significativos. Paradigmas de experiência e interpretação estão dando lugar a paradigmas discursivos de diálogo e polifonia. (CLIFFORD, 2002, p.43)

A polifonia que aqui apresento ultrapassa o tempo cronológico, oceanos, culturas e sociedades. A composição final transforma-se em coerente, por mais que os dados iniciais – à primeira vista – sejam disformes e incoerentes. Isto acontece porque:

É tentador comparar o etnógrafo com o interprete literário (e esta comparação é cada vez mais um lugar-comum) – mas mais especificamente com o crítico tradicional, que encara como sua a tarefa de organizar os significados não controlados em um texto numa única intenção coerente (CLIFFORD, 2002, p. 41)

Não apenas comparo como mesclo o conhecimento etnógrafo com a capacidade de interpretação literária que em mim convivem e discutem. Sem nenhuma força consegui *organizar os significados não controlados* de Paula Tavares e seu Beto em *uma única intenção coerente*, conforme as palavras de Clifford, e são eles que nos dão a discussão que se segue. Também Rocha e Eckert contribuem para o fortalecimento do propósito desta mescla:

Os estudos de literatura revelam-se como uma rica fonte de aprendizagem sobre a arqueologia do gesto que orienta a escrita etnográfica em Antropologia. Ela própria um campo de conhecimento que se instaura na presença, no corpo dos postulados do mundo moderno, ainda que herdeira dos antigos relatos de viajantes, aventureiros e missionários. (ROCHA e ECKERT, 2005, p. 43)

Como se vê, Antropologia e Literatura convivem harmonicamente, desde que se tenha um interesse em comum, seja ele representado em forma de sujeito ou campo de pesquisa, em comum. E é a partir dessa convivência harmônica que os próximos capítulos seguem. Entre outros aspectos, selecionei dois em que os discursos se cruzam.

Os antropólogos, diz Clifford (2002), questionam-se a respeito do que tem sido mais importante, ou ainda mais evidente, no retorno de suas pesquisas: a realidade observada ou o texto por eles produzido? Percebo que se torna impossível reproduzir a realidade sem a minha interferência. O produto final, e alvo de apreciação crítica, é a leitura e é o meu texto também. As realidades que visualizo transformam-se no momento em que as recrio. O seu Beto que apresento não é o mesmo que dorme e acorda em Dom Pedrito, mas sim aquele que consigo transcriar, desde que começo a me deslocar para meu campo de pesquisa – isto é, a casa de seu Beto – até que começam a surgir as impressões que encontram o papel. Enfim, a harmonia entre Antropologia e Literatura é um processo que emerge desde os princípios da pesquisa até o seu texto final. Por isso, a "realidade" observada não é objetiva, mas objetivada a partir de um referencial teórico.

Entendo, com Geertz Glifford (2008), que o sentido desta pesquisa não consegue coerência com conectivos alternativos, somente assim será, se utilizar os aditivos. Quero dizer, o que importa aqui não é a realidade observada *ou* a realidade textual, mas uma *e* outra. Ambas se completam, sendo, portanto, incomensuráveis em sua importância neste processo de produção de conhecimento em texto.

Talvez essa harmonia se dê por conta do leitor modelo que aqui estou pensando. Umberto Eco, sobre as diferenças de leitores, discorre:

O leitor-modelo de uma história não é o leitor empírico. O leitor empírico é você, eu, todos nós, quando lemos um texto. Os leitores empíricos podem ler de várias formas, e não existe lei que determine como devem ler, porque em geral utilizam o texto como um receptáculo de suas próprias paixões, as quais podem ser exteriores ao texto ou provocadas pelo próprio texto. (ECO, 1994, p.14/5)

Quem serão os leitores dessas linhas de devaneio ou de pesquisa científica? Quando comecei a escrever, com toda a convicção, o leitor-modelo que tinha era eu mesma. Isto é, eu escrevia para mim. Precisava acreditar que o que eu fazia era sim pesquisa e tinha valor acadêmico. O fato de eu me envolver no que escrevo, de ter um tom melancólico ou mesmo

apaixonado nas linhas que teço, fazendo então, com que a escrita se distancie do que meus outros leitores esperariam ler.

É voltando à palavra propositalmente utilizada no início do parágrafo anterior que o próprio Umberto Eco me ajuda a dizer, desdizendo-me:

Ao caminhar pelo bosque, posso muito bem utilizar cada experiência e cada descoberta para aprender mais sobre a vida, sobre o passado e sobre o futuro. Sem embargo, considerando que um bosque é criado para todos, não posso procurar nele fatos e sentimentos que só a mim dizem respeito. (ECO, 1994, p. 16)

Fazendo uma avaliação crítica da minha percepção na hora em que escrevo, procurei me dar os freios necessários à segurança da aceitação e entendimento do que tento manifestar. No entanto, quando tento me limitar, não produzo da forma que acredito, que sei escrever, que gosto de escrever e quero escrever. Assim, estaria escrevendo sem me ter como leitora. E isso não seria justo nem comigo, nem com seu Beto, e tampouco com Ana Paula Tavares .

Eco continua suas definições até chegar ao autor-modelo que, segundo ele, cria uma “simetria com o leitor-modelo.” (ECO, 1994, p. 20) Uma vez que aceitamos essa regra do jogo, podemos até tomar a liberdade de dar um nome a essa voz, um nome de plume, como sugere o autor:

(...) com a permissão de vocês, acho que encontrei um lindo nome; Nerval. (...) Nerval não é um ele, assim como George Eliot não é um ela (só Mary Ann Evans era). Nerval poderia ser es, em alemão, it em inglês (infelizmente a gramática italiana me obriga a dar-lhe um gênero). Poderíamos dizer que esse it (...) no final de nossa leitura se identificará com o que toda a teoria estética chama de “estilo”. Sim, claro, no final pode-se reconhecer o autor-modelo também como um estilo. (ECO, 1994, p. 21 – grifos do autor)

Desta forma, entendo que o estilo de escrita que será visto nas próximas páginas não está em desacordo com o entendimento do público acadêmico, e, por mais que tenha envolvimento literário, os estudos e pesquisas aqui demonstrados recusam a nomeação de ficção; não por a considerar menor, que fique claro, mas por não ser este o propósito de uma dissertação.

## 2. O sistema colonial entre Ana Paula Tavares e seu Beto

Este capítulo traça as consequências que a colonização pode trazer, como opressão, assujeitamento, repressão, marginalização, silenciamento ou mesmo invisibilidade em um povo ou indivíduo. Assim como as formas de resistências, lutas, gritos, renúncias e libertações que o oprimido não assimilado tem como aliadas.

Antes, porém, é necessário conceitualizar e discutir o colonialismo português. É em Boaventura de Sousa e Santos que começo a pensar, por dizer ele: “(...) o colonialismo português, sendo protagonizado por um país semiperiférico, foi, ele próprio semiperiférico, um colonialismo com características subalternas, o que fez com que as colônias fossem colônias incertas de um colonialismo certo.” (SANTOS, 2010, p. 228). Pretendo com essa afirmação, ressaltar que o processo de colonização aqui discutido tem uma diferenciação em relação ao significado de colonialismo histórico mundial. E assim o faço com a intenção de filtrar a ação de Portugal sobre África para poder ressignificar, posteriormente, os aspectos do colonizado na figura de Seu Beto. Captar “a realidade sociológica, psicológica, intersubjetiva, emocional e das escalas em que se cristalizou (local, nacional, global) está por fazer. A dificuldade está (...) no fato de o ciclo colonial português ter sido, de todos os colonialismos europeus, o mais longo. (SANTOS, 2010, p. 232) Isso quer dizer que o país já vinha precedendo “em três séculos o colonialismo capitalista central do século XIX (...) [que] definiu as regras da prática colonial – drasticamente afirmadas na Conferência de Berlim (1884) e no Ultimatum – e do discurso colonial. (idem) Portugal caracteriza-se como um país semiperiférico, na visão do autor, porque

O conceito de colonial assente na historicidade de uma “longa” presença em África, defendido por Portugal contrastava, em meados do século XIX, com a ocupação agressiva do continente africano pelas potências europeias imperiais. Em 1890, e no auge de uma crise de disputa de espaços coloniais na região oriental de África, a Inglaterra formulou um *Ultimatum* a Portugal. Reconhecendo a fragilidade da sua situação periférica, Portugal, perante as pressões inglesas, retirou a sua pretensão sobre vários territórios. Esta decisão do governo de Portugal foi muito contestada no país, suscitando um forte movimento nacionalista. (SANTOS, 2010, p. 232- Grifos do autor)

Porém, mesmo com menos força, o colonialismo português não se manifestou somente no plano econômico, mas também no plano “das práticas quotidianas de convivência e de sobrevivência, de opressão e de resistência, de proximidade e de distância, no plano dos discursos e narrativas, no plano do senso comum e dos outros saberes, das emoções e dos afectos, dos sentimentos e das ideologias.” (SANTOS, 2010, p. 231/2)

É pensando nessas esferas dos “planos social, político, jurídico e cultural” (idem, p. 231) que vejo seu Beto vítima de um colonialismo tanto quanto as personagens de Tavares (e ela própria) o são. Por isso, busquei também em Ana Mafalda Leite elementos sobre colonialismo, cito:

O termo é passível de englobar além dos escritos provenientes das ex-colônias da Europa. O conjunto de práticas discursivas, em que predomina a resistência às ideologias colonialistas, implicando um alargamento do *corpus*, capaz de incluir outra textualidade que não apenas das literaturas emergentes. (LEITE, 2003, p.11)

Identifiquei nas palavras de Tavares uma forma de exemplificar resquícios de colonização quando intitulou a crônica “Elmira”, a qual descreve as formas de abandono, visão, criação, submissão e luta por sobrevivência desta localidade: “A sua voz secreta ainda pode ouvir-se, afogada na sua própria nudez, na décima quinta curva do Kwanza.” (TAVARES, 2004, p. 19).

Por mais que se tente silenciar a liberdade e a existência de um povo, esta tentativa só será vitoriosa quando este povo sentir-se oprimido e concordar com os moldes da opressão. Quando sentir-se nu e livre, conseguirá ouvir sua própria voz e manifestar seu poder de sobrevivência, pois ainda possui “A sua voz antiga [que] pode-se ouvir-se, nua e doce, na décima quinta curva do Kwanza.” (Idem)

É nesta mesma linha de raciocínio que Seu Beto entende que ser assujeitado ou não à opressão que lhe é imposta tem seus males e riscos, da mesma forma que glórias e felicidade. Narra-me ele sobre as escolhas que fez na vida, dentro e fora da prisão:

Nada na vida me causa remorso. Porque se tudo fiz, tudo fiz defendendo a própria vida e forçado pelas consequências da própria vida. Então nada me causa remorso. Como eu era um homem muito violento, muito decidido. (...) com o nascimento da minha filha eu abandonei tudo isso e fiz um novo Beto. Ai um Beto humilde, trabalhador, conformado com vida. É bem diferente. (...)  
A vida, mesmo dentro de uma prisão, ela era boa e valia a pena. Por que eu tava vivo. Eu tô lutando por liberdade. Eu faço vida ali. Então ela era boa. (...)  
Eu antigamente tava dentro de um presídio, tentando fugir ou conseguir um recurso, uma coisa, pra sair pra fora. Então eu tava feliz porque eu tava vivo e tinha um ideal pra lutar. Então, o meu ideal era alcançar a liberdade. Então, eu tinha que tá feliz porque eu tava lutando pra conseguir isso. E ao mesmo tempo eu tava lutando pra me manter vivo no meio de tantos que tavam ali desanimado com a vida. Que não tinham força de lutar pela própria liberdade, que tavam conformado com a situação. E eu não tava conformado. Eu tava lutando pra conseguir ultrapassar os muro dela. Mas aí eu era feliz porque (...) não tava conformado. (Seu Beto, trecho do documentário<sup>12</sup> O Homem-ovo, publicado em 22 de fevereiro de 2012)

<sup>12</sup> Documentário de minha autoria, citado mais além.

Escolher render-se ao sistema opressor foi a saída para ter uma vida mais tranquila e sem as ameaças de morte que frequentemente o acompanhavam. Seu Beto preferiu assujeitar-se ao sistema e desta forma estar vivo e forte para educar sua filha Manuela. Talvez seja este o motivo para a grande parte dos oprimidos se assujeitarem à opressão.

Esse raciocínio novamente refere-se à crônica de Tavares. Entendo que Elmira sobrevive porque “Na sua língua de dentro, servida por uma voz de moer silêncios, gravou, no coração, a palavra segredo.” (TAVARES, 2004, p. 18.) E por mais que precise escolher entre ser oprimida e saudável, ou revolucionária e feliz, apoiando-nos na compreensão de seu Beto, sabe que em sua memória há a evocação e a invocação da voz ainda viva e disponível à escolha, conforme nos encoraja Alfredo Bosi:

A possibilidade de enraizar no passado a experiência atual de um grupo se perfaz pelas mediações simbólicas. É o gesto, o canto, a dança, o rito, a oração, a fala que evoca, a fala que invoca. (BOSI, 1992: p.15)

Elmira nasce “lá onde o rio se aquieta para receber, domesticado, os rios mais pequenos, que do interior da terra o acompanhavam para juntar forças na décima quinta curva do rio.” (TAVARES, 2004, p. 17). Da mesma forma que o opressor sempre é menor (em termos de quantidade humana) do que o oprimido, Elmira também, diante aos aparelhos ideológicos e sistemas de opressão, é obrigada a se domesticar pelo inferior a ela. Pode ser que lhe faltasse acreditar que era capaz de ser livre, pois “nasceu de um impossível ovo chocado durante mais de dois anos.” (TAVARES, 2004, p.17) E, por isso, já estava “condenada ao eterno, à demora, à lentidão dos ciclos, ao governo do tempo entre amanhecer e crepúsculo.” (TAVARES, 2004, p.17).

## **2.1 Desamarrar as vozes, dessonhar os sonhos: escrever querendo revelar o real maravilhoso<sup>13</sup>**

Ana Paula Tavares coloca-me dúvidas e anseios em relação à história de África. Brinca com elementos históricos e geográficos que são tão seus, como angolana e historiadora, fazendo pesquisar, ir atrás de dados que, à primeira vista, parecem inverossímeis e posteriormente, diante de tal convencimento do narrador, deixa-me com um pé na história do outro na literatura.

---

<sup>13</sup>GALEANO, Eduardo. O livro dos abraços. tradução de Eric Nepomuceno. - 9. ed. - Porto. Alegre: L&PM, 2002



Através de um diálogo entre a história e literatura desta historiadora literata, interpreto suas metáforas e meios de expressar a luta e resistência aos sistemas coloniais existentes nas narrativas destes dois personagens. Com Ana Mafalda Leite, concordo que:

A terminologia teórica é dominante e obriga a uma deslocação entre várias áreas do saber; quem não a conhecer começa a ter alguma dificuldade teórica e crítica. (...) e o termo *post-colonialstudies* abrange questões tão complexas, variadas e interdisciplinares, como representação, sentido, valor, cânone, universalidade, diferença, hibridismo, etnicidade, identidade, diáspora, nacionalismo, zona de contacto, pós-modernismo, feminismo, educação, história, lugar, edição, ensino, etc., abarcando aquilo que se pode designar como uma *poética da cultura* e criando alguma instabilidade no domínio dos estudos literários tradicionais. (LEITE, 2003, p. 13/4 – grifos da autora)

É apostando nessa poética da cultura que primeiramente mostrarei que, através de uma mescla de “autobiografia coletiva<sup>14</sup>”, a autora utiliza-se de um jogo de imagens e palavras para falar não apenas de sua vida particular, mas de sua infância junto à (e na) comunidade de Lubango, Huíla.

Desde o seu primeiro livro – *Ritos de Passagem* – o eu-lírico assume a rebeldia do grito e denuncia práticas autoritárias oriundas tanto dos valores morais lusitanos como dos preceitos ditados pela tradição angolana. (SECCO, 2008, p. 198). Porém, seis anos após, em seu segundo livro de crônicas, já observamos - infelizmente – uma rouquidão neste grito, que continua firme, porém menos utópico:

Diz a tradição que o caçador de Ilunga, ao descobrir a verdadeira face do rei, se deitou por terra e perguntou:  
- Pai, o que é um velho?  
O rei respirou longamente o dia a começar e respondeu:  
- Filho, ser velho é ter vivido para cá das colinas em paz no meio dos rebanhos e das colmeias. Ser o velho é saber do silêncio. (TAVARES, 2004, p.111)

Em várias passagens, Ana Paula remete-se ao tempo do silêncio como àquele em que ainda não era necessário gritar. Considerando o meio século de colônia, entende-se que seja o tempo de colonização<sup>15</sup>, ou seja, anterior à guerra. Ser velho, enfim, é saber o que foi o país antes da luta por identidade e libertação – a qual ainda acontece.

E um pouco mais adiante, na última crônica do livro:

<sup>14</sup>Tratando de memória coletiva, Halbwachs dirá que: “Talvez seja possível admitir que um número enorme de lembranças reapareça porque os outros nos fazem recordá-las; também se há de convir que, mesmo não estando esses outros materialmente [ancestrais] presentes, se pode falar de memória coletiva quando evocamos um fato que tivesse lugar na vida de nosso grupo e que víamos, que vemos ainda agora no momento em que o recordamos [ou ainda presenciemos], do ponto de vista desse grupo. (HALBWACHS, 2006, p. 41)

<sup>15</sup> A República de Angola é, depois do Congo (Ex-Zaire), a maior nação ao sul do Saara. Com uma área de 1.246.700 Km<sup>2</sup>, foi durante quinhentos anos uma grande colônia portuguesa.

Dizem os velhos que já passou muito tempo por cima desse tempo e o tempo que se vê agora e só um bocado do corpo que envelhece (...) num altar que não é seu e o mel das caravanas está preso com as abelhas no quintal de todas as memórias. (TAVARES, 2004, p.142)

Quer dizer, os velhos conheceram o tempo do silêncio, porém não permaneceram nele. Vivenciaram toda a angústia, miséria e destruição pela qual toda a comunidade passou e dizem ainda que agora, o que resta, é o mínimo. A fome pequena<sup>16</sup> é um alívio perto do desacreditar de vida que a guerra trouxe a vários dos que sobreviveram a seus horrores.

Já em outro subcapítulo, “As trincheiras de Seu Beto”, mostrarei como Seu Beto buscou, através de violência e rebeldia, a sua libertação. Primeiro, familiar, depois ditatorial, e ainda penitencial. Porém, torna-se ainda submisso às leis e aos desejos destas três esferas de poder. Em relação à família, como já vimos, diz que antes do nascimento da filha era um e após Manuela nascer transformou-se em outro:

Hoje numa adaptação de uma nova vida, a Manuela faz parte dela. Ela me ajuda muito a me adaptar as coisas, por que ela freia meu instinto, ela me dá paciência para enfrentar as coisas, ela me ajuda muito... (Seu Beto, gravação pessoal, maio de 2010)

Em relação à luta que defendeu contra o sistema de ditadura no Uruguai, mostra-se arrependido e sem ter obtido a vitória que o movimento buscava, pois: “A desigualdade desmancha qualquer democracia.” (Seu Beto, gravação pessoal, maio de 2010). E ainda, da opressão militar, por mais que tenha se tornado independente dela há três anos apenas, depois de ter sido novamente detido por seis meses por conta de um processo de mais de vinte anos passados:

Os métodos de investigação da GESTAPA, órgão de investigação do Uruguai, eu carrego até hoje no meu corpo. Muitas vezes nos éramos afogados, outras choques elétricos, outras ainda com queimaduras na bunda com charuto. Eu tenho várias cicatrizes, muitas delas nas nádegas, de queimaduras de charuto, nas tortura. Então essa tortura faz parte do jogo. E assim era morrer por esse ideal, então, “Eu não sou!”. Sou apenas um trabalhador da pecuária. Eu trabalho no campo. Mesmo que eu, ali na esquina, eu tivesse explodido uma Secretária, eu tinha que jurar que eu não estava. Fazia parte da guerrilha, ser torturado. Como muitas vezes amigos morreram na tortura, e não denunciaram o grupo. (Seu Beto, gravação pessoal, maio de 2010)

Sendo também uma sobrevivente, Tavares inscreve em sua obra, vida e corpo a angústia, o orgulho e o prazer da cultura e das tradições angolanas traduzidas principalmente num corpo de mulher; no entanto, sem apresentar um discurso feminista e sim feminino:

O olhar feminino, que desde 1985, Ana Paula Tavares lança sobre o seu país através da sua poesia é de facto outro. Não se trata mais de um sujeito poético feminino que

<sup>16</sup> Como refere-se Tavares, na crônica “O vale dos Suicidas”. (2004, p. 142)

se posicionava na pele de alguém que está ao lado de quem masculinamente faz a guerra, a revolução, a nação; não se trata mais de um poema a rimar, como então, com revolução, alfabetização, povo ou nação. O tema é outro, a posição epistemológica do sujeito poético é outra, a fala é outra. (RIBEIRO, 2008, p. 2)

Disse a autora para a entrevistadora Suzana Ventura:

Suzana: - Por falar em mulheres, vamos falar um pouco de discurso feminino. Como é que você vê o discurso de gênero, a escrita feminina.

Ana Paula Tavares - Não tenho posições. Já tive muito radicais, sobre as questões de gênero. Hoje penso que a teoria avançou como naturalmente teria que ter avançado muito sobre estas questões de gênero. Agora, eu não desdenho que uma mulher escreve como mulher, e vê como mulher. E eu tenho vivências muito fortes e impressões muito fortes, quer do sítio onde eu nasci, quer das vivências fora do sítio onde eu nasci e eu penso que só as apreendi, só as vi de uma determinada maneira pelo fato de eu ser mulher. Não sei, não tenho a certeza se isto é bom ou mau. Agora, que eu fiz este aprendizado, que eu tenho estas visões, que eu escrevo assim pelo fato de ser mulher, é um fato.<sup>17</sup>

Este discurso feminino é tão impactante que o período de opressão e reeducação que engloba sua vida (madrinha portuguesa) e país (Sistema colonial) parecem ser quase nulos. A este respeito, a pesquisadora e professora da UFRJ, especialista em Literatura Africana Carmem Lúcia Tindó Secco, corrobora ainda ensinando que:

A distância temporal desfoca as coisas observadas e, como num zoom cinematográfico, fragmentos e ruínas de um passado ganham uma dimensão de proximidade, sendo revistos à luz de um presente, cuja transparência deixa entrever camadas antigas da história inscritas nas crostas da memória. A escavação desta descola o sujeito poético às matrizes étnicas primevas de sua terra, fazendo-o recuar a um tempo *vatwa/um tempo/sem tempo/antes da guerra/ das colheitas/ e das cerimônias*<sup>18</sup> (SECCO, 2008, p. 201)

Laura Padilha, referindo-se ao primeiro livro de crônicas, *O Sangue das buganvílias* (Praia/Mindelo – 1998) alerta que os textos reunidos foram apresentados na mídia portuguesa e cobrem o período de dois anos (1996 a início de 1998). Enfim, são textos produzidos e publicados em sua antiga metrópole, pouco tempo depois de sua independência, em que Ana Paula tem como tema básico das crônicas (...) questões ligadas a Angola, principalmente, e em segundo plano, a África de modo geral, formando um painel elucidativo da postura crítica da autora sobre os acontecimentos resgatados por sua fala. (PADILHA, 2002. p. 206).

Da mesma forma, assim ocorre em *A cabeça de Salomé*, ora em análise.

Já seu Beto, ao contrário de Paula Tavares, não esconde a face sexista que carrega, considerando-se o responsável pela organização, estrutura e futuro de sua família. Isto é, o

<sup>17</sup> Disponível em <http://cidinhadasilva.blogspot.com/2009/01/entrevista-com-escritora-angolana-ana.html> acesso em 15 de fevereiro de 2012.

<sup>18</sup> Tavares, 2001, p.10

pensamento machista o guia em suas ações. Entendo que esta foi a forma com que ele aprendeu a seguir e organizar sua vida. Lutando para sobreviver. É o machismo que veste que faz com que sua gana de luta e justiça esteja sempre presente em sua fala. Seu posicionamento crítico acerca de assuntos políticos de nosso país impacta pela maneira fria e racional de ver o mundo que esta sociedade está “moldando”. Talvez esta seja a maior diferença entre Seu Beto e Tavares.

Talvez o machismo, de forma crítica, esteja presente nos elementos apontados pela escritora angolana, e não o feminismo. Sempre me espantou, comparando Ana Paula com os outros escritores africanos – seja angolanos ou moçambicanos –, a ausência da figura do colonizador em sua obra narrativa. A historiadora enfatiza tempos pré e pós-coloniais, porém, o processo colonial; a hierarquia e suas consequências são quase que invisíveis em sua escrita. Para maior encanto, porém, nas próximas páginas (notadamente no subtítulo “A madrinha”) mostrarei que encontrei, quase sem querer, nas personagens femininas, principalmente na figura da madrinha, a representação do elemento colonizador, ou mesmo, mais claramente, do dominador de um povoado, que pode ser apenas a sua antiga colônia ou mesmo o continente inteiro. O que me faz pensar que a autora, utilizando-se então da dissimulação, consegue retratar muitas aflições, injustiças e desejos de uma África mais livre e bela; onde o sofrimento e o subdesenvolvimento de seu povo inexistam.

É interessante a escolha destas figuras na obra, pois, se relacionarmos vida  $x$  obra, é possível identificar a idêntica função de apagamento da memória de um lugar que é seu:

Eu tinha nascido numa sociedade colonial fundada quando o colonialismo começou a sério, portanto depois da Conferência de Berlim<sup>19</sup>, quando Portugal foi obrigado a ocupar o território, e começou com uma política de povoamento branco para Angola. (...) Era portanto uma sociedade em muitas sociedades e eu cresci no meio dessa confusão, sem perceber bem o que é que se passava ali. (...) Tive, portanto, o privilégio de ter nascido ali, de ter uma avó negra do Kuanhama, e uma avó branca de Castelo Branco, que me deu esta fala, a outra fala.(...) E por grande sorte minha descobri que já no século XIX, alguns missionários tinham perseguido esse ruído. Bem ou mal, tinham fixado formas desse ruído em narrativas, em poemas, mitos de fundação, epopeias... E assim eu pude ler – sabendo que havia ali uma traição – mas pude ler a memória daqueles povos. E pensei: Este é o meu caminho. Se eu conseguir fazer alguma coisa, é por aqui que eu vou. Não faço poemas etnográficos, eu faço ficção. Eu não vejo a minha terra como Sembene Ousmane, o grande realizador senegalês, dizia a Jean Rouch, o homem grande do outro cinema: «Tu filmas os africanos como gafanhotos, e só ficamos em pé de igualdade quando um dia eu conseguir filmar os europeus como gafanhotos». Eu não vejo a minha terra, estas mulheres, estes homens, estes pastores, como gafanhotos. Eu e a minha terra não nos separamos. Não uso todo este material a que felizmente tive acesso como

---

<sup>19</sup> A história da população primitiva da África Negra só começou a ser decifrada a partir do século XIX, quando o mapa do continente negro foi discutido intensamente na Conferência de Berlim de 1884.

uma fonte, onde eu vou debicar aqui ou ali. Eu tento incorporar muito deste material e saber como foi...

Eu que não fui uma mulher que passei pela iniciação, eu que sou uma mulher que só falo línguas imperiais... mas tenho ouvido o som de outras línguas, e portanto, eu não faço cópias: trabalho, canibalizo e devoro como muitos outros africanos fizeram. Esse é o trabalho que tento fazer: a incorporação de vários patrimônios, e se o meu olhar para ver o mundo é aquela terra, aquele espaço. (RIBEIRO, 2008, p.2)

Concordando com o que Jane Tutikian destaca em Fletcher sobre “fingimento do fato”, decorrente da produção de um efeito histórico-documental. (TUTIKIAN, 2006, p.16 e 2010, p, 85), volto à crítica literária de Antoine Compagnon para tentar justificar – principalmente a mim mesma – as páginas que se seguem:

certo que a morte do autor traz, como consequência, a polissemia do texto, a promoção do leitor, e uma liberdade de comentário até então desconhecida, mas, por falta de uma verdadeira reflexão sobre a natureza das relações de intenções e de interpretação, não é do leitor como substituto do autor de que estaria falando? Há sempre um autor: se não é Cervantes, é Pierre Ménard. (COMPAGNON, 2010, p.52)

Enfim, a leitura que se fez só foi possível porque o próprio texto permitiu. Espera-se que ao final deste tenha conseguido mostrar porque – a meu ver – Luandino Vieira, um dos maiores críticos do sistema colonial de Angola, aponta a escritora Paula Tavares como proprietária de um lugar respeitoso no Olímpio dos escritores angolanos.

Antes dela, porém, trago Seu Beto e suas formas de enfrentar o colonialismo que lhe atinge.

## **2.2 As trincheiras de Seu Beto**

Como veremos no capítulo 3, seu Beto não sabe ser fora da violência. Sua fala, agir, olhar, carinho e performance, enfim, são violentos. Uma violência que deixa marcas e também apaixonava. Apaixonava pois descobri que ele age assim porque foi assim que aprendeu a ser e viver. Enfim, sua violência não é maliciosa, mas sim defensiva.

Desde o início, a miséria que a família viveu fez dele e de seus irmãos vítimas de uma violência social que os marginalizava, excluía e colonizava. Como primeiro impacto, veio o êxodo rural, obrigando seu pai a ser carpinteiro na cidade de Santana do Livramento:

O meu pai, a minha mãe, a minha avó, todos são pequeno agricultor. A queima de carvão, a lenha de mato... porque tinha muito mato na propriedade... plantação de abóbora, de melancia... nós transportava de carreta pra cidade. Carreta de boi naquela época. A agricultura não deu mais para o sustento da família. Aí nós resolvemos morar na cidade. E nós fomos estudar na cidade e meu pai foi trabalhar de carpinteiro. Aí tinha as carroças de frete de uma madeireira que foi fundada em Livramento. A

Valentim Linhares. E ai, ele foi aperfeiçoando a profissão de carpinteiro. E o Valentim Linhares, dono na madeireira, fundou uma vila, a Vila Linhares, com mais ou menos, 120 casas de madeira que foram construídas pelo meu pai, pelos irmãos, pela família, pelos conhecidos que trabalhava com ele. E com o decorrer dos anos ele foi se aperfeiçoando e progredindo. Ai consegui dá estudo pra dezoito irmãos. E pra alimentação. Roupa. Então, ele se realizou porque ele conseguiu. Inclusive, ele conseguiu dar estudo pra todos os filho dele. Pra mim e pros outros irmão. Então, um homem que luta no trabalho braçal, consegui dá alimento, casa e estudo pros filho é uma grande coisa, é uma grande vitória. Ai meu pai tinha problema de coração. Morreu trabalhando, morreu na beira de uma serra-fita puxando um pranchão de eucalipto. Ai, o médico tinha proibido, e ele procejava. Ele era um homem persistente, ele não obedecia às regras médica. Ele disse: “- Não, vou morrer fumando e trabalhando.” Mas ai, ele parou de fumar, e aí a doença agravou. (Seu Beto, gravação Pessoal, março de 2011)

A primeira de todas as formas de colonização foi a exercida pelo pai, João Manuel Moreira. Com severa e dura educação criou os filhos para seguirem o seu caminho, e até mesmo com o mais rebelde de seus filhos conseguiu. Seu Beto, único a abandonar a família, segue o exemplo de seu pai na velhice. Com dois tumores malignos cerebrais e sérios problemas respiratórios, já foi alertado sobre o uso do cigarro e do excesso de trabalho, mas ainda assim, não deixa de tragar e trabalhar. Assume, sem cerimônia, que é isso que o mantém vivo, assim como manteve o seu pai. Também a profissão de carpinteiro acompanha nosso personagem ao longo de sua trajetória, sem dela, porém, fazer o seu sustento. Quando nos conhecemos, em 2007, além de catar lixo, ele tinha o mesmo tipo de serviço ilegal que fez seu pai ser preso: tráfico de madeira entre as fronteiras. Mas depois, além de traficar, também revendia o produto. Não foram poucas as vezes em que ele se referiu com orgulho deste progenitor com quem pouco conviveu. Quando ele morreu, seu Beto estava no Uruguai, longe e impossibilitado de voltar para perto de sua família. Sem dúvida, este é um dos grandes remorsos que carrega:

Quando meu pai morreu, eu recebi a notícia atrasado, para não me complicar. Fui receber a notícia uns seis dias depois, e mesmo assim, eles que me seguraram lá, por que eu ia vir pra cá e complicar tudo. (Seu Beto, Gravação pessoal, setembro de 2008)

E o maior reflexo da colonização sofrida por seu Beto hoje é a vontade de ser colonizador e não mais colonizado. Esse mesmo poder que o pai teve sobre ele, exerce sobre a família e quem mais estiver sob seu comando. Discussões intermináveis acontecem entre ele e Manuela, sua filha. Ela tão rebelde quanto ele, não se submete às vontades do pai e desta forma faz com que ele se sinta desafiado. É Dona Alite, o elemento neutro neste conflito, que faz com que o clima se acalme e o amor gigante existente nessa família volte a vigorar. Em muitas vezes, depois dessas discussões, principalmente quando a outra parte é sua esposa, Alite, e não Manuela, seu Beto sai de casa e some no mundo. Acompanhei o seu sumiço por

uma semana, e outra vez, três dias, quando retorna, sem uma palavra, nem de revolta, nem de perdão, apenas assume seu lugar perto do fogão a lenha que está sempre vago lhe esperando, e segue a rotina que tinha antes do conflito.

Após um incêndio que destruiu sua casa, seu Beto e dona Alite foram obrigados a morar no galpão onde guardavam a lavagem dos porcos. Cerca de três meses se passaram nesta situação, até que o patriarca proibiu a esposa de falar com Manuela, em resultado de uma nova discussão. Dona Alite, se negando, fez com que seu Beto abandonasse a casa, porém, desta vez, para morar noutra casebre já construído no pátio. Já faz mais de quarenta dias que assim estão, até a data de hoje – janeiro de 2013 - porém sei que em algum momento a paz voltará àquele depósito de orgulho e paixão em que mora Dona Alite.

Em alguns momentos, no entanto, a submissão desta mulher ao marido faz com que se pense no quanto se tornou dependente de sua vontade. Ela abandonou uma vida calma – e de salto alto, como gosta de enfatizar - para ao lado dele seguir perdida pelos caminhos que ele resolvesse seguir, morando na rua, catando lixo, fugindo de um passado que não era seu, mas que se tornou parte de seu presente. Dona Alite é a responsável pela “regeneração social” de seu Beto. Em meio a tiroteios e fugas, seu Beto pede um filho a ela, e ela consente desde que ele abandone o estilo de vida que levava. Assim nasce Manuela, após três abortos espontâneos ocorridos pela força física que a gestante era submetida para conseguir seguir até o próximo dia. Carregando caixotes de feira, em Porto Alegre, ou fugindo a cavalo, na fronteira, dona Alite não só acompanhou seu marido, como também criou seus outros filhos – do primeiro casamento – nesta vida que escolheu.

Assim seu Beto tem seus colonizados. Decidindo seus presentes e futuros. Impedindo Marelice, a filha mais velha, de estudar para ajudar na lida de casa, fazendo com que Valdir se inserisse na “guerra” contra os traficantes que seu Beto abraçou e assim ser vítima mortal deles. Fazendo com que Dona Alite nunca mais visse outras duas filhas, Edilene e Valdirene, e que não quisessem seguir com o marido que a mãe escolheu e permaneceram na capital gaúcha vivendo como funcionárias de fábrica de calçados, como sua mãe tinha sido anteriormente. Sobre as viagens e instabilidades, diz seu Beto:

Seu Beto: A última vinda faz oito ano, e acho que aqui vou ficar até o fim. Porque agora eu já consegui me desligar, me desliguei da justiça do Brasil há três anos atrás. (...) vai pra quatro ano. Ai não preciso mais sair daqui.

Renata: Ainda pensava que um dia ia sair?

Não, eu até que não pensava porque eu sabia que a lei, o código penal atual me amparava. O código penal atual me amparava. Então, eu sabia, se um dia eles me

colocassem as mãos, eu ia tirar uns dias presos e eles iam ter que me largar pela a caducação da pena. E foi o que aconteceu. Me botaram as mãos, eu tirei noventa dias presos e foram obrigados a me largar porque já tinha passado trinta ano. Agora sou livre, não pretendo mais. Mas foi uma vida muito linda. Cheia de aventura, cheia... Conheci Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai. Pra mim foi uma beleza. Conheci Mato Grosso. (Seu Beto, gravação pessoal, setembro de 2011.)

O relato que seu Beto se refere aponta para o sistema penitenciário, do qual sempre foi vítima. Continua ele:

Fui preso no Brasil quatro vez. E as quatro vezes eu fugi. Fugi uma vez da penitenciaria do Jacuí, fugi outra vez da cadeia de Cachoeira do Sul, fugi outra vez da cadeia de Livramento e fugi outra vez da cadeia de Uruguaiana. Não. Foi cinco vezes. E uma vez da cadeia de Quarai. Eu arrumava um jeito e por intermédio de dinheiro eu conseguia a fuga. Me ia pro Uruguai, me ia pra Argentina. Lá vivia um tempo, pra continuar sempre Brasil/Uruguai. Nunca perdi o contato com o Brasil. Tu vê, eu era foragido, há dezoito anos atrás. E era presidente de uma associação no Morro da Polícia, em Porto Alegre. Morava lá. E morei lá enquanto deu. Eu acho que é a mentalidade de um que faz a liberdade de um. Tu sabê te conduzi. É tu vivê no meio deles, e eles te procurando. E muita gente que vem tendo contato contigo sem nunca imaginar que tu não é aquela pessoa que tu tá apresentando. Que tu tem outra pessoa escondida. Então é assim, a vida é assim. Foi muito bom esses anos. (Seu Beto, gravação pessoal, setembro de 2011.)

Seu Beto fugiu da forma de colonização que a prisão lhe ocasionava, fazendo com que ele precisasse ser alguém que não era. Até onde esse “não ser, mas sendo” não pode ser comparado com os africanos que são assimilados? Tornando-se algo que é aceito na sociedade, seu Beto permanece sendo colonizado, pois a falsa liberdade o impede de ser o que ele realmente é:

Eu tenho cinco fuga, fugi cinco vez. E nenhuma das vez, eu reincidi no crime. Eu fugi pra minha liberdade, e pra sobreviver trabalhei de várias maneiras. Contrabandeie. Fiz várias coisas. Mas coisas honestas. Coisas que tavam comprovando que eu não era um delinquente. (Seu Beto, gravação pessoal, setembro de 2011)

As leis que nos regem fazem com que um homem como seu Beto, que aprendeu a ser livre sem respeitar a liberdade do próximo, nunca seja de fato livre. Estar em liberdade representa para ele mais a afronta à submissão governamental que sofria dentro da prisão do que o livre acesso à sociedade, uma vez que somente três anos atrás adquiriu a liberdade. Seu Beto segue com o que aprendeu dentro do sistema penitenciário e também, principalmente, fora dele:

Sou a favor de muito homicida que tão dentro de um presídio. Como eu sou um deles. Por que? Porque tive um motivo pra cometer. E eu achei justo o que eu fiz. Então, eu tenho que lutar pela liberdade, porque o meu crime, foi um crime que eu achei justo eu cometer.  
Então, eu admiro um ladrão. Por que? Por que ele roubou? Ele roubou porque tava com fome, ou porque a família dele tava necessitado, ou porque um filho tava com fome. Então, ele tinha um objetivo. E desde o momento em que ele é consciente que



ele cometeu aquele crime, ele vai conseguir a liberdade e talvez não volte a cometer outra vez aquele crime igual que ele cometeu. Então, tem chance de se tornar uma pessoa melhor no futuro.

A única classe que nunca me passou na garganta são os estuprador de criança. Esses não me passou pela garganta, nunca me passou pela garganta. E os traficantes, não gosto de traficante e não gosto de estuprador. Porque isso é uma doença, uma doença que ele vai retornar sempre a delinquir, sempre a cometer o mesmo crime. E é um crime que só leva à destruição da humanidade, do próprio ser humano. Ele destrói a si próprio. Ele destrói a juventude, destrói qualquer coisa. Uma criança que tem um sonho, uma menina que tem um sonho, no momento em que ela for estuprada, ela perdeu esse sonho desmoronou. E muitas vez, por um minuto de prazer. Então, eu sou contra, sou contra. (Seu Beto, gravação pessoal, setembro de 2011.)

Ainda sobre os traficantes, seu Beto relata o que pensa sobre a democracia existente em nosso país. Segundo ele, somos todos vítimas de uma falsa democracia (seria então, uma democracia colonial?):

Então, quando as escolas são poluída pela droga e o governo diz que não tem capacidade. - Como que não vai ter? Como que não vai ter? – de combater o tráfico? De combater a droga? Tem condições. Então ele não é um país democrático. Ele é um país democrático? Que ele diga e faça. Que diga que vai mexer na reforma agrária, e faça a reforma agrária. Ele diga que vai combater a violência e combata a violência. Ele diga que vai combater a droga e combata a droga. Mas não, isso aí é cabide de emprego. É cabide de emprego, sabe por quê? Porque um traficante que vai pra cadeia, e nós que trabalhamos de pedreiro, nós que trabalhamos de carpinteiro, nós que trabalhamos de sangueiro, nós temos que alimentar esse traficante; alimentar o salário desse juiz; alimentar o salário desse promotor e alimentar o salário desse advogado. Depois vem a classe baixa que é alimentar os brigadianos, que é a segurança externa. E depois vem a outra classe, agente penitenciário, que é a guarda interna. E tudo isso é mantido por quem? Por nosso imposto, que já ganhamo um salário miserável e ainda paguemo imposto. Paguemo imposto pra quê? Pra alimentar esse tipo de gente numa prisão. Por que eles não combatem o tóxico? Por quê? Porque eles não botam o exército na rua. Porque eles não exigem, porque eles não trancam as fronteiras, porque isso aí é cabide de emprego. Isso aí, a democracia nunca vai vencer, porque depois que se tornou uma democracia virou uma bagacerada. O crime organizado funciona abertamente no Brasil. No Brasil e no exterior. Não é só no Brasil. A droga é aberta no Brasil e no exterior. Então, quer dizer, eu entendo a democracia uma coisa mais pura. Uma coisa que dê segurança e cidadania ao povo. Um trabalho digno, um salário digno. Porque aí não vai precisar fazer esse monte de bobagem, pois tem um salário que dá pra ele se manter. (Seu Beto, gravação pessoal, setembro de 2011.)

E ainda falando sobre a decepção com a democracia vigente em nosso país, chegamos ao terceiro tipo de colonização sofrida por ele, a ditatorial:

Então, a desigualdade desmancha qualquer democracia. A desigualdade desmancha qualquer democracia.

Porque que os políticos votam o mesmo salário, eles votam as próprias condições de trabalho e por que o operário não tem esse direito? Então, não pode ser uma democracia. Olha aqui, oh, o tempo do militarismo, - faço mal em dizer, faço mal em dizer porque eu sempre quis a democracia, - mas o tempo do militarismo, o pobre vivia melhor do que agora. E não tinha bolsa família e nada, nada, do governo. Ele trabalhava com os braço, e vivia melhor do que agora. Quando eu era jovem, tinha dos meus 15 aos 20 anos, o meu pai conseguiu criar dezoito filho, todos com saúde, com comida e com roupa. Hoje em dia, a ilusão da juventude é grife,

porque antes a gente vestia uma bombacha de bolsa branca, um pijaminha de pelúcia, agora, a nossa barriguinha andava cheia. E o nosso caderninho pra estudar, nós tinha. E agora, a geração de agora, ela tem tudo. Tem uma roupa de grife, ela tem um tênis de grife, uma mesada, porque papai é burguês e dá uma mesada pro filho. (Seu Beto, gravação pessoal, setembro de 2011)

A ditadura não foi uma prisão para seu Beto por motivos políticos ou sociais, mas sim pelos motivos pessoais que o fizeram entrar no país - Uruguai – de forma clandestina e assim permanecer durante os dois anos em que foi militante da causa tupamaro<sup>20</sup>. Fugindo do primeiro homicídio que cometeu, torna-se dependente do grupo para sobreviver, pois: “Os clandestinos tinham que se juntar a eles porque era foragido daqui. Então, se ficar o bicho pega, se correr o bicho come.” (Seu Beto, gravação pessoal, setembro de 2011) A partir daí, cresce o sentimento de humanismo social deste nosso personagem. Partilha das derrotas e conquistas do grupo como um todo e por todos, sofre a tortura como guerrilheiro.

### 2.3 As trincheiras de Ana Paula Tavares

Nem é preciso falar de dor para transmitir seu grito:  
elas chegam em silêncio e abraçam o  
Luachimo para sempre.  
*Ana Paula Tavares*

De um passado sofrido e violento, a historiadora e escritora angolana Ana Paula Tavares nasce. Com obras em poesia e prosa, a autora nos presenteia com uma literatura rica em performances de seu povo. Tradição, história, personagens anônimos de sua comunidade ganham não apenas espaço, mas também respeito nas linhas ordenadas por Tavares. A obra *A cabeça de Salomé* (Caminho, 2004) foi escolhida para análise neste trabalho, por nela conseguir visualizar bem as marcas de constituição da identidade do povo africano, tão bem expressadas por Albert Memmi.

Lendo *os Retratos* de Memmi<sup>21</sup> (2007, 2007a), percebemos que o processo pessoal enfrentado pela autora – nascida nos anos cinquenta, e por isso vítima do colonialismo - influencia não apenas nas marcas mais explícitas de sua obra, como também naquelas que estão nas entrelinhas.

A partir de pesquisas virtuais<sup>22</sup>, tive como confirmar a existência de vários dos personagens ‘comuns’ trazidos por Tavares, como *Domingas Angelino* (TAVARES, 2004, p.

<sup>20</sup> Movimento contra a ditadura no Uruguai.

<sup>21</sup> *O retrato do colonizado precedido do retrato do colonizador e O Retrato do descolonizado.*

<sup>22</sup> Discussões em diversos blogues acerca da ‘casa de Dona Domingas Argelino’, ‘Casa Redonda’, a igreja (católica) e escola em que foi criada e educada. Disponível, entre

107/110) ou o *tipógrafo* que é citado em várias de suas crônicas, mas que ganha maior evidência em *O meu encontro, à porta fechada, com a beleza*<sup>23</sup> (TAVARES, 2004, p. 31/32), o que comprova o interesse pelo saber empírico da comunidade em que foi criada.

Neste sentido, também existem, desde então, para o colonizado, outras urgências além da matemática e da física, e até mesmo da técnica. É preciso restituir, com vistas a este movimento de redescobertas de si mesmo de todo um povo, a ferramenta mais apropriada, aquela que encontra o caminho mais curto de sua alma, porque vem diretamente dela. E esse caminho é, sim, o das palavras de amor e ternura, da cólica e da indignação, das palavras empregadas pelo oleiro que fala com seus vasos ou pelo sapateiro que se dirige às suas solas. Mais tarde, o ensino, mais tarde as belas-letas e as ciências. (MEMMI, 2007a, p.175/6)

E ainda podemos, para concordar com Memmi (2007a), compartilhar o pensamento de Stuart Hall ao afirmar que as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são (trans)formadas no interior da representação (HALL, 2004, p. 49)

Sendo a literatura uma forte arma de representação, é justo ampararmo-nos em Hall, pois continua ele:

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso - um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. (...) As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre "a nação", sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. (HALL, 2004, p.50)

É com frequência que encontramos nesta obra de Paula Tavares (2004) inúmeras referências à Casa Redonda, por exemplo, que é sempre um lugar onde estão idosos (“Maria Madalena” – p.21-22), ou onde acontece algum tipo de celebração (“A menina dos ovos de ouro” – p.71/4), evidenciando o culto à tradição e o respeito aos mais velhos; características que tão bem evidenciam o povo africano.

Alertamos, no entanto, que Tavares tenta minimizar, nestas crônicas saudosistas, referências ou mesmo incentivo ao patriotismo, à luta pela terra, à liberdade; elementos prioritariamente marcados em outros textos seus. Conforme já havia dito Hall:

O discurso da cultura nacional não é, assim, tão moderno como aparenta ser. Ele constrói identidades que são colocadas, de modo ambíguo, entre o passado e o futuro. Ele se equilibra entre a tentação por retornar a glórias passadas e o impulso por avançar ainda mais em direção à modernidade. As culturas nacionais são

---

outros,em:[http://www.sanzalangola.com/galeria/albuo26/14\\_Church\\_in\\_Lubango\\_Cedida\\_por\\_Paula\\_Mendon](http://www.sanzalangola.com/galeria/albuo26/14_Church_in_Lubango_Cedida_por_Paula_Mendon), acesso em 24 de fevereiro de 2012.

<sup>23</sup>Nesta crônica há referência ao “Homem-ovo” que aqui, posteriormente, será comparado ao seu Beto.

tentadas, algumas vezes, a se voltar para o passado, a recuar defensivamente para aquele "tempo perdido", quando a nação era "grande"; são tentadas a restaurar as identidades passadas. Este constitui o elemento regressivo, anacrônico, da estória da cultura nacional. Mas frequentemente esse mesmo retorno ao passado oculta uma luta para mobilizar as "pessoas" para que purifiquem suas fileiras, para que expulsem os "outros" que ameaçam sua identidade e para que se preparem para uma nova marcha para a frente. (HALL, 2004, p.56)

Podemos trazer a crônica “A cor das vozes” (TAVARES, 2004, p.115-118), em que a escritora apresenta-nos “A senhora de mãos de seda”. Trata-se de uma personagem que aparece em várias de suas crônicas – assim como outros personagens – porém, neste texto, a protagonista é responsável por decifrar vozes. Diz-nos o narrador, já no início da crônica:

A senhora das mãos de seda colocou no cesto da tradição, por ordem, as tintas antigas. Amassou com dedos finos, tacula e lápis-lazuli, moídos sem pressa com gestos longos nos dormentes esquecidos das antigas casas da aldeia. (TAVARES, 2004, p.115)

E, a seguir, “a senhora das mãos de seda amarrou o sopro das vozes dentro do cesto de adivinhação e inventou o mundo a partir das relações entre os diferentes sons.” (TAVARES, 2004, p.115) Podemos assim dizer que, ao contrário da mulher apresentada na crônica “À volta dos Jacarandás” (TAVARES, 2004, p.49-50), que analisaremos mais tarde, esta senhora busca a harmonia entre as diferentes vozes que compõem o mundo. Para isso, ela experimenta:

a escrita das pedras, a escrita na areia, o alfabeto grego, a escrita tiffinagh e a revelação dos sonhos transcrita directamente dos símbolos mais perfeitos. Aprendeu a bordar tapetes showa, veludos do Congo, esteiras com provérbios escritos. Coleccionou as fibras de todas as espécies vegetais, mesmo as aparentemente desaparecidas dos mapas mais à mão. (TAVARES, 2004, p.116)

Assim, Tavares vai à origem das origens dos tempos buscar as vozes que inauguram as culturas e tradições. No decorrer do texto, notamos que se trata da cultura africana apenas, e por isso evidenciamos que o conflito que aqui vai se desenhando não se refere ao colonial, e sim ao tribal, que muito é responsável pela desarticulação deste país independente. Hall aponta acertadamente um conceito de raça que bem aqui se encaixa:

A raça é uma categoria *discursiva* e não uma categoria biológica. Isto é, ela é a categoria organizadora daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais (discursos) que utilizam um conjunto frouxo, frequentemente pouco específico, (...) — como *marcas simbólicas*, a fim de diferenciar socialmente um grupo de outro. (HALL, 2004, p.63 – Grifos do autor)

É este o dificultoso trabalho da senhora de mãos de seda. Tentar mostrar a seu povo que não é por ter nascido em tal ou tal tribo que se transformam em seres diferentes e opositores uns dos outros. Por isso a personagem deve ser uma ‘senhora’: por conter a riqueza

de cultivar a história e a tradição, e não uma jovem com afoitos (e) sonhos de liberdade, que sua pátria tanto exala. Foi necessário paciência para a decifração das vozes, pois

Dava trabalho estar em silêncio, quando tempestades de flores desciam lentas por dentro das *nossas* cabeças. Tábuas de símbolos apresentavam-se para ler, mas o livro de decifração dos provérbios não estava todo escrito.

Foi necessário seguir, sempre quieta e em silêncio, o trilho da água no deserto, encontrar o coração da madeira no centro da floresta. (...) Conseguiu todos os negros do veludo, encontrou os peixes da origem, assistiu à passagem dos camelos e descobriu as histórias (...)

Depois a senhora acendeu cada palavra à luz que lhe convinha, pálida e tímida, como a chama da candeia de óleo da palma, doce e magoada como a fogueira da caça controlada, forte e terrível como o punhal sem bainha à procura de leite no peito dos irmãos. (...) descobriu o fio das vozes e não ilustra, ilumina com seus óleos de seda, as palavras perdidas de tantas vozes em português (TAVARES, 2004, p.116/7 – grifo meu)

Vê-se, no trecho destacado, apenas uma referência ao narrador em primeira pessoa, pois as “tempestades de flores” desciam não apenas na cabeça da senhora, mas em todo o povo africano. Pergunto-me: o que seria essa tempestade?, pois o paradoxo alerta que não são inocentes as palavras ali expostas.

Sabendo-se em guerra e cultuando a paz, talvez eu possa ler essa tempestade como a forte fonte de riqueza cultural que os diferentes povos têm, e não apenas sua vontade de matar.

Observamos também, no decorrer do trecho, que a palavra pode ser dura como o punhal. Esta, que é a única referência de ‘luta’ no texto, não evidencia a guerra dos povos e sim, somente, a dureza que as palavras também podem expressar. A sutileza empenhada pela autora não nos permite enriquecer mais o ato do punhal do que a existência da própria palavra.

Dito isso, em contraposição, trazemos a mãe cega de Inocência, em “À volta dos Jacarandás”:

Questões de orientação e disciplina obrigaram-me a procurar, no presente, razões de ser e tradição. E o que a tradição me devolve nem sempre é bonito de ser ver: um território de falas antigas, partilhado com pessoas e animais de pouca estimação; um bestiário que não serve à roda dos ventos das boas intenções e arde infernos que ninguém quer apagar. (TAVARES, 2004, p. 49-50)

A mãe coruja a quem foi permitido ver a floresta a arder e que tem um inesperado Mayombe ferido para carregar, telhados de vidros, quer ver que seus filhos são e serão sempre os jovens mais bonitos da floresta, [desperta desta inocência apenas quando caximbanda responde-lhe]:

“Muito mãe e cega deves andar para não ver que os teus filhos já não são os mais bonitos da floresta. Transformaram-se em lobos e perseguem cordeiros na margem de cima do rio.” (TAVARES, 2004, p. 50).

Assim consigo ver que a sutileza e dissimulação da inocência de um povo pode existir para aqueles que não querem perceber a guerra que vive em quem dela é vítima. Para concluir a interpretação desta crônica, nada mais justo que trazer a fala agressiva e rebelde de Memmi ao afirmar que “Pois - infelizmente é assim - a história, hoje, está vestida como militar.” (MEMMI, 2007a, p.136)

É com esse pensamento unificador, também fascista, que os filhos dessa cega mãe lutam em um tribalismo dentro de uma mesma nação. O que evidencia, na escrita de Paula Tavares, a objetividade - e até frieza – ao elencar a realidade violenta de seu povo.

E, mais uma vez, Hall vem ao nosso encontro:

Novas nações são, então, fundadas sobre esses mitos. (Digo "mitos" porque, como foi o caso com muitas nações africanas que emergiram depois da descolonização, o que precedeu à colonização não foi "uma única nação, um único povo", mas muitas culturas e sociedades tribais diferentes). A identidade nacional é também muitas vezes simbolicamente baseada na idéia de *um povo ou folk puro, original*. Mas, nas realidades do desenvolvimento nacional, é raramente esse povo (*folk*) primordial que persiste ou que exercita o poder. (HALL, 2004, p.55)

Assim, vimos que em África, ainda hoje, não existe uma nação unificada, ou mesmo, que aceite as suas diferenças. Vê-se, nesse continente, sangrentas disputas com origens apenas étnicas. Há/houve uma verdadeira tentativa de “apagar” da memória milhares de tribos, assim como, tempos atrás, Hitler tentou fazer.

Já em “Em Durban, o soldado” (TAVARES, 2004, p. 139-140), Tavares aponta para a visão do colonizador, corroborando com o que Albert Memmi defende ao longo do *Retrato do Colonizador*<sup>24</sup> (2007) ao analisar friamente as ações e pensamentos dos que saíram da metrópole para a colônia: o colonialismo se faz diariamente e em diversas situações; entre o colonizador que vive na colônia, por exemplo, e que só por não ser “nativo” diferencia-se dos colonizados em termos de direitos e oportunidades de crescimento, o que vem de acordo novamente com Stuart Hall, quando afirma que:

há a *narrativa da nação*, tal como é contada e recontada nas histórias e nas literaturas nacionais, na mídia e na cultura popular(...) Ela dá significado e importância à nossa monótona existência, conectando nossas vidas cotidianas com um destino nacional que preexiste a nós e continua existindo após nossa morte. (HALL, 2004, p.52 – Grifo do autor)

<sup>24</sup> Obra que precede o *Retrato do colonizado*.

A angolana, em “Peregrinações” (TAVARES, 2004, p. 23- 25), nos ensina que “Toda a gente pode ser herói, ainda que o seja só do seu caminho, quantas vezes sem regresso, tantas vezes mal escolhido. Atalhos na lavra da vida?” (TAVARES, 2004, p.24) É pensando nesses atalhos que Memmi elenca diferentes tipos de colonizadores e ainda os diferencia do termo colonialista. Segundo ele, somente os colonizadores que assumem uma posição hierárquica, racista, fascista diante aos colonizados transformam-se em colonialistas. O tunisiano ainda descreve a dificuldade em desertar, ou em ser adotado pelos colonizados, para que, enfim, possa não carregar o peso da culpa de toda a sua nação diariamente com aqueles que divide o suor do dia e do pão. Não existe, ainda segundo Memmi, colonizador ingênuo e descredulo de sua diferença social do colonizado, mesmo que, na colônia, o metropolitano não exerça um cargo ou função “importante”, pois:

A metrópole só é tão grande porque está além do horizonte e permite valorizar a existência e o comportamento do colonialista. Se ele voltasse para lá, ela perderia seu sublime; e ele deixaria de ser um homem superior: se ele é tudo na colônia, na metrópole o colonialista sabe que não seria nada; lá, ele seria novamente um homem qualquer. De fato, a noção de metrópole é comparativa. Reduzida a si mesma, ela se desvaneceria e arruinaria ao mesmo tempo a sobre-humanidade do colonialista. É apenas na colônia, porque ali ele possui uma metrópole e seus habitantes não, que o colonialista é temido e admirado. Como se poderia abandonar o único lugar do mundo em que, sem que seja o fundador de uma cidade ou um herói de guerra, é ainda possível batizar vilarejos e legar o próprio nome à geografia? Sem sequer temer o simples ridículo ou a cólera dos habitantes, uma vez que a opinião deles não conta; lugar em que todos os dias se tem a prova eufórica da própria potência e da própria importância? (MEMMI, 2007a, p.98)

Uma das sempre presentes inquietações nesta pesquisa foi saber o porquê Tavares, diferentemente de outros autores africanos de língua portuguesa de sua época - sejam angolanos ou moçambicanos, como os conhecidos Mia Couto, Pepetela ou mesmo Luandino Vieira – não expressa com objetividade e grito as dores e urgências de seu povo enquanto colonizado. Vemos em sua obra a violência da história manifesta na vida cotidiana, privada (faceta das guerras que os escritores engajados ou macro-históricos esquecem), a ruína de dentro e a metáfora da ruína exterior. Porém, não vemos, explicitamente nesta obra, o seu engajamento político diante do sistema colonial.

Junto com Michel Foucault pergunto (e espero que me responda) de onde vem; peço que a autora preste contas da unidade de texto posta sob seu nome, que revele a mim e a ti, leitor, ou mesmo que sustente, o sentido oculto que o atravessa; pede-se que ela articule seu texto com sua vida pessoal e suas experiências vividas, com a história real que o viu nascer. “O autor é aquele que dá a inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de

coerência, sua inserção no real.” (FOUCAULT, 2010, p. 27-28) A primeira evidência e talvez a mais triste encontra-se nas palavras de Tânia Macêdo, que nos diz:

Apenas da importância das mulheres na luta que levou à independência das jovens nações africanas e, posteriormente, na consolidação desses países, as vozes femininas são poucas. As causas são as mais variadas, mas talvez pudéssemos avançar uma hipótese que aponta para a falta de visibilidade da produção escrita feminina, ou seja, essa produção existe – ainda que tímida – porém tem recebido pouca atenção da crítica especializada, o que leva muitas vezes ao seu silenciamento. (MACÊDO, 2003, p. 156)

No pequeno espaço ocupado pelo feminino na Literatura mundial, Tavares tem se mostrado, assim conseguimos perceber através de Alfredo Bosi, que responde a algumas de nossas inquietações:

O homem de ação, o educador ou o político que interfere diretamente na trama social, julgando-a e, não raro, pelejando para alterá-la, só o faz enquanto é movido por valores. Estes, por seu turno, repelem e combatem os antivalores respectivos. O valor é objeto da intencionalidade da vontade, é a força propulsora das suas ações. O valor está no fim da ação, como seu objetivo; e está no começo dela enquanto é *sua* motivação. Exemplos de valores e antivalores são: liberdade e despotismo; igualdade e iniquidade; sinceridade e hipocrisia; coragem e covardia; fidelidade e traição etc.

Valores e antivalores não existem em abstrato, isto é, absolutamente. (...) Os poetas os captam e os exprimem mediante imagens, figuras, timbres de vozes, gestos, formas portadoras de sentimentos que experimentamos em nós ou pressentimos no outro. (BOSI, 2002 p.120 - Grifos do autor)

Pois bem, intenciono nas próximas linhas, apresentar uma leitura da autora tão atuante quanto seus irmãos de guerra, utilizando, porém, as entrelinhas como suas trincheiras. De onde ela ataca se protegendo, porém sem medo de mostrar-se ao inimigo que está tão próximo. Próximo a ponto de ser a figura da madrinha – quem criou e aculturou a autora, como dirá Bosi logo a seguir – a escolhida como representante do poder opositor; no caso, do colonizador, e bem se pode entender, se conseguirmos relacionar as duas figuras como agentes de cultura. “Aculturar um povo se traduziria, afinal, em sujeitá-lo ou, no melhor dos casos, adaptá-lo (...) a um certo padrão tido como superior.”(BOSI, 1992, p.17). Porém os antivalores estão no amor e na dedicação a esta madrinha que proporcionou à criança Ana Paula estudos e condições de se transformar no que é hoje.

## 2.4 O cesto de adivinhações

O canto dos escravos e dos contratados ficou  
gravado no eco das montanhas e nas  
tatuagens antigas que marcam  
rostos de seda vidrados  
pelo tempo.  
*Ana Paula Tavares*



Escolhi nomear assim estes escritos por ter aprendido - como será mencionado posteriormente - com a autora Paula Tavares que este cesto é um

pequeno labirinto organizado por mãos treinadas pelo tempo (...) [e que] Depois de pronto, fica a envelhecer, enquanto se vai enchendo de objectos que o povoam, estabelecendo, entre si, relações de entendimento.(TAVARES, 2004, p. 33)

E assim desejo que seja este texto: um recorte da coleção de fatos vindos com o tempo que caracterizam o povo e a cultura africanos.

Vimos a história da África contada de diferentes e incoerentes formas. Por isso, Carlos Moore (2010) aqui nos guia, num primeiro momento, pelo fato de o autor ter escolhido a versão do leão e não a do caçador<sup>25</sup> na sofrida trajetória de constituição/caça do povo africano. Nos termos de Margarida Calafate Ribeiro:

nas margens dos discursos eurocêntricos, existiram sempre outras vozes, outras nomeações da terra (...) outras versões nunca escutadas e, portanto, por vezes, nem sequer silenciadas, mas antes nunca ouvidas.”(RIBEIRO, 2010, p. 143)

Elencando dados históricos, Moore nos aponta a sangrenta luta por libertação de um povo que já era tomado como escravo muito antes de Napoleão Bonaparte nascer. Sabendo que o presente não se faz sem a marca do passado, sem ser moldado por este, não há como falar em África sem falar em dor, morte, sofrimento, ausências, conquistas e vitórias destes povos que trazem as marcas da escravatura no olhar. Também Paula Tavares, procurando alívio, simplifica o presente como algo “melhor” do que já foi: “O tempo que se vê agora é só um bocado do corpo que envelhece. (...) Agora é o tempo da fome pequena e diária.” (TAVARES, 2004, p.142)

No entanto, não posso esquecer também que o continente africano não ofereceu somente mão-de-obra escrava para os países que lá iam (vão) explorar. Dos 48 minerais do mundo considerados estratégicos, 38 são encontrados em África. É dessa forma que o interesse das grandes potências fere a profunda pobreza e a débil estrutura militar que os 53 países africanos têm em sua proteção (MOORE, 2010, p. 32). Tavares relata-nos também a triste realidade dos mineradores que muitas vezes perdem sua vida buscando não somente um pouco de dignidade, mas uma forma de submanter a própria vida, por isso diz-nos a autora: “A terra deu aqui mais de duas dobras para esconder o manto de cristais que se anicham do

---

<sup>25</sup> Parafraçando o dito popular africano. “Até que os leões tenham suas histórias, os contos de caça glorificarão sempre o caçador.”

seu ventre.” (TAVARES, 2004, p. 141). Infelizmente, faltaram dobras que afastassem a cobiça internacional.

Porém, a imagem de África – este que é o berço de toda a humanidade e das primeiras civilizações mundiais, o lugar onde o ser humano erigiu sociedades baseadas na cooperação solidária (MOORE, 2010, p. 52) –, na história, é escravista. Recorrendo à memória, a primeira imagem que temos é de africanos como eternos escravos.

Os “tráficos negreiros” começaram antes do século IX d.C., bem antes que os europeus pensassem em sair da Europa. No século XVI, quando se inicia o tráfico pelo Atlântico, já haviam saído da África, para serem escravizados no Oriente Médio e na Ásia Meridional, **dezenas de milhões** de africanos. (...) Estamos evocando mil e quinhentos anos de intensos tráficos de pessoas negras por mercadores, aventureiros e imperialistas não-negros. (MOORE, 2010, p. 53 – Grifos do autor)

É neste clima que se dá início à diáspora africana. Moore segue na trajetória histórico-geográfica dos nativos do continente africano desde o século XVII, quando, sob o comando de um religioso branco, ocorreram as primeiras grandes revoltas e insurreições negras de nossa história. Coube a Ali Muhamed o mérito de ter se erguido contra o Império Abássida, colocando-se à frente da maior das empreitadas realizadas por escravos na história antes da Revolução do Haiti, em 1804. (MOORE, 2010, p. 54).

E nessas conquistas e perdas de liberdade e territórios, os africanos também começaram a se estabelecer pelos continentes invasores, surgindo o pan-africanismo:

ideologia política criada fora da África pelos grandes pensadores da diáspora – predicava que a diáspora e a África tinham um destino comum; que a emancipação dos afro-americanos não podia ser desvinculada da emancipação dos povos do continente ancestral e vice-versa. (MOORE, 2010, p. 70)

A ideologia pan-africanista foi aceita por vários outros povos do continente africano; centenas de líderes africanos “orgânicos” também articularam seus atos antiimperialistas e anticolonialistas diretamente às realidades das populações autóctones. Ainda na primeira metade do século XX, aconteciam explosões de nacionalismo pan-africanista, sendo sempre reprimidas com impiedosa violência. Muitas aldeias e camponeses foram devastados sem defesa alguma, em nome da construção de independência, ocorrida primeiramente em Gana (1957). Porém, o imperialismo francês sofreu o mesmo perigo com as ideias de Barthélemy Boganda, uma vez que foi ele o idealizador da constituição dos “Estados Unidos da África Latina”, a partir das quatro colônias que, até então, constituíam a chamada África Equatorial

Francesa: República Centro Africana, Congo Brazzaville, Chade e Gabão. (MOORE, 2010, p. 74)

De 1957 a 1960, todos os países africanos – com exceção das colônias portuguesas – já haviam conseguido a sua independência, mesmo que com a morte de grandes nomes responsáveis por este feito. Assim:

Entre 1957, data da independência de Gana, e 1987, data do assassinato do último dirigente declaradamente pan-africanista, **trinta e cinco** dirigentes africanos nacionalistas e pan-africanistas foram assassinados. Esses líderes, insubstituíveis em sua maioria, foram ultimados diretamente pelas potências ocidentais ou através de seus lacaios locais. Ou seja, nas primeiras três décadas da descolonização, o continente africano perdeu seus mais importantes e talentosos líderes, estes foram substituídos por dirigentes politicamente inexpressivos a serviço das grandes potências imperiais do planeta. (MOORE, 2010, p. 81 – Grifo do autor)

Percebe-se uma África dividida entre políticas antipopulares praticadas pela maioria dos chefes de Estado africanos e pelas elites desse continente (claro, políticas que conflitam com os interesses de seus povos) e políticas praticadas pela força da sociedade civil, esmagadas pela opressão dos primeiros. Diz-nos o autor (MOORE, 2010, p. 89) que é no meio desses dois polos que se situa o eixo de qualquer tipo de cooperação com o continente africano que a diáspora tentaria estabelecer. É com esse pensamento que Moore conclui que somente com uma parceria entre a sociedade civil das diásporas e a sociedade civil africana é que se poderá encontrar os verdadeiros interessados no continente africano (...) fundando entre elas, um órgão não-governamental superior África-Diáspora que seria responsável pela fiscalização dos países envolvidos.

## 2.5 A Madrinha: a ruína que vem de dentro

O passado também nos devora  
*Maria Concepción Garcia Saiz*<sup>26</sup>

Tavares usa de uma grande sutileza e disfarce para conseguir denunciar as injustiças que percebe em sua nação de origem; e por isso não se pode afirmar que as contradições do colonialismo que desfiguram tanto o colonizador quanto o colonizado, devoram suas entranhas, dilaceram memória e identidade encontradas em sua obra tenham sido intencionais. Na poesia, a autora apresenta aspectos mais diretos e doídos ao leitor, quando fala da violência e da opressão que as mulheres sofrem, por exemplo; ou ainda da solidão e do abandono que a guerra causou a várias famílias.

<sup>26</sup> Epígrafe da crônica *As madrinhas*, Tavares, 2004 p. 89 e 90

Usarei os poemas<sup>27</sup> “Tecidos” e “Os antepassados usam o espelho todas as noites” para nos ajudar a exemplificar a diferença de sua escrita:

*Tecidos*<sup>28</sup>

*Meu corpo*

*É um tear vertical*

*Onde deixaste cruzadas*

*As cores da tua vida: duas faixas um losango*

*Marcas da peste.*

*Meu corpo*

*É uma floresta fechada*

*Onde escondeste o caminho*

*Depois de te perderes*

*Guardaste a chave e o provérbio.*

*Os antepassados usam o espelho todas as noites*<sup>29</sup>

*Eh! Olha a aldeia dos nossos antepassados*

*A verdadeira aldeia sombreada de palmeiras*

*Que nos obrigaram a abandonar*

*Eh! Os antepassados*

*Eh! Os nossos antepassados*

*Mais as aldeias que nos obrigam a abandonar*

*As aldeias sombreadas de palmeiras*

*Eh! O conjunto tão bonito das nossas aldeias*

*Eh! A aldeia tão bonita dos nossos antepassados*

*Que nos obrigam a abandonar*

*Os antepassados usam espelhos todas as noites*

Vê-se no primeiro poema o luto de uma amada pela perda de seu amado. O abandono causado não diretamente pela guerra, mas por uma das consequências destas: a peste. Restou somente a floresta virgem do corpo de quem espera o provérbio que jamais chegará a ser dito.

Já no segundo, além do culto aos antepassados, está nítido o desamparo pelo abandono de suas terras. Antepassados e aldeias são representantes de tradições e culturas corrompidas pelo processo colonial, que deixa apenas o espelho da memória aos antepassados.

<sup>27</sup>Em alguns momentos farei uso dos poemas de Tavares para me apoiar na fundamentação interpretativa de suas narrativas. Confirmo aqui, no entanto, que meu alvo de estudo são as crônicas e não os poemas da autora.

<sup>28</sup>TAVARES, 2001. p.14

<sup>29</sup>TAVARES, 2003. p.13.

Porém, nas crônicas em estudo aqui, há a mescla da denúncia direta, como “Em Durban, o Soldado”: “Assim, o soldado que me disse: ‘Angola? Andei lá a combater contra vocês e contra a Swapo e, quando fecho os olhos, elas, as crianças, chegam em silêncio e velam para que não durma, nunca mais durma.’” (TAVARES, 2004, p 140). Ou há ainda o recado e o recato das entrelinhas, que é a preferência da autora.

Estudando a sua biografia, aprendemos que desde cedo - nove meses de idade - ela foi criada por uma madrinha mais abastada e não em seu leito materno – como é comum na África da fome e desnutrição.

Eu sou urbana, não nasci na cidade, nasci numa aldeia, mas muito miúda fui para a casa de uma madrinha colona e que vivia segundo as normas do viver... ela vivia como se vivesse em Portugal. Eu tenho dela uma memória muito terna, pois cuidou de mim desde que eu tinha poucos meses de idade. Ela foi para Angola nos anos 20 e reproduziu logo que pode, logo que teve algum dinheiro, a quinta que havia deixado em Portugal, portanto ali naquela casa vivia-se como se se vivesse em Portugal.<sup>30</sup>

Ao evidenciarmos a madrinha da autora como uma portuguesa que vive idealizando sua metrópole na colônia, seria prudente e necessário observar que em várias de suas crônicas surge a metáfora de colonialista vinculada a ela: a metáfora pode passar despercebida num primeiro momento, porém, numa análise mais profunda, descobriremos horrores e dores, ditos numa forma de não dizer<sup>31</sup>.

Em “As madrinhas”, Tavares desabafa o mesmo desencontro cultural e tradicional:

As madrinhas instituíam uma cadeia entre o mundo vegetal – laranja, maboques, mangas, óleo de palma, e animal – afilhadas, sobrinhas, protegidas e outros seres, criando as palavras rigorosas e os métodos de leitura dos caminhos interiores dos sinais e mistérios, anéis perdidos na esconjuração do medo e do mau-olhado. Nós tínhamos nascido quase nada ainda, pequenas sombras no risco de cimento da cidade em construção. (TAVARES, 2004, p.90)

Rita Chaves<sup>32</sup>, analisando o livro em questão, no ano de 2007, já nos alertava que “São as madrinhas empenhadas nas várias formas de iniciação, ensinando a diluição das fronteiras entre os vários reinos” (CHAVES, 2007 p. 3). Teria a coragem, eu, de complementá-la dizendo que sim, é uma forma de iniciação, mas talvez a iniciação colonial.

<sup>30</sup> Disponível em <http://cidinhadasilva.blogspot.com/2009/01/entrevista-com-escritora-angolana-ana.html> Acesso em 15 de fevereiro de 2012.

<sup>31</sup> Faz-se necessário ressaltar que esta é uma interpretação minha e não há certificação alguma de que a autora intencione utilizar essa metáfora comparativa.

<sup>32</sup> Disponível em [http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia\\_id=13295](http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=13295) Acesso em 15 de fevereiro de 2012.

A crônica “Zé Miúdo” é um de seus exemplos:

No quintal da madrinha desaguavam garotos, como gatos vadios em busca de restos de peixe e afecto. A madrinha governava-lhes o corpo e o espírito, ao centímetro quadrado, com a mesma precisão – olhos, mão leve, pouco sono – com que governava a casa, os animais e a fábrica.

O tempo era onde a madrinha gostava de exercer a sua profissão de governar. E o tempo, pelo menos assim pensavam os miúdos, parecia só dela, instituída guardiã e condutora (...)

Governar o tempo dos outros era, assim, matéria da sua especialidade e exercício de enorme aplicação. Tinha vasto território para treinar, porque a casa se prolongava em jardim, o jardim em horta, a horta em pomar e mais uns baldios, onde crescia livre o capim dos animais. (...)

A madrinha via tudo por turnos, dividindo os dias em pedaços: hora do banho, hora dos cabelos, tempo dos dentes. Era uma lenta descida à câmara de torturas, com gritos “ai madrinha”, cheiros a sabão e creolina.

Aos domingos, a madrinha esmerava-se: punha os óculos de ver ao perto e a vistoria descia ao milímetro quadrado (...) por causa da hora da missa. Uma gota de perfume no lenço, cuidadosamente guardado na mão, completava o quadro e a aflição. (TAVARES, 2004, p. 95/96)

Percebo aqui as exatas características do colonizador e também do colonizado, submisso por falta de opção e por questão de sobrevivência, conforme aponta Memmi (2007a): o controle do tempo e das ações do colonizado na mão de uma única pessoa que se autodenomina condutora.

Veremos também que a religiosidade católica, ou seja, do colonizador, não é um elemento neutro na crônica, e sim denúncia da perda de identidade e da assimilação da cultura do outro, cada vez mais onipotente. Ir à missa é uma característica de um povo que já não acredita mais em sua tradição e cultura. Por se tratar de crianças, inclusive, acreditamos que essa desmotivação ocorre porque o colonizado, ao não se considerar como cidadão, também perde a esperança de ver seu filho tornar-se um cidadão. Enfim, sem aprender que deve, nada sugerirá ao jovem colonizado a segurança, o orgulho de sua cidadania. Ele não esperará suas vantagens, nem será preparado para assumir seus encargos. (MEMMI, 2007a, p.137/8)

É na adolescência que o jovem se alertará para a pacífica condição familiar, restando-lhe apenas a revolta como ato sadio e indispensável ao acabamento de si mesmo. (MEMMI, 2007a, p. 138). E é aqui que se apresenta o Zé Miúdo, voltando à crônica luso-africana. É ele que lê, quando a madrinha está dormindo,

em quase música, as historias multiplicadas dos únicos sete livros que a madrinha possuía. Não era importante que Zé Miúdo não soubesse ler. De todos nós, era o menos domesticável, como o gato Trinca-Espinhas. Dizia: “Sou da linhagem.. Reparem nos olhos amarelos e no corpo extensível. “ (...) O Zé Miúdo sentava-se em pleno domínio da tarde, aclarava a voz para dentro, mais afinada para o silêncio ou a meia-voz, não fosse a madrinha acordar, e levava toda a gente pela mão, em busca de tesouros perdidos, a escutar a água debaixo a tempestade. (...)

O Zé Miúdo cruzava histórias de unicórnios azuis com a vida da vaca Estrelinha, cujo leite gordo e espesso nos alimentava a infância, juntamente com os bezerros que paria, “nossos irmãos de leite”, dizia. (TAVARES, 2004, p.97)

Stuart Hall, baseado em Gellner, nos diz também que:

A identidade nacional é representada como primordial - "está lá, na verdadeira natureza das coisas", algumas vezes adormecida, mas sempre pronta para ser "acordada" de sua "longa, persistente e misteriosa sonolência", para reassumir sua inquebrantável existência (Gellner, 1983, p. 48). Os elementos essenciais do caráter nacional permanecem imutáveis, apesar de todas as vicissitudes da história. Está lá desde o nascimento, unificado e contínuo, "imutável" ao longo de todas as mudanças, eterno. (HALL, 2004, p.53)

No entanto, essa rebeldia de *gato Trinca-Espinha* logo será calada pela supremacia dos *gatos vadios* que sucumbiram à colonização, pois, a vida da colônia é petrificada; suas estruturas são, a um só tempo, cerceadas e esclerosadas. Nenhum papel novo se oferece ao jovem, nenhuma invenção é possível. Isso porque:

O colonizador é levado a favorecer os elementos mais retrógrados. Ele não é o único responsável por essa mumificação da sociedade colonizada; é com relativa boa-fé que sustenta que ela é independente de sua vontade. Ela decorre amplamente, porém, da situação colonial. Não sendo senhora de seu destino, não sendo mais sua própria legisladora, não dispendo de sua organização, a sociedade colonizada não consegue mais harmonizar suas instituições com suas necessidades profundas. Ora, são essas necessidades que modelam o rosto organizacional de toda sociedade normal, ao menos relativamente. (MEMMI, 2007a, p.139)

É por isso que, no meio de elementos mágicos, Zé Miúdo traz aquela que sustenta o leite transformador, que acolhe todos como irmãos. Ele representa o “rebelde” por se considerar “da linhagem”, o que consegue ver além do que os olhos alcançam e a quem ainda é permitido sonhar.

Conhece lugares onde nunca esteve, mas que a convivência com o colonizador fez com que imaginasse, como a neve retratada em suas histórias. O colonizado rebelde transforma-se em minoria, em voz não ouvida perante a massa de pessoas que concordaram em ser submissas a esta força colonial. Por isso que as histórias de Zé Miúdo acabam sempre três quartos de hora, antes da madrinha acordar, e novamente tomar o tempo para si, mantendo as coisas como ela deseja.

Na crônica “Licor de tangerina”, a madrinha novamente aparece com seu quintal.

Tudo no quintal da madrinha fazia sentido (as rosas para os sábados e o cemitério, as laranjas para a mesa e para os miúdos, flores, folhas, cascas e pós para os remédios e as essências), excepto aquela árvore e um galo chamado Claude Junior. Gerações de Claude Júnior (no meu tempo, era décimo) tinham crescido ali, com direito a milho especial e à preguiça. A madrinha nunca quis falar de um tempo de corpos de anjos,

sob noites de gaze e de um nome estranho, Claude, que habitam um passado iniciado a bordo do paquete Império e perdido para sempre debaixo de três sinais importantes: a mangueira velha, os galos com o mesmo nome e a raiva da madrinha. (TAVARES, 2004, p. 131-132)

O Paquete Império, integrante da Companhia Colonial de Navegação, era responsável por trazer e levar tropas e mantimentos da metrópole para a colônia ou vice-versa. Assim sendo e conhecendo a insatisfação da madrinha em estar na colônia, é fácil a associação de ser este o navio responsável pela separação da personagem principal daquilo que tanto preza, aqui representado pela figura de um homem, com nome francês Claude.

Assisti e não esqueço, a algumas poucas partidas do Império. Os soldados, fardados, mistura de medo, euforia, lágrimas, aventura, juntavam-se nas amuradas do navio aos outros passageiros e tripulantes, debitando promessas, beijos, adeus, acenos, lenços, aos que no cais se amontoavam num último olhar. Poucos minutos antes da partida do navio, os primeiros choros, os primeiros gritos. Depois é uma cadência de detalhes que ditam a partida.

Chegada a hora, uma coisa é esperarmos algo acontecer, a outra é ela estar a acontecer. Irreversível.

O estrondo da sirene do navio que apanha os incautos de surpresa, o subir o portaló, as amarras soltas, os rebocadores posicionados, e nos altifalantes do cais, uma música inequívoca, para lembrar a todos o propósito daquela viagem: o hino "Angola é nossa".<sup>33</sup>

Vendo ainda a madrinha como elemento colonizador na colônia, a conciliar a subordinação e os traumas de abandono do que é seu - a madrinha sente-se abandonada, assim como o colonizador na terra que não é sua – expostos em forma de “raiva” diante dos seus colonizados imediatos. Portanto, seria evidente que a madrinha mantivesse

Todo o resto, incluindo as nossas vidas, programado segundo o seu particular manual de instruções dividido em duas partes. A dos crimes perfeitos e a da vida cotidiana com algumas receitas.” (TAVARES, 2004, p. 132)

Também em “O milhafre”, Tavares coloca a madrinha dominando as crianças em seu quintal. Diz-nos ela:

A madrinha apresentou-nos ao mesmo tempo o medo e o milhafre. Não sei bem que época do ano ou das nossas vidas era, mas deve ter sido pouco antes da primeira colheita, porque uma pequena penugem, sensível ao frio e à falta de ninho, ainda nos atravessava os corpos, as veias da cabeça eram visíveis à vista desarmada e o jogo das palavras não chegava ao cacimbo. (TAVARES, 2004, p.63)

Nesta crônica, as crianças têm “conhecimento rasteiro como o capim que conhecíamos de cor e servia para treinar nossos dentes de leite, nossas barrigas inchadas e nossos primeiros exercícios de pé descalço sobre a terra.” (TAVARES, 2004, p.63/4) É com a inocência infantil que agora aprende a enxergar que a autora dialoga.

<sup>33</sup> Disponível em <http://imperioccn.blogspot.com/2009/04/blog-post.html> Acesso em: 14 fevereiro de 2012.



A madrinha reuniu todos os miúdos e não era sobre pão e leite o que tinha para nos dizer. Seus olhos agudos deixavam emergir um segredo qualquer, que as mãos e as palavras tratavam de esconder. Os cães da casa ladravam baixinho, enquanto os gansos, a uma ordem rápida, partiam, de andar pesado e pescoço tenso, para debaixo do telheiro, no fundo do quintal. Nossa noção de pássaro obedecia ainda à cor e à perfeição dos cento e vinte canários, (...), que a madrinha mantinha presos em gaiolas douradas, sustentados a alpista, alface-de-todos-os-dias, pão com leite e casca de ovo, que os miúdos trituravam ao sábado, guardando depois em frascos alinhados na despensa. (TAVARES, 2004, p.64)

A partir de uma leitura atenta, podemos apreender aqui a figura de um quartel, onde recrutas estão sendo treinados para enfrentar o milhafre – pássaro europeu –, portanto, os soldados europeus. Os canários que a madrinha mantinha presos podem ser entendidos como soldados inimigos e de grande valor, uma vez que são bem tratados. O que inquieta e faz pensar são as atitudes da madrinha perante os seus soldados, notadamente africanos. Pois ela:

Primeiro escaldou-nos o corpo e arrancou as penas para podermos crescer à vontade. Entretanto, foi-se ocupando a treinar-nos os olhos. Começamos, logo no primeiro dia, por olhar o chão e, para além do capim, descobrir as formigas. A madrinha dizia “vejam como trabalham” e nós ríamos nos pequenos pensamentos: “Como pode trabalhar alguém que anda em filas, anda, anda e não faz nada...” (TAVARES, 2004, p.64/5)

Notamos que mesmo na fala inocente de uma criança, o narrador traz referência às tropas que andam, andam em fila e não sabem para o que trabalham/matam. Enfim, tropas são o que a madrinha desejava. Tropas de espantalhos:

O trabalho e o treino da madrinha começou a ficar claro: preparava-nos para espantalhos, querendo manter longe da colheita os pássaros, a doninha e o porco-espinho. Quando já tínhamos ganho, entre palavras e silêncios, o medo e seus territórios, nosso olho, adestrado, percebeu o milhafre. Ainda não sabíamos nada de aviões, pedigree, nem alta-costura. Mas, enquanto a madrinha nos treinava para espantar pássaros, nossos olhos, no corpo imóvel, corriam a morrer na precisão do voo, na rapidez do mergulho, na transparência amarela do olho. (TAVARES, 2004, p. 65)

A madrinha aqui representa mais uma vez a autoridade colonial. O que mais deixa o leitor em dúvida, no entanto, é que essa autoridade colonial está treinando um exército africano, porém tem atitudes em defesa europeia. O que é certo, porém, é que a madrinha treina os miúdos para combater aos pássaros, a doninha e o porco-espinho, sem a infraestrutura e a técnica (aviões, pedigree, nem alta-costura) de que os exércitos lusitanos dispunham e não aos milhafres, como o narrador tão bem diferencia na sequência do trecho. Também, os miúdos aprendem autodidatas, com o próprio pássaro europeu, ao vê-lo voando, ou seja, lutando. Não é a toa que:

o rosto atual das jovens nações ainda porta a marca de seu passado colonial, assim como a de sua história própria. (...) Os oficiais indianos ou jordinianos usam a

mesma boina que os britânicos, e as tropas de choque africanas a mesma boina dos pára-quedistas franceses, que a tomaram dos americanos (MEMMI, 2007, p.39)

Assim sendo, o que nos impede de pensar que os milhafres podem ser o mesmo que estes pára-quedistas franceses que ensinaram a precisão do voo, a rapidez do mergulho e a transparência amarela do olho aos soldados africanos? Também, a crônica finaliza salientando uma falha da madrinha no “adestramento” dos espantalhos que ela tinha sob o seu comando, pois: “A madrinha prolongava-nos o corpo para espantar pássaros e milhafres, mas deixava que a alma se iniciasse no alfabeto do voo, geometria, devoração e rapina”. (TAVARES, 2004, p. 65)

Para finalizar, em “O mapa do Natal”, Tavares traz o processo de fundação de sua terra natal, Lubango, com início em 18 de outubro de 1884. Assim ela visualizou esse processo traçado por Marquês de Sá da Bandeira, Ministro da Marinha e Ultramar:

Lentamente, a casa separou-se do bosque e da montanha. A madrinha começou pelos currais e pelos silos grandes, que alinhou longe do nó das águas. Perdida a esperança de encontrar a rota das minas e passajada a serra por todos os caminhos a pé e em carro de bois, dedicou-se a domesticar o espaço: currais, celeiros, campos e o sítio das pessoas. A madrinha deixou o lugar de fim da viagem, Junto ao chão da Chela, para ficar mais perto do nascedouro dos rios, para conseguir estabelecer as quatro pontas de um mapa da terra e da sua vida, guardado no armário dos esqueletos, dentro do caderno azul. (TAVARES, 2004, p. 99)

Neste processo de invasão e desocupação de terras da colônia, veremos a seguir muitos elementos abordados pelo narrador de Tavares e pela descrição obtida a partir do Boletim Municipal da Câmara de Sá da Bandeira, de 1971:

Embarcaram cheios de esperança, confiantes nas promessas que lhes haviam sido feitas. Vivendo, quase todos eles, em condições precárias, acreditaram que, à sua chegada ao Planalto de Moçâmedes, como então era denominada a vasta região da Huíla, encontrariam aqui as Terras da Promissão. Em 19 de Novembro, o «Índia» ancorava em Moçâmedes com uma criança nascida a bordo. Foram, pouco depois, os madeirenses divididos em dois grupos. O primeiro, subindo a serra da Chela, alcançou a margem direita do rio Caculevar no dia de Natal; o segundo, no dia 18 de Janeiro de 1885. As duas viagens consumindo mais de um mês, em carros dos «boers», por caminhos acidentados, em períodos de chuvas, constituíram verdadeiro suplício. Chegaram tristes e vencidos pelo cansaço e mais desanimaram quando viram as instalações que lhes eram destinadas<sup>34</sup>

Essa desilusão é retratada por Tavares como:

Sempre nos pareceu que, ao construir ali o curral, a madrinha tinha se deixado, por baixo o seu próprio coração, que é como quem diz, a memória de um amor antigo do qual nunca deu notícia. (TAVARES, 2004, p. 100)

<sup>34</sup> Disponível em <http://angolalubango.com.sapo.pt/historia.html> Acesso 14 de fevereiro de 2012.

Enfim, a madrinha não representa o Ministro e sim as centenas de pessoas que vieram com ele na esperança de encontrar boas terras para agricultura e pecuária e se depararam com escassas terras saudáveis à plantação e nenhum conforto oferecido pela metrópole. Também, podemos lembrar aqui que a madrinha, conforme pôde, reproduziu a quinta que tinha em Portugal, portanto, salientando ainda mais a importância da agricultura vinculada à figura da madrinha.

Protestaram, praguejaram contra quem os iludira. Voltar ao ponto de partida era impossível. E nem eles desejariam, sem dinheiro, sem mantimentos e sem meios de transporte, reiniciar, em sentido inverso, uma caminhada tão longa e tormentosa como a anterior. O mar estava muito distante e ninguém seria capaz de se aventurar por lugares inóspitos como aqueles que haviam sido percorridos. Descontentes, chorosos, lamentando a sua desdita, desamparados e mais pobres do que na sua Ilha da Madeira, que saudosamente recordavam, ficaram. Não lhes era dada outra alternativa, nem sequer podiam decidir.<sup>35</sup>

Continua Tavares a reproduzir a lamentação destes que chegaram miseráveis, mas com anseios de vitórias:

Entre a casa, a madrinha e o mapa havia um pacto secreto, uma leitura de lágrima e suspiros que nunca fomos capazes de perceber. O mapa parecia desenhado ao contrário e escapava-nos o sentido e a localização das grutas, do lugar do palmar doméstico e da divisão entre capins gordos e magros. Era difícil associar a serra a um mar, povoado de gaiotas e barcos, pousado em curvas por entre dunas muito velhas. Quase se percebia a água arrepiada pelos ventos e constelada de peixes, ao mesmo tempo que uma estrela polar escrita por cima de São Pedro de France nos perturbava as referências. (TAVARES, 2004, p. 100)

Ao continuar a descrição da fundação de sua comunidade, a historiadora, em relação à religiosidade católica, que o título da crônica –“ O mapa do Natal” - nos faz ressaltar, pouco faz referência. Apenas a expressão “orago” a N. Sr<sup>a</sup> da Assumpção, que significa para nós, brasileiros, “oração a Virgem Maria”. Quando se referencia o Natal, porém, em nada há menção de religiosidade.

O Natal apresentava-se sempre um pouco antes. Havia a matança do porco e fumeiros semeados um pouco por todo o lado, carregados de enxames de enchidos para durar todo o ano. Espantava-se a fome olhando os enormes presuntos, enquanto o forno, aberto de manhã cedo, nos inundava com cheiro de pão. Trabalhava-se dia e noite colocando brasas, varrendo cinzas, vigiando o bolo-rei e o cabrito assado. (TAVARES, 2004, p. 101/2)

Porém se lembrarmos a citação acima retirada do Boletim Municipal da Câmara de Sá da Bandeira, de 1971: “O primeiro, subindo a serra da Chela, alcançou a margem direita do rio Caculevar no dia de Natal”, isto quer dizer que a relação ao dia de natal pode ser relacionada ao dia do primeiro desembarque de madeirenses em terras africanas, e não à

---

<sup>35</sup> Idem.

comemoração católica propriamente dita. Infelizmente, temos mais acessível apenas a história do caçador e não a do leão, neste caso, portanto, este sofrimento e luta pela sobrevivência do povo colonizado não vigorará nos laudos históricos e sim apenas a coragem e força dos colonizadores menos privilegiados que vieram de metrópole.

Sentiam-se prisioneiros numa enorme prisão sem grades. E compreenderam bem depressa, alguns sob as ameaças e os castigos de D. José da Câmara Leme, que era homem de pulso forte e temido, outros aceitando as suas resoluções e observando os conselhos dos padres e das irmãs da Missão da Huíla, que tinham de arrotear e semear os campos, que o Lubango era a sua terra e a terra dos seus filhos. Os mais diligentes e mais abnegados lançaram-se à sua tarefa com ardor e entusiasmo. Seis meses volvidos, graças à tenacidade de D. José da Câmara Leme e à boa vontade da maior parte dos povoadores surgiam as primeiras moradias provisórias, espalhadas pelos campos verdejantes do Lubango, onde se fazia uma agricultura meramente de subsistência.<sup>36</sup>

## 2.6 O rugido do leão

A língua é não apenas a expressão mais distintiva do espírito da nação imperial – composta de múltiplas nações e de múltiplos povos ignorados – mas também uma das formas mediante as quais a nação, saída de várias lutas pelas várias emancipações, poderia expressar-se.

*Margarida Calafate Ribeiro*

O prefácio de Margarida Calafate Ribeiro tem o papel exatamente disso: exagero. É necessário exagerar na importância da língua para os povos, para que possam, os mais cegos-mudos, notar a presença deste povo que tem sido ignorado pela história mundial ou é obrigado a se “estranhar” para que possa ser notado.

A literatura se transforma, em muitos casos, no porta-voz do leão diante da imensidão dos obstáculos que os ditadores históricos suscitam para o povo marginalizado. Diz-nos ainda Memmi,

É mais difícil ser um escritor no período pós-colonial do que durante a colonização. Antes, o descolonizado escrevia na língua do colonizador, a única que ele realmente dominava, mesmo contra o colonizador. (...) Ao expressar-se na língua dos dominantes, só era ouvido, é verdade, por eles; mas podia, pelo menos, agir, afetando a opinião pública deles. (...) À exceção do que ocorre nas artes plásticas e na música, cuja linguagem é inaudível pela maioria, os escritos são todos suspeitos e controlados. (...) Pretender fixar definitivamente uma língua é uma utopia, pois o real que ela deve expressar não é fixo. Em todo caso, o verdadeiro escritor não escreve em uma língua sagrada, porque reinventa sua própria língua. Toda língua imposta é uma língua solene, que leva à retórica, à ênfase e ao símbolo. (MEMMI, 2007, p.57 – 61)

<sup>36</sup> Disponível em <http://angolalubango.com.sapo.pt/historia.html> Acesso 14 de fevereiro de 2012.

Esse reinventar de línguas é o que faz Paula Tavares mesclar a sua língua à do colonizador. Assim como a grande maioria, senão todos os outros escritores africanos conhecidos no Brasil, a autora não mora nem publica em África. Está hoje lecionando em uma universidade católica, na capital de sua antiga metrópole. Podemos acusá-la de assimilação ou mesmo de desistência de sua terra? É lógico que não, pois em Angola ela não teria o acesso às editoras e leituras que Portugal lhe oferece. Além do que sendo oriunda de um espaço africano e tendo na “casa portuguesa” o lugar de referência de sua educação formal, Ana Paula nos oferece um corpo cujas cicatrizes nos dão a dimensão dos conflitos, dos choques culturais nele inscritos (GONDA, 2010, p. 151).

Sim, eu considero um exílio, embora eu tenha que esclarecer que ninguém me obrigou a sair de Angola. Eu não saí de Angola obrigada por ninguém, eu não sou vítima de nenhum posicionamento político. Eu não sou refugiada, ninguém me perseguiu. Foi uma opção minha. Opção que tem a ver com razões pessoais. Mas eu considero um exílio, porque quando não se está na nossa terra é sempre um exílio. É sempre uma errância, é sempre estar fora de uma terra e correm-se muitos riscos, especialmente quando se escreve. Neste momento eu tenho uma urgência grande de voltar, porque eu sinto que estou a perder o pé.<sup>37</sup>

Neste caso, não apenas a linguagem, como também as oportunidades que a antiga metrópole oferece são as armas encontradas pelos intelectuais colonizados de denúncia de sua opressão e valorização de sua terra, pois nele,

O mundo era descuidado e pequeno e não havia tempo para morrer de solidão e outras mortes afiadas no risco das balas, no estremecer da fome ou no lento envenenamento do álcool. No Kuito, Huambo ou Bié, cresciam os loengos para nos gretar os lábios ou serem domesticados ao fogo e às mãos das madrinhas. Nada fazia prever o voo enlouquecido das facas, à procura de baínha, no peito aberto e jovem. (TAVARES, 2004, p. 90)

Veremos que Paula Tavares bem consegue usufruir destes elementos de luta em nome de contar a história do leão, como confirma Ribeiro:

Lendo e sobretudo escutando um texto como o de Ana Paula Tavares em que todas as vozes-outras são convocadas, assistimos a um confronto do olhar que pode não ser necessariamente conflituoso, mas que nos revela não só os enganos dos olhares europeus, mas também a má fortuna dos olhares e o pouco amor ardente. Nessas vozes, outros sujeitos históricos e etnoculturais se revelam, mostrando, assim, outras formas de estar e de sentir o mundo, de viver a vida e de organizar a cultura, a memória e a história. (RIBEIRO, 2010, p.143)

São vozes como a de Dona Beba (a qual também aparece no capítulo 3) a viúva de Nho Papacho, em chão-Bom, que nos desenham a sofrida experiência do Tarrafal que o

---

<sup>37</sup> Disponível em <http://cidinhadasilva.blogspot.com/2009/01/entrevista-com-escritora-angolana-ana.html> Acesso em 15 de fevereiro de 2012.

colonialismo impôs a tantos homens, incluindo o escritor que recomendara à escritora que a procurasse:

"Abriu-nos a porta da sua casa secreta, desvendando a verdadeira história do Tarrafal. O cheiro dos bolos e especiarias, preparados para os domingos dos presos, sobrava ainda das paredes. No meio das fotografias, muito belas, circulava livremente a memória do acolhimento, da bondade, do sorriso doce e compreensivo de nho Papacho, quando dentro daquelas paredes os presos se submetiam ao breve sabor da liberdade. (...)

Perante a exclamação incontrolada de um de nós: "A senhora é um anjo!", Dona Beba passeou as mãos pela eternidade e disse: - Não se entusiasme, menino, o anjo era ele, eu vivi p'ra tomar conta". (TAVARES, 2004, p. 10/1)

Logo em seguida de Dona Beba, a autora intitula Maria Madalena, a quarta crônica da obra, que assim começa:

Quando saiu da Casa Redonda, ainda trazia o rosto lavrado de tacula e um leve sabor a ervas e mel espalhado pelo corpo. Tinha ganho um nome profano, "mãos de barro" e um secreto, partilhado pelas anciãs guardadoras da casa e das meninas. (TAVARES, 2004, p.21)

Notamos, neste primeiro momento, a inocência de uma menina ao iniciar um novo ciclo. O nome profano mãos de barro representa a falta de segurança que a terra em suas mãos pode ter. E perceberemos que Maria Madalena é a mesma adúltera representada pelo mito da religião católica, ou seja, imposta pelo colonizador, assim como nos apresenta:

Sua ciência de barro percorreu o planalto (...) chegando às portas móveis do deserto. (...) Chamou a caçadora de abelhas e, com o seu som de vento, cobriu a casa e entrelaçou o colmo. Fixou um tronco aqui e outro ali, não se esquecendo da trave mestra e da preciosa mistura de lamas, capaz de prevenir o frio e a chuva. Situou a casa no espaço perfeito, à discreta distância do guarda dos caminhos, próxima do guardião do fogo e longe do sítio onde os espíritos andam à solta. (TAVARES, 2004, p.22)

A traição dessa Madalena pode ser interpretada como uma filha da terra corrompida, pela corrupção que o sistema colonial oferecia. Podemos ler acima a vasta conquista da metrópole – do planalto ao deserto, além da entrega da terra à caçadora de abelhas, que limita seus territórios fixando um tronco aqui e outro ali. A mistura da lama, por esta Maria, pode ser lida como o envolvimento dela – angolana (devido à relação da crônica com a Serra de Chela novamente) – com os portugueses; pois será esse hibridismo - nada saudável ao povo angolano – que fará com que a personagem se mantenha protegida do frio e da chuva em uma distância segura, longe dos espíritos (tradição religiosa angolana) e perto da guarda nacional, sua proteção.

Porém, como um rio, o tempo passa, mudando a correnteza:

Um rio de tempo correu através dela. Recomeçou a viagem quando os vasos se partiram. Olha de longe a nação e não reconhece o monstro que lhe devorou a memória. Mãos fechadas sobre o coração aberto, olhos abrasados pela sede, perdeu o sentido das fontes e não percebe que as bocas da terra vomitam agora um barro amassado de sangue e impossível de trabalhar. (TAVARES, 2004, p.22)

Talvez, somente neste momento, em que tudo encontra-se perdido: a proteção do vento, da chuva e principalmente dos espíritos que regem e protegem a religião de sua cultura original, é que vê, com o coração aberto em chagas de sofrimento pelo que fez, ao visualizar a sede e a violência, que seus irmãos de sangue e terra estão sofrendo.

Em muitas das crônicas observamos que “fugir deixou de ser uma mera palavra de ocasião” (TAVARES, 2004, p.41) e foi numa dessas fugas ao encontro da vida que Edith Södergran, poetisa finlandesa, nascida em S. Petersburgo (1892) que morreu de fome, privações e solidão aos trinta e um anos (CABRITA, 2011), tornou-se título da crônica em que a escritora angolana desabafa:

ainda não fugíamos de nós, porque no meio do tempo frágil parecia haver, para nós, um chão sagrado que ainda não era, mas cujas feridas expostas nos dispúnhamos a sarar e plantar árvores e encher de filhos.(TAVARES, 2004, p.41).

Foi desta forma que a angolana encontrou “no meio das fortes vozes suecas, traduzidas em espanhol” (p.42) a terra que ainda não era.<sup>38</sup> Observamos que, nesta crônica, Tavares não irá posicionar a figura feminina como representante ativo ou do colonizador ou do colonizado, e sim do povo que sofre o resultado desta guerra; com fugas, fome, privações e medo, pois não é a toa que a autora africana diz que “Quando respiro, reponho vozes de mulheres de corpos maltratados e mãos prontas para começar o país e plantar, de novo, as árvores do pão, entretanto desfeitas.” (TAVARES, 2004, p. 43)

Marie Louise Bastin (1918-2000) é mais uma estrangeira - que na década de 1950 viveu longos períodos no norte de Angola estudando a arte local - trazida por Tavares por conseguir “ouvir” o seu povo e arte. Foi através de Bastin que a divulgação internacional da arte Cokwe foi lançada. A publicação de seu monumental estudo sobre a Art Décoratif Cokwe, que é ainda hoje vista como uma espécie de "Bíblia" sobre o tema, em 1961, em Lisboa, pela Diamang, mas exclusivamente em língua francesa, foi essencial para que pelo menos alguns países europeus soubessem da existência dessa riqueza cultural. (ANDRADE, 2010)

---

<sup>38</sup> Referente ao seu último livro publicado postumamente, em 1925 *Landet som Iacke ar* - A Terra que não é.

Segundo Tavares, Bastin “aprendeu a governar o corpo e o discurso, traçando no ar as diferentes etapas de organização do pensamento em voo”. (p. 68). É neste ritmo de valorização cultural que a autora segue elogiando e apresentando a artesã:

de olhos azuis, treinados para as zonas de luz e sombra da arquitetura gótica (...) que tinha um nome belga e um português, mas seu nome secreto, o que se achava inscrito nas mãos de mármore, aquele que agora pode ser dito pelos caçadores de Kalunga era Cokwe, com certeza. (TAVARES, 2004)

Percebemos nesta crônica a valorização da terra e de sua gente, mesmo que com olhos estrangeiros e que talvez

Os Cokwe não saibam que a história da sua arte existe, escrita por mãos delicadas e que a memória nas suas torrentes vai sobreviver pra lá do sítio onde o céu treme, as montanhas se deslocam, enquanto homens, como formigas, procuram pedras no útero da Terra.(TAVARES, 2004, p.69)

Tavares mostra aqui o seu interesse em fazer com que sejam vistas não apenas a exploração do povo, com toda a dor e sofrimento que o constitui, mas também as artes e culturas que o enriquecem.

Escolhemos Branca Clara das Neves para encerrar a apresentação das personagens femininas nesta obra por ser mais uma forma de “ser colonizado” que Tavares nos apresenta. “Branca Clara das Neves, a possuidora do barro, como era conhecida entre os Nyaneka, perdera o coração de oleira, dado por sua mãe, durante uma travessia de que já não tinha memória.” (TAVARES, 2004, p.91)

Já nas primeiras linhas evidenciamos a troca de um ciclo, no caso, deixar de ser oleira, de manusear a terra a partir de uma travessia. Porém, tal perda é justificável quando ela diz: “Dentro de si, a preto e branco, como numa fotografia, as cores do medo tinham nomes conhecidos: a praga, a peste, a maldição. (TAVARES, 2004, p.91) No entanto, é “a fama de muda, artesã e curandeira [que] livraram-na da perseguição dos vizinhos e da certa fogueira como a que vira crescer sobre o corpo da sua mãe, vestida de branco e despedindo-se da vida, dona dos ventos, Oiá, a borboleta”. Evidenciamos assim as marcas da violência colonial – social ou religiosa - que fez a menina abandonar a tradição deixada pela mãe.

Oiá não podia ter filhos, procurou o conselho de um babalaô, ele revelou-lhe que somente teria filhos quando fosse possuída por um homem com violência. Um dia Xangô a possuiu assim e dessa relação Oiá teve nove filhos, desses filhos, oito nasceram mudos. (PRANDI, 2005, p. 308)



Assim, sendo filha de alguém que se permitiu viver a violência em nome de seus filhos – revolucionária? – não podemos pensar que ela tornou-se muda diante do medo de ter o mesmo destino violento que teve quem a antecedeu? Isto é, Branca Clara de Neve pode ser lida como a representação da maior parte dos colonizados, aqueles que Memmi chama de conformados (2007a, p.179) Porém, essa mudez é algo que a incomoda a ponto de pedir aos “Senhores de cima e das profundezas: Coloca uma palavra/No vale da minha nudez/ E planta florestas de ambos os lados/ Para que a minha boca/ Fique toda à sombra.” (TAVARES, 2004, p.93).

A silenciosa Branca Clara de Neve é uma das formas de colonizado que Tavares apresentou em sua obra *A cabeça de Salomé*. Vimos no decorrer deste texto que tanto Memmi, Tutikian, quanto Bosi nos ensinam outras tantas formas de ver, (vi)ver e/ou (sobre)viver com o que restou do sistema colonial, ou seja: pessoas.

É em Padilha que vamos nos amparar para fazer valer os vários corpos incinerados, amputados, torturados, massacrados, estuprados, enfim, marcados pela história da cobiça mundial e aqui retratados, ou homenageados, pela chama da fala de Tavares:

Ao fogo, portanto, historicamente ateadado pelo dominador para calar vozes e corpos insurrectos, como se passou com o Massacre de Fevereiro de 1953 em São Tomé, os produtores de bens simbólicos – e a literatura é um dos mais expressivos – respondem com o fogo de sua fala. (PADILHA, 2006, p.122)

É ainda Padilha, alguns anos antes, que irá nos encaminhar para as linhas finais deste tão sofrido e prazeroso texto. Diz-nos ela: “Como agente da sementeira de tais sentidos, Paula Tavares tanto a mulher quanto a cidadã, não deixa morrerem suas ‘Utopia’ não importando nem mesmo a marca de bloqueio de seu tempo”(PADILHA, 2002, p. 211 – Grifos da autora), já que afinal é “Com paus e com pedras que se faz o fogo novo“ (TAVARES, 2004, p. 142) Ficamos, assim, esperançosas de que possamos ter tido, no que se passou acima, a contribuição de paus, pedras e esperanças de paz no fogo alimentado na literatura de Tavares, pois, por ser da ordem do simbólico, da representação, a lenha da fabulação, da arte em si, arde mais bela e forte do que o discurso ideológico, militante.

### 3. Entre a paz e a guerra desfilam soldados<sup>39</sup>: Ana Paula Tavares e Seu Beto

Eu sou ruim, mas não sou perversa.  
Ruim, não perversa.  
E não vou deixar de ser ruim<sup>40</sup>

Antes de pensar a guerra, foquei-me nos motivos que a fazem acontecer e encontrei como primeiro e mais evidente a violência iminente em todos nós. Traço um acompanhamento do que Lawrence Keeley discute sobre as concepções de Thomas Hobbes e Jean-Jacques Rousseau. Nessa introdução ao tema, no entanto, abordarei as críticas apontadas por Frantz Fanon em *Os condenados da Terra* (2005) e também Pierre Clastres em *Arqueologia da violência* (2011).

Começo pensando sobre o mau encontro, definido por Clastres como:

Acidente trágico, infelicidade inaugural cujos efeitos não cessam de se amplificar a ponto de se abolir a memória de antes, a ponto de o amor à servidão substituir o desejo da liberdade. (...) essa ruptura fatal que jamais deveria ter-se produzido, esse irracional acontecimento ao qual nós, modernos, chamamos, de maneira semelhante, de nascimento do Estado. (...) o homem novo, produzido pelo incompreensível mau encontro, esse homem não é mais um homem, bem sequer um animal, pois ‘os animais [...] não podem se acostumar a servir senão com o protesto de um desejo contrário’, esse ser difícil de nomear está desnaturado. Ao perder a liberdade, o homem perde a sua humanidade. Que mau encontro, portanto, o que pôde levar o homem a renunciar a seu ser e a fazê-lo desejar a perpetuação dessa renúncia!’ (CLASTRES, 2011, p.148/9).

As relações entre colonizador e colonizado expressam-se de forma ilógica, sem saber como ou por que, sendo relações de massa,

o colono impõe sua força (...) mas, no interior, o colono só obtém uma pseudo-petrificação. A tensão muscular do colonizado se libera periodicamente em explosões sangüinárias: lutas tribais, lutas entre indivíduos.” (FANON, 2005, p. 70/1)

Lutas como essas, visualizaremos explicitamente nas linhas de Tavares, e também nos atos de seu Beto. Este uma vez que não pode vencer o sistema que o marginaliza atualmente, usa a sua autoridade perante aqueles que lhe são submissos, a família. No entanto, a autoridade que exerce é uma autoridade diferente daquela que sofre.

<sup>39</sup> Verso do poema “Algun estrume” de Casimiro de Brito

<sup>40</sup>Fala da personagem protagonista do documentário *Estamira*, produzido por Marcos Prado e José Padilha, publicado em 2004.

O colonizado sonha em instalar-se no lugar do colono. Não tornar-se um colono, mas substituir o colono. Esse mundo hostil, pesado, agressivo, porque rejeita com todas as suas asperezas a massa colonizada, representa não o inferno do qual se desejaria afastar-se o mais rapidamente possível, mas o paraíso, mas o paraíso ao alcance da mão, protegido por terríveis cães de guarda. (FANON, 2005, p. 69)

Paula Tavares, na crônica “Receita para ultrapassar os domingos”, nos diz que: “A nossa cidade anda perdida de si mesma e não é só velhice, é antes um esquecimento que se instalou e a trata mal.” (TAVARES, 2004, p.38) E explica que a falta de liberdade é a grande responsável por esse silenciamento:

O Problema tem a ver com pássaros que fugiram quase todos e foram inventar silêncio para outros cantos do mundo. Os que ficaram estão enredados nos limos do tempo e fabricam ninhos de seiva, na espera de não morrerem. (TAVARES, 2004, p.39)

O narrador da crônica refere-se aos angolanos que deixaram o país e àqueles que nele permanecem, ou assimilados ou silenciados, em sua revolta. Sabe-se que a grande maioria dos que abandonaram o país foram para a antiga metrópole (assim como a própria autora), e lá tentaram se adaptar à vida que os portugueses levam. Afastam-se da massa colonizada, pois ela “representa não o inferno do qual se desejaria afastar-se o mais rapidamente possível, mas um paraíso ao alcance da mão, protegido por terríveis cães de guarda.” (FANON, 2005, p. 69). Quer dizer, o paraíso é o que transformou o seu mundo em um inferno:

O colono faz a história e sabe que a faz. E, porque se refere constantemente à história da sua metrópole, indica claramente que ele é, aqui, o prolongamento dessa metrópole. A metrópole que ele escreve não é pois a história do país que ele despoja, mas a história da sua nação, quando rouba, viola e esfomeia. A imobilidade à qual é condenado o colonizado só pode ser questionada se o colonizado decidir pôr termo à história da colonização, à história da pilhagem, para fazer existir a história da nação, a história da descolonização. (FANON, 2005, p. 68)

Talvez seja esperando esse questionamento que o narrador da crônica acima mencionada ainda aconselha:

Senta-te de costas para o mar. Dessa maneira, as notícias do país de dentro gelado, em Malanje, em cinzas no teu coração cansado, crispado a leste (com o mundo e tudo), não poderão atingir-te. Recebe o sol devagarinho e vê como ele tornea devagar a curva lenta da baía. (...) É nessa hora que a cidade acorda, quando as mulheres inventam a água e um redemoinho de crianças se espalha respirando fundo a seiva da cidade. (TAVARES, 2004, p.39/40)

E é por isso que “O surgimento da nação nova, a demolição das estruturas são o resultado seja de uma luta violenta do povo independente, (...) seja da violência periférica assumida por outros povos colonizados.” (FANON, 2005, p.88). Seguindo com este ensinamento, recordo a abertura de uma rua no bairro em que seu Beto era, na época, líder

Comunitário (Ver Figura 03). Não é por acaso que o Beco (citado na reportagem) tem o mesmo apelido de Adalberto de Almeida Moreira, seu Beto. A liderança que teve foi de grande sucesso porque ele não trabalhava para a comunidade, mas com ela. Foi vencedor de grandes batalhas contra a prefeitura que, por ser agredida através da arma mais cruel que o povo podia utilizar, a mídia, nada podia fazer a não ser dar ao povo o que é seu por direito:

Tudo que nós fazia era sempre apoiado pela imprensa: pela Zero Hora, pela RBS, pela TV, pelo Rádio, para que tivesse força o movimento. E também “era um jeito de se defender, entende, por que eu era um ex-presidiário, e assim, a polícia podia muito bem me cortar as pernas. Então, antes dela me cortar, eu já ia me adiantando. (Seu Beto. Gravação pessoal. Junho de 2008)

Seu Beto, na Figura 2, é o homem barbudo ao fundo, o único sem demonstrar força física, apenas supervisionando o trabalho dos outros. Ou seja, trabalhando junto com os outros, mas os tendo como subordinados. Assim ele conseguia sentir-se com o poder de desafiar aqueles que o oprimiam e também o seu povo, a sua comunidade.

38/Domingo, 29 de setembro de 1991

GERAL

# Povo cansa de esperar e vai à luta

Silvio Ávila/ZH

□ Foi um sábado de muito trabalho dos moradores da Vila São Miguel. Fizeram mutirão para melhorar acesso ao local já que Prefeitura não ajuda

Sábado, um dia mundialmente consagrado ao descanso, foi dia de muito trabalho na Vila São Miguel, no ponto mais alto do Morro da Polícia. O vento frio não incomodou os mais de 50 moradores que fizeram um mutirão para resolver apenas um dos muitos problemas da comunidade. Com pás, picaretas e carrinhos-de-mão eles tentavam contrariar a lei da gravidade para melhorar um dos principais acessos da vila, o chamado Beco do Beto. É uma rua ainda sem nome, que cruza a Rua Menina Alvira, uma das poucas daquela zona a constar no mapa da cidade.

Se chegar ali já é difícil para os moradores, que sobem e descem o morro todo dia, para quem não conhece é ainda pior. "É lá no alto do morro, onde se pode encostar o dedinho no céu", indica a dona de um armazém da Volta da Cobra. No morro, a imagem do mutirão lembra uma Serra Pe-



luda em pequena escala. Só que eles não cavam ouro. Há dois anos, com as mesmas pás e picaretas, abriram o Beco do Beto. Agora, o acesso está intransitável. Subir de carro, nem pensar. A pé já é difícil.

"A prefeitura demora a chegar e nós temos pressa", anuncia um morador. Mais ou menos 200 famílias moram ali, onde a luz chegou há pouco tempo e a água não

vem nunca. É uma espera de quatro anos, muitos pedidos ao Departamento Municipal de Água e Esgotos (DMAE), enquanto o problema vai sendo amenizado por uma solução caseira: uma bica que os moradores instalaram na subida do morro.

**MEIO AMBIENTE** — Como se esses problemas fossem poucos — "nossas necessidades são todas", simplifica Adalberto de Almeida Moreira, um dos líderes da comunidade —, quem vive na parte mais alta da Vila São Miguel ainda tem uma preocupação que faria corar de vergonha os ecologistas da classe média. Eles querem preservar uma área de mata nativa que resiste bravamente no morro, apesar das demarcações irregulares dos terrenos. "Hoje, ela é 50% menor do que era há pouco mais de um ano atrás", calcula Adalberto Moreira. A comunidade quer a ajuda do Instituto do Meio Ambiente (Ibama) para garantir que as figueiras e outras árvores nativas que ainda existem ali não sejam derrubadas.

**Estorço:** todo mundo trabalhando para o benefício comum

COLÉGIO CRUZEIRO DO SUL

Figura 2. Abertura de uma rua a pique pela comunidade.

O discurso pela preservação ambiental presente na reportagem sempre vigorou nas falas desse catador de sonhos. O ideal de manter aquela zona arborizada, sem desmatar e estimulando novos cultivos, foi-me repetido várias vezes e sempre com o mesmo orgulho de manter uma memória vitoriosa, conseguida a partir de um projeto municipal (Ver Figura 3). Porém, esse amor pela natureza foi violentado:

Eu não gosto mais de jardim, por que eu tinha uma horta e um jardim muito bonito, na frente de um galpão, onde eu fazia meu mate no fogo de chão. Um dia quando

saio na rua, vejo nasce em cada pé daquele jardim um policial. Quer dizer, aquilo foi a coisa mais linda que eu tinha lá, e, no entanto, foi o melhor lugar pra eles se emboscarem. (Seu Beto. Gravação pessoal. Junho de 2008)

**PLANTIO  
COMUNITARIO**


Estamos realizando juntos - moradores deste local e a SMAM - o plantio de novas árvores. Elas diminuirão o calor, darão sombra, ar puro e tornarão a paisagem bem mais bonita.

O trabalho não se encerra com o plantio. O crescimento das árvores depende do interesse da comunidade e do cuidado de cada um dos moradores.

**PARTICIPE!**

Dia do Plantio:	14.08.93
Hora:	14:30
Endereço:	Morro da Polícia

Maiores informações na Assessoria Comunitária da SMAM - fone: 334-8288 ramal 50

 Prefeitura Municipal de Porto Alegre  
**ADMINISTRAÇÃO POPULAR**

**S M A M**

**Figura 3. Plantio Comunitário**

A violência é natural do ser humano, assim como as emoções amor, ódio, saudade, alegria, tristeza, e por isso a “violência social torna-se uma coisa benéfica, pois consagra o pleno funcionamento da vida cívica”<sup>41</sup>, ou o “estado de natureza entre os homens seria um estado interminável de conflito e guerra”<sup>42</sup>? As concordâncias e discórdias sobre o tema entre Thomas Hobbes e Jean-Jacques Rousseau acompanham as discussões desenvolvidas no livro de Lawrence Keeley que aqui muito nos ajuda a tentar entender porque movimentos de violência tão diferentes, por razões diferentes, realizados de formas e estratégias diferentes,

<sup>41</sup>Keeley, 2011: 10

<sup>42</sup>Idem, pág 11.

são tão iguais nas sensações resultantes seja quem tenha sido passivo (Paula Tavares) ou ativo (Seu Beto).

Keeley defende que para ambos os autores:

O inimigo social, por excelência, aquele que precisa ser condenado, é o desejo do indivíduo humano. Ele tem que ser rejeitado ou expulso para que a vida social – o mundo dos homens – se livre da violência interna e possa florescer. A diferença maior é que, em Hobbes, esse desejo é um elemento natural da própria condição humana, enquanto para Rousseau o mau desejo foi construído e consolidado historicamente, dentro de um processo de desenvolvimento material da humanidade. (KEELEY, 2011, p. 14)

Enfim, mesmo tendo inimigos diferentes, o que move as pessoas – seja quem for – é o desejo do indivíduo humano, pois ele é o fomentador da violência em todos nós. No entanto, a violência social acontece somente quando essa individualidade é minimizada em prol de um inimigo que não é pessoal, mas coletivo. Isto quer dizer que “o que está na base não são realidades ou necessidades (...) mas o desejo violento dos seres humanos”. (KEELEY, 2011, p. 29)

Em relação aos nossos personagens, mais tarde veremos que foi o desejo violento iminente em seu Beto que fez ele se vincular ao grupo Tupamaro, onde teve sua experiência em guerrilha. E Ana Paula Tavares, em forma de poesia, diz sobre *A guerra*<sup>43</sup>:

*A hiena uivou toda a noite  
o bicho esfomeado uivou toda a noite  
as vozes saíram das casas  
como o fogo se levanta das cinzas  
altas todas juntas do medo  
os dentes dos guerreiros  
batiam sem parar  
os pés das velhas juntaram-se para aquietar a poeira  
um companheiro nosso não regressou  
o filho único de nossas mães  
não vai voltar de pé  
é só o seu cheiro que volta agora  
e um corpo separado daquilo que era antes  
um filho dos nossos não regressou*

<sup>43</sup> TAVARES, Ana Paula. *A guerra in Dize-me coisas amargas como os frutos*, 2001.

*a hiena uivou toda a noite  
a terra ficou dura sob os nossos pés.*

Como entender uma guerra que causa medo e morte aos guerrilheiros que batem os dentes, que têm os pés deitados sob o leito de morte ou regressam com o corpo separado daquilo que era antes? Qual o poder da hiena que transforma o filho único de uma mãe em apenas cheiro? A guerra, entendida aqui como hiena, somente ocorre porque: “O desejo de mover guerra controla, domina e submete a razão, exatamente porque não atua no nível racional, mas a partir de uma realidade mais profunda, a realidade das paixões.” (KEELEY, 2011, p.30)

*Um homem com o coração nas mãos  
Correu pela borda da noite  
Para officiar as trevas  
Havia uma guerra anunciada  
E três guerras por resolver  
Em toda a parte  
Tinham mudado os sinais  
Um homem abraçado à sua própria sombra  
Estendia o coração  
Para resolver o caminho  
Era difícil perceber  
Por que começaram os dias a meio das noites  
Era difícil perceber  
A noite única que restava  
No lugar do coração antigo  
Um homem vai bêbado de seu próprio sangue  
E mal ouve a voz de anunciar princípios  
Perdeu a capacidade do gesto  
Não consegue deixar o rasto  
De sua mão de sangue na face da muralha<sup>444</sup>*

Keeley reflete sobre como, certamente, políticos e tiranos, conhecem e manipulam como ninguém este homem bêbado de seu próprio sangue, e “é neste sentido que a guerra se

---

<sup>444</sup> TAVARES. Ana Paula. Rosto da muralha in *Diz-me coisas amargas como os frutos*.



aproxima do próprio núcleo formador e da fundação das culturas humanas” (KEELEY, 2011, p. 30).

“Morrer em guerra é aprender a odiar, é retaliar um inimigo que se forja, é estar sempre contra-atacando.” Por isso, “da mesma maneira que a guerra, o sacrifício também faz o homem” (KEELEY, 2011, p. 33), o que faz com que cicatrizes e torturas povoem corpo e memória de quem, assim como Seu Beto, vivenciou a guerra.

Quem usa mais a violência? É, o poder público, é o governo, é o exercito, é a polícia, a gestapo. Porque ela prende um sequestrador, um guerrilheiro, ou um Tupamaro como eles dizem, ou um sem licença, como dizem. Mas eles torturam essa pessoa até a morte. E quando essa pessoa não é morta, ela sai dali inutilizada. Ela tem sequelas que vai carregar pro resto da vida. De cidadão, que se tem por cidadão, e por gente de bem, gente pacífica. Mas que pacífica? Se prende um guerrilheiro e se torna uma víbora? Ela coloca agulhas embaixo das unhas, ela dá choque elétrico, ela dá afogamento com creolina, então, quem usa mais a violência? É o guerrilheiro ou é a polícia? O exercito, a força? Quem usa mais a violência? Quem usa mais a violência não é o guerrilheiro. (Seu Beto, arquivo pessoal, 2011)

O que faz lembrar Gilles Deleuze e Félix Guattari<sup>45</sup>, quando falam:

Faz valer um furor contra a medida, uma celeridade contra a gravidade, um segredo contra o público, uma potência contra a soberania, uma máquina contra o aparelho. Testemunha de uma outra justiça, às vezes, de uma crueldade incompreensível, mas por vezes também de uma piedade desconhecida (DELEUZE E GUATTARI, 1997. p. 8)

Esse furor contra a ditadura uruguaia foi o responsável pelo desencadeamento da violência social de seu Beto. Até então, seus atos agressivos vinculavam-se à sua individualidade; a questões pessoais. O que faz pensar que tanto Hobbes quanto Rousseau podem ter razão. Deixando claro que a intenção dessa discussão não é encontrar uma resposta a este debate, e sim, utilizá-lo para reforçar que a violência é iminente ao homem, independentemente de sua origem (seja social, seja essencial). A dúvida permanece em relação à origem da violência em seu Beto, porque ele demonstrou-a aos dezoito anos, quando saiu de casa. Ou seja, antes de enfrentar os perigos sociais que o mundo solitário no qual entrou lhe ofereceu. Assim, podemos imaginar que, diante da proteção familiar, somente os sentimentos inatos a ele prevaleciam. No entanto, ao analisar a seguinte fala de seu Beto:

E nessa noite, eu tava de serviço no portão 9 do quartel, eu tirei serviço até as 24h e fui embora pra casa. No eu ir embora pra casa, eu levei a parábola 45 que eu usava no serviço.” (Seu Beto. Gravação pessoal. Setembro de 2007)

<sup>45</sup>A máquina de guerra é exterior ao aparelho de Estado *In Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*, vol. 5 / Gilles Deleuze, Félix Guattari; tradução de Peter PálPelbart e Janice Caiafa. — São Paulo: Ed. 34, 1997 (Versão digital)

Penso que o poder do exército se iguala ao do Estado, uma vez que a:

(...) potência extrínseca da máquina de guerra tende, em certas circunstâncias, a confundir-se com uma ou outra das cabeças do aparelho de Estado. Ora se confunde com a violência mágica de Estado, ora com a instituição militar de Estado. (DELEUZE E GUATTARI, 1997, p. 11).

Assim sendo, também é possível pensar que a influência do exército foi, para ele, tão impactante quando a do Estado.

a cada vez que se confunde a irrupção do poder de guerra com a linhagem de dominação de Estado, tudo se embaralha, e a máquina de guerra passa a ser concebida unicamente sob a forma do negativo, já que não se deixou nada de fora do próprio Estado. Porém, restituída a seu meio de exterioridade, a máquina de guerra se revela de uma outra espécie, de uma outra natureza, de uma outra origem. (DELEUZE E GUATTARI, 1997, p.11)

Seu Beto é vítima ou agente? Dubiedade que sempre me acompanhou, e somente agora, nos últimos instantes, foi que percebi que essa resposta não é importante. O que importa, na verdade, é que a violência está nele e com ele. E se ele é agente é porque primeiro foi vítima social, ou quem sabe é vítima por ser agente – uma vez que essa violência pode ser de sua essência e não, necessariamente, uma escolha.

### **3.1. A guerra entre ele e eu: Renata e Seu Beto discutindo a relação**

Luciana Hartmann inicia seu livro *Donos da Palavra* afirmando que as histórias orais têm determinados tipos de representantes na sociedade.

Os principais responsáveis pela circulação dessas narrativas pela região, os viajantes – tropeiro, domadores, esquiladores, contrabandistas, parteiro – organizam suas experiências pessoais de conflito ao mesmo tempo que criam e transmitem modelos sociais de vivenciá-los. (HARTMANN, 2007, p. 95)

Aqui novamente encontro seu Beto, pois ele veste vários destes personagens: tropeiro, domador, esquilador, contrabandista. E veste em nome de um dos temas que o une à escritora Ana Paula Tavares: a guerra. Hartmann não listou os exilados entre os exemplos de viajantes acima, mas complemento eu essa série, uma vez que os exilados são grandes responsáveis pelo desenvolvimento das narrativas orais que povoam, enriquecem e criam um povoado.

Nesse conjunto de oradores, Hartmann (2011) me apresentou o Senhor Barreto, a quem eu tive muito prazer de escutar. Disse-me ele:

Ai, nós ficamos pequeno quando ele deixou a minha mãe. Eu tinha... quando ele deixou da minha mãe eu tinha uns 12...13 pra 14 anos. Foi quando eu me alcei pro mundo. Eu via aquela briga em casa, bateção de boca, eu já peguei e disse pra mãe: “Olha, eu vou me embora pra não fazer um atrito com meu pai, que passa batendo boca e deixa e deixa e não deixa”.(HARTMANN, 2011, p. 248)

Foram essas mesmas rebeldia e discórdia familiar que fizeram com que seu Beto fosse à prisão, onde estava o pai, e dissesse:

– Pai, os meus irmãos não fizeram nada, mas eu ainda vou fazer. “Isso não vai ficar assim”. E o pai me disse que não era pra eu me meter nisso, não fazer bobagens, e eu disse que iria fazer. (...) E quando eu cheguei nesse cabaré, a amante dele estava sozinha, e ele não tinha aparecido ainda, e eu fiquei tomando cerveja com ela até ele chegar. Ele chegou eram umas 4h da manhã, e eu disse pra ele: “ – O que tu fez pro meu pai, tu não faz mais para ninguém.” E quando ele levou a mão na cintura, eu puxei a arma e atirei. Eu dei 15 tiros do peito até a boca. Eu apertei a pistola no automático e não afrouxei. Montei a cavalo e fui para a estância do João Goulart. (Seu Beto. Gravação pessoal. Setembro de 2007)

Trouxe as memórias que Hartmann (2011) apresenta para acalmar a minha consciência, respeitar o meu coração, e dar clareza aos meus dedos que tremem ao compor essas linhas. Sempre que falei da personagem assassino de seu Beto, ouvi perguntas como: “E por que trabalhar com ele, então? Mas o que ele tem de interessante?” Questões que sobriamente são fáceis de responder, podendo escolher argumentos antropológicos ou mesmo sociais. A verdade é que é difícil de esboçar, porém, aqui, ela é mais que necessária; é urgente: Seu Beto me convenceu com a verdade que foi a alavanca para a vida criminal que teve por vários anos. Eu não consigo vê-lo como assassino, e, portanto, também não o vejo como criminoso social, ou, nas palavras de Eric Hobsbawm: Os que matam não são proscritos, e sim, por assim dizer, beligerantes. Só se transformam em proscritos e são puníveis como tais onde são julgados de acordo com um critério de ordem pública que não é o seu. (HOBSBAWM, 2010, p.22)

E Seu Beto sempre se disse: “rebelde. Eu nasci rebelde e vou morrer rebelde” (Seu Beto. Gravação pessoal. Setembro de 2011). Carrega consigo essas experiências como forma de aprendizado, não de arrependimento.

Muitas vezes eu conversei com pessoa que matou o próprio pai, e ele se dizia inocente. Quer dizer, uma arma disparou e matou o pai dele. Mas ele era inocente, as mãos dele é que não eram inocente, porque as mãos dele apertaram o gatilho. Essa pessoa não merece crédito. Porque ele não tá assumindo a culpa dele. Então, ele não é homem pra fazer, não é homem pra assumir, e não é homem pra recomeçar de novo. Ele vai ser homem? Um covarde. Porque ele não assume o que fez, ele é um covarde, e um covarde só vai fazer covardia. E ele vai reincidir.

E aquele que assume seu erro, reconhece sua culpa, procura uma luz pra se evadir de dentro de uma prisão e voltar pra liberdade. Ele tem chance de recuperação. Porque é muito lindo a gente olhar pra trás, pro passado, para poder traçar um futuro. Agora, não adianta a gente esquecer o passado e querer aprender só no futuro. Não adianta.

Então é assim, é assim, é bem assim. (Seu Beto. Gravação pessoal. Setembro de 2011)

Porém, não vê-lo como criminoso social não o inocenta de seus atos. Eu o considero, assim como Hobsbawm, bandido, uma vez que: “Os bandidos, por definição, resistem a obedecer, estão fora do alcance do poder, são eles próprios possíveis detentores do poder e, portanto, rebeldes potenciais”. (HOBSBAWM, 2010, p. 26).

È preciso acabar com a tirania dos violentos, mesmo que para esse fim façamos uso de um bocado de violência, mas a nossa violência é justificada, uma vez que somos, como ele [Rousseau] – em sua virtude cívica – e seu Bom selvagem – em sua ignorância feliz-, criaturas inocentes.(KEELEY, 2011, p. 10)

A traição sofrida – a pior das violências morais – fez com que seu Beto também reagisse com violência, não apenas em seu discurso - como lembra Paolo Rossi, com ajuda de Platão: “a alma retorna ao mundo e se reúne ao corpo inchada de esquecimento e maldade.” (ROSSI, 2010, p.16) – como também e principalmente em seus atos. Uma violência que seu Beto por muito tempo me silenciou (por mais que ele já soubesse que terceiros já haviam me dito). Ele contou para Gustavo, um amigo que comigo o visitou no início de nossas conversas (2007). Entendi, na época, que esse assunto não é para mulher, em sua forma machista de pensar. Também percebi que, como o Gustavo tinha – e ainda tem - muito mais experiência do que eu em “captar” memórias que teimam em se esconder, uma vez que eu não tinha “nascido quase nada ainda, [era uma] pequena sombra no risco de cimento da cidade em construção.” (TAVARES, 2004, p.90 – adaptado por mim)

Seu Beto deixou-se levar pela lábia esperta do Gustavo, o que fez com que, no outro dia, já consciente de que podia ter falado mais do que gostaria, fosse mais rude e distante tanto com ele, quanto comigo.

Comélia Eckert, em relação aos dados etnográficos, ensina que:

Os dados biográficos nascem de uma relação intersubjetiva e dialógica, e o itinerário de uma vida pessoal é apreendido na relação com a trajetória do grupo e construção de seus papéis sociais nos contextos interativos. As interpretações diversas são motivadas tanto no nível das observações do cotidiano do grupo, quanto no nível dos diálogos estimulados em entrevistas abertas, livres, biográficas que motivam os entrevistados a ordenar os ciclos de vida. (ECKERT, 1996/97, p. 36)

É importante ressaltar que as visitas ocorreram sem bolsa de estudos que pudessem me facilitar as viagens necessárias até Dom Pedrito. Viajei sempre com passagens pagas por mim, ou de carona na estrada, ou inclusive e mais especialmente, pagas pelo próprio seu Beto, que achava muito arriscado eu pedir carona, então voltava do centro da cidade com minha

passagem de retorno na mão. Portanto, esse ato de carinho sempre me é muito admirado e respeitoso. Ele querer que eu esteja lá e de modo cômodo – tenho uma cama na casa – sempre me deixou à vontade em seu espaço. Por mais que as visitas físicas tenham sido poucas, como já dito, duas a três por ano, nossos encontros sempre são intensos e especiais.

Em todas as visitas, a câmera fotográfica, filmadora e gravador me acompanhavam, todos os relatos que aqui foram citados estão arquivados. Porém, conversas por telefone sempre foram mais frequentes entre nós.

Nosso grau de amizade já era forte nesse momento da visita. Logo em seguida a este encontro, fui selecionada para um programa de extensão entre as universidades brasileiras e lusitanas, viajei então para Coimbra, no período de seis meses. Porém, carreguei na mala não apenas o distanciamento físico, mas emocional que causei entre mim e seu Beto. Numa madrugada de insônia, escrevi-lhe uma longa carta, onde abria mão da pesquisa porque não queria valorizar mais a “narrativa” do que a “vida” que me eram oferecidas. Acho que fizemos as pazes, pois, de volta ao Brasil, me recebe até hoje com os braços estendidos no portão e sem nunca mais ter falado no assunto.

Ter vivido a guerrilha Tupamaro é algo de que seu Beto se orgulha muito, por mais que tenha silenciado, a grande parte do tempo, sobre o porquê. Há cerca de quatro atrás, a filha dele engravidou de um homem casado da comunidade em que viviam e virou chacota dos vizinhos. Seu Beto foi à delegacia dar queixa do crime moral que Manuela vinha sofrendo e ficou preso por terem visto sua ficha criminal. Antes disso, eu usava – por escolha própria - nomes fictícios para ele e sua família. Quando foi solto, seis meses depois, ele me disse que, dali em diante, eu podia escrever toda a verdade de forma clara, e, portanto, queria ser o Beto e não mais Valdir<sup>46</sup>, como eu o chamava antes. Apenas nos nossos últimos encontros – março e setembro de 2011 –, quando pedi que ele me resumisse sua vida, desde o seu nascimento, foi que falou clara e diretamente para mim sobre este primeiro assassinato, como algo natural e já aceito por ele. Por isso, hoje me sinto livre para dividir com vocês, que lerão essas páginas, o começo desta história. Enfatizo este crime, porque:

Esse foi o primeiro crime que eu cometi. A partir daí comecei a participar da guerrilha e a coisa se tornou um inferno. E foi por isso que eu entrei na guerrilha, que eu fui pra estância do Goulart.

---

<sup>46</sup> Nome escolhido em homenagem a um enteado de seu Beto, morto por traficantes do bairro em que era Presidente, na década de noventa.

Se tornou um inferno, porque sempre andávamos em três a cinco. Nós explodia escola, prédios públicos. E quando a polícia nos via, era tiroteio todos os dias. Por isso era um inferno. Porque a gente ia em quatro e voltava em dois. Assim como morria milicos, morria também gente nossa. Lutamos um ano e um mês. Até que desertamos, e a guerrilha deu por terminar. (Seu Beto, Gravação pessoal. Setembro de 2007)

Deleuze e Guattari nos dizem que: “Acuado entre os dois pólos da soberania política, o homem de guerra parece ultrapassado, condenado, sem futuro, reduzido ao próprio furor que ele volta contra si mesmo.” (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 12). E assim foi que seu Beto ingressou nessa “máquina de guerra<sup>47</sup>” que o acompanha até hoje, exercendo a violência social que aprendeu em combate, em seu dia a dia, em seus atos e conflitos diários. Portanto, sempre que me refe a ele como assassino, gostaria que fosse lido como um bandido, e não de outra forma, pois “o banditismo não pode existir fora das ordens socioeconômicas e políticas que possam ser assim desafiadas.” (HOBSBAWM, 2010, p. 22) e é exatamente isso que ele busca: desafiar o sistema econômico e social que o coloca à margem, mostrando-lhe que mesmo ali, e por estar ali, ele tem o poder de desafiar o Estado que insiste em querer dizimá-lo.

os sentimentos são arrancados à inferioridade de um "sujeito" para serem violentamente projetados num meio de pura exterioridade que lhes comunica uma velocidade inverossímil, uma força de catapulta: amor ou ódio já não são em absoluto sentimentos, mas afectos. E esses afectos são outros tantos devir-mulher, devir-animal do guerreiro (...). Os afectos atravessam o corpo como flechas, são armas de guerra. Velocidade de desterritorialização do afecto. Mesmo os sonhos (...) são exteriorizados mediante um sistema de revezamentos e ramificações, de encadeamentos extrínsecos que pertencem à máquina de guerra. Anéis partidos. (DELEUZE E GUATTARI, 1997, p.13)

Essa experiência em guerra fez com que seu Beto para sempre vivesse “afectado”.No decorrer de sua vida, tornou-se representante do poder em uma comunidade do bairro Partenon, em Porto Alegre/RS. O poder fez com que ele andasse com arma de fogo defendendo-se e expulsando traficantes de drogas daquele lugar.:

Se somos todos iguais, dependentes da mesma luta. Peão, soldado capataz. Patrão é a parte capitalista. Então o capataz que puxa para o patrão, não é amigo dos peões, o capataz que cumpre com as suas funções e respeita os peões, é amigo dos dois. (Seu Beto, Gravação pessoal. Setembro de 2007)

Ainda sobre o poder, nos diz que:

Nem o Presidente, nem as Forças Armadas têm capacidade de mandar no país. Por que o crime que chocou o país, no tempo da ditadura, foi o de *Luz Vermelha* que matou um cara iluminando-o com uma lanterna colorada. Ele matou e roubou um cara. Isso foi ‘fichinha’ para o que acontece hoje. E por isso ele pegou trinta anos de

---

<sup>47</sup> Paráfrase ao livro de Deleuze e Guattari aqui utilizado como referencial.

cadeia. E me diz, perto desse crime, o que é hoje? *A violência é a forma de chamar a atenção*. Mesmo que o crime seja menor, a TV faz com que ele seja imenso. Então, isso é democracia? Essa não é a democracia que eu esperava. Não foi por essa democracia que eu estava lá, lutando por ela. Não foi por essa democracia que João Goulart lutou lá em Porto Alegre. Isso que vigora no Brasil hoje não é realmente uma democracia, é um socialismo democrático. Só a alta sociedade tem direito à democracia. Porque nós lutávamos por igualdade. E que igualdade existe agora? Existe discriminação até no que a gente come? (Seu Beto. Gravação pessoal. Setembro de 2007)

O que faz com que eu continue com Hobsbawm quando diz: “A força dos senhores e dos Estados era grande, mas intermitente. (...) A própria instituição da marginalidade formalizada (...) indica a superficialidade do sistema de poder”. (HOBSBAWM, 2010, p.28).

Talvez seja essa intermitência que tenha dado e ainda dê a este atual catador de lixo coragem, grito e força para lutar contra o sistema, seja na ditadura, seja atualmente. Por mais que a luta dele hoje seja utópica, aconteça apenas em sua forma de pensar, ele ainda luta. Existe nele uma contradição em relação ao poder: por mais que não aceite ser submetido a nenhum tipo de poder, necessita sentir-se soberano sobre algum grupo. Seja em relação às pessoas que ajuda, seja em relação à sua família.

Quando nos conhecemos, eles tinham cerca de três peças, simples, porém organizadas - para acolher moradores de rua que quisessem amparo e necessitassem de ajuda – fosse em relação à sua saúde, com alimentação saudável ou mesmo compra de remédio; fosse apenas um lugar para “estar embaixo” protegendo a sua família, normalmente composta por mais de duas crianças.

Eu ia sempre as outras cidades, buscar moradores de ruas, nas praças públicas, trazer aqui pra minha casa. Chegou a ter dez, quatorze, quinze aqui na minha casa. (...) (ver figura 5)

Eles catavam pra eles, não era pra mim, se eles catassem pra mim, eu hoje estaria bem de vida. Eu só dava o suporte, fogão para cozinharem, carrinho pra trabalharem, rádio e TV que eu retiro do lixo, junto três ou quatro estragada, mando arrumar e faço uma. Então é isso que eu aprendi... Sempre nas piores situações, há algo bom. Cava bem que tu achas. (Seu Beto, Gravação pessoal. Setembro de 2007)



**Figura 4. Rato, um dos moradores de rua que conheci ajudando a (e sendo ajudado pela) família, trabalhando nas ruas com Dona Alite e Manuela.**

Hoje entendo que além da ajuda no trabalho noturno de catação de lixo – de carrinhos ou carroça –, essas pessoas eram acolhidas para que seu Beto pudesse exercer alguma forma de poder sobre elas.

Aqui fiz um banheiro para o pessoal de rua, que vem se abrigar aqui. Então, existe a pobreza organizada e existe a pobreza desorganizada. A pobreza desorganizada torna o pobre um necessitado. Necessitado de casa, comida, vestuário, de tudo. E existe a pobreza organizada que faz o pobre enxergar a sobrevivência em tudo. (Seu Beto, Gravação pessoal. Setembro de 2007)

Seu Beto mostra aqui que é ciente de que ele tem a pobreza organizada e os pobres desorganizados precisavam de sua ajuda para sobreviverem. Com sua família não foi diferente. Com a autoridade de patriarca, manteve esposa e filha sob controle de suas ordens e vontades, ficando as duas à mercê de sua palavra. Manuela, sua filha, sempre demonstrou ter o mesmo temperamento autoritário e teimoso de seu pai, e, após o nascimento de sua filha Joana, decidiu enfrentá-lo. Saiu de casa para morar com um primeiro companheiro, e assim se seguiu até encontrar o atual, o terceiro, depois do nascimento de Joana. Seu Beto encara isso como afronta e sempre que pode enfrenta a filha, e ela a ele. Na última ligação, ocorrida nos últimos dias de dezembro de 2012, Dona Alite, esposa, enfrentou o marido dizendo que continuaria mantendo contato com Manuela, mesmo depois de a ter proibido de conversar



com a filha, pois os dois haviam discutido. Resumindo a história, Dona Alite, se negando a cumprir a ordem do marido, teve seu casamento abalado. Ele deixou de frequentar a casa onde moram para morar num galpão que construiu em poucos dias. Conforme confirma Hobsbawm:

De mais a mais, mesmo dentro de seu suposto alcance, durante a maior parte da história o poder esteve limitado por três causas: porque os meios de controle de que as autoridades dispunham eram inadequados para seu propósito; porque a adequação desses meios de controle depende até certo ponto da disposição dos súditos a obedecer e de sua capacidade de evitar obedecer; e porque (em parte por essa razão) as autoridades só tentavam controlar diretamente algumas áreas da vida de seus súditos. (HOBSBAWM, 2010, p. 26)

### **3.2. Que outra coisa comer se é este pão/ que nos fere a garganta a cada fome/ onde quer que estejamos?<sup>48</sup>**

Ana Lúcia Liberato Tettamanzy, orientadora desta pesquisa e autora do manifesto Eu-tu-nós (2010), relata o dilema de:

como dar conta da complexidade envolvida nas experiências de campo, em que pesquisadores (...) deslocam-se em direção a grupos e espaços tidos como subalternos ou periféricos para a realização de estudos. (TETTAMANZY, 2010, p.11).

É tentando ajudá-la nas respostas possíveis que acredito na poética da voz do aqui representado Adalberto de Almeida Moreira. Nascido em 20 de setembro de 1956, seu Beto é um dos 18 filhos de um marceneiro e uma dona de casa. Estudou até o segundo ano de um curso médio-técnico em Veterinária. Aos dezoito anos, saiu de casa para nunca mais voltar. Acusado pelo assassinato – por vingança moral - do irmão adotivo que denunciou o comércio ilegal de madeira que seu pai fazia: “O contrabando era feito da seguinte forma: as pessoas compravam no Brasil e nós transportávamos [do Uruguai] para elas de carroça. Até as estâncias.” (Seu Beto, Gravação pessoal. Junho de 2007)

Fugiu de sua cidade rumo ao Uruguai, onde procurou asilo e encontrou emprego como:

capataz do João Goulart. Ele me exilou. Primeiro ele se exilou, depois me exilou. O exílio é algo que te prende, te destrói. Tu olha a tua terra ali do outro lado, e vê tão perto e ao mesmo tempo tão longe, porque tu não pode ir lá. Existe aquele muro invisível na tua frente, tu não pode passar pro lado de lá, e isso te rói, te mata. E isso me doeu por muitos anos.

---

<sup>48</sup> Egito Gonçalves

Em 1972, ele [João Goulart] apoiou o movimento terrorista no Uruguai, os Tupamaros. Foi aí que eu me infiltrei no Movimento. Foi através dele, do Lunart e do Capitão Lamarca. Quando Goulart exilou pra Argentina, viemo eu e o Lamarca para o Brasil. Ai eu tive no Mato Grosso do Sul, que tinha um fazendeiro gaúcho que nos abrigou por cerca de um ano, e de lá eu vim pra Porto Alegre, onde me estabilizei. (Seu Beto, Gravação pessoal. Junho de 2007)

Baseados nos fatos heroicos do inca Túpac Amaru, no século XIV, o movimento Tupamaro surge no início da década de 1960 e tem a duração de uma década (1962/1972), com bombardeios e assassinatos de agentes militares do Uruguai, ao total de sessenta e dois crimes com morte. Os revolucionários buscavam o fim da ditadura militar no país.

O dia 05 de maio de 1962 marca o primeiro ato público de violência do grupo, quando, ao atacar e queimar a sede da “Confederación Sindical del Uruguay”, uma estudante de enfermagem é assassinada a tiros.

Percebemos, nessas primeiras linhas, que o movimento não tinha intenções nazistas, como a grande parte dos grupos organizados. Alguns dos cabos (militares) morreram para não entregar sua arma ao tupamaro que lhe intimidava. E assim se fez a guerrilha. Sem mantimentos ou meios de se manter, o grupo se via obrigado a assaltar e arrombar bancos e instituições públicas em busca de alimentos e armas. A vida dos civis que foi tirada deu-se por não haver outra escolha ou por algum tipo de “acidente”. Ao contrário do que vemos na guerra retratada por Tavares, os tupamaros não tinham a comunidade civil como alvo.

Com o passar dos anos, percebi que muitas das histórias que ele conta não ocorreram fielmente da forma que ele visualiza. A troca de datas, por exemplo, é algo que ocorre frequentemente.

Porém, quando descobri que ele realmente acreditava naquilo que me dizia, e não tentava “me enganar”, a paixão bateu mais forte. Encontrar uma verdade em que a vida tenha valor. Esta foi a intenção inconsciente deste contador. Stuart Hall tem a definição perfeita de identidade em que aqui preciso me amparar, pois ela se faz em um lugar que se assume, numa costura de posição e contexto, e não numa essência ou substância a ser examinada. (HALL, 2003, p.25)

É contando essas histórias que ele se reconstitui, se (trans)forma naquele que ele idealizava ser. Não o julgo, e peço ajuda ao escritor José Saramago para nos defender, pois se “Contam histórias os romancistas, contam histórias os dramaturgos, contam histórias os poetas, contam-nas igualmente aqueles que não são, e não virão a ser nunca, poetas,

dramaturgos ou romancistas”. Seu Beto não tem outra intenção a não ser contar histórias, as suas histórias, e não nos cabe comprovar a veracidade de suas contações, pois:

Não esqueçamos, porém, que assim como as verdades puras não existem, também as puras falsidades não podem existir. Porque se é certo que toda a verdade leva consigo, inevitavelmente, uma parcela de falsidade, quanto mais não seja por insuficiência expressiva das palavras, também certo é que nenhuma falsidade pode ser tão radical que não veicule, mesmo contra a intenção do mentiroso, uma parcela de verdade. (...) De fingimento de verdade e de verdade de fingimento se fazem, pois, as histórias. (SARAMAGO, 1997, p. 40)

Enfim, como aponta Jeanne Marie Gagnebin: ”lutar contra a mentira, mas sem cair numa definição dogmática da verdade.“ (GAGNEBIN, 2006, p. 44) ou ainda com base no que Regina Zilberman recorta de Jean-Yves Tadié e Marc Tadié: A memória ‘faz o homem’ e mais adiante complementam [os Tadié]: ‘A memória é a função de nosso cérebro que constitui o elo entre o que percebemos do mundo exterior e o que criamos. O que fomos e o que somos’ (ZILBERMAN, 2010, p.28)

Narrando sobre como era estar na guerrilha, Seu Beto falou sobre as mensagens que os grupos do Movimento produziam:

Seu Beto: - Ela nunca era por escrito, por telefone, por nada. Só por um mensageiro. A comunicação nossa era por mensageiro, nós não nos comunicava por nada mais que não fosse por mensageiro. E cada mensageiro tinha a sua sigla. Que depois foi descoberta, no Uruguai, a nossa sigla. Era uma sigla de comunicação. Que era uma estrela de cinco bico. Então, era a nossa identificação. E eu te identificava por intermédio da sigla. Aí depois foi descoberto, e aí a sigla perdeu a força.

Renata: - E como que vocês mostravam, ou faziam que essa estrela aparecesse?

Seu Beto: - Nós usava uma tatuagem invisível. Invisível. Tá aí, não tem um JAS aqui? Não dá pra enxergar, então do outro lado tu enxerga, eu tenho nos dois ombros. Não, não, é bem aqui. (Seu Beto, Gravação pessoal. Setembro de 2011)

Não foi sem lágrimas nos olhos que evidenciei que tal tatuagem não existe em seu corpo – ou não existe mais - e somente sobrevive em seu imaginário. Da mesma forma, em outra conversa, ele falou sobre a existência de um livro que teria sido editado com as suas experiências e de outros companheiros de prisão. Nomeou o título, ano e autoria da publicação. Procurei a autora, antiga professora do Presídio de Santana do Livramento, onde ele havia indicado, e ela confirmou que realmente pedia que eles escrevessem “redações” sobre a experiência de estar detido, porém jamais havia pensado em publicá-las e nunca conversou com os presidiários. No entanto, lembra-se do seu Beto, sobre esta intenção. Lembro Paolo Rossi quando diz que:

É certamente possível (...) contrapor a história, que é interpretação e distanciamento crítico do passado, à memória, que implica sempre uma participação emotiva em

relação a ele, que é sempre vaga, fragmentada, incompleta, sempre tendenciosa em alguma medida. (ROSSI, 2010, p; 28)

Este olhar para o passado de seu Beto, tentando agarrar-se a alguma esfera de valorização, me faz lembrar Walter Benjamin, pelas palavras de Fernando Frochtengarten:

O passado lembrado não é linear. A narração avança e recua sobre a linha do tempo, como que transbordando a finitude espaço-temporal que é própria dos acontecimentos vividos (BENJAMIN, 1929, p. 37). As lembranças abrem as portas para o que veio antes e depois. Uma recordação chama outra, compondo uma teia de rememorações mais ou menos singular, cuja textura se alinhava pela maneira como cada memorialista recolhe e amarra as imagens pregressas e busca sua significação. (FROCHTENGARTEN, 2005)

Infelizmente, a realidade brasileira tende a menosprezar o conhecimento destes que, como seu Beto, estão à margem da sociedade. Isso porque não tiveram acesso aos seus direitos básicos ou se tiveram foi de forma precária. A conversa com seu Beto deixa latente o quanto de conhecimento ele tem, no entanto, este não é teórico e sim prático.

Quer dizer, um saber que, no cotidiano, localmente, dá ênfase à falta, ao vácuo, à experiência que apresenta não uma eficiência externa, mas uma eficácia interna, saber do corpo, individual e coletivo, no qual felicidade e infelicidade, jubilação e desamparo estão intimamente ligados. Saber do sem-triagem, que não passa necessariamente pela conscientização ou a verbalização, mas garantindo, a longo prazo, a perduração obstinada da vida. Ainda que a ela integrando seu oposto: a morte e suas diferentes manifestações cotidianas. (MAFFESOLI, 2004, p. 32)

Tocado pela invenção que ele faz de si, do passado, ao narrar as suas experiências, este sujeito marginal sente-se valorizado. Por mais que ele conte para mim, porque eu estou ali ouvindo, gravando, documentando; é a ele próprio que quer convencer de sua importância. É a forma dele, narrador, se reinventar na presença daquele que o escuta. (TETTAMANZY, 2010, p.13)

Em nossos encontros, o interconhecimento (aprender outros conhecimentos sem esquecer os próprios) faz parte tanto de mim quanto dele. Aprendo não apenas com seu discurso memorativo, mas também com seu olhar, mãos, cigarro e respiração. Sei que minha escuta sinaliza a ele: que há não só sentido, mas também valor nas histórias de sua vida e nas de seu lugar de moradia, e isso na medida em que são representações da vida, mas também sua recriação pela memória no ato de narrar.(TETTAMANZY, 2010, p.12)

Com um imaginário e experiências fortes, seu Beto traz fatos históricos que ele bem domina mesclados com fatos de sua trajetória pessoal.

Então surgiu o partido Frente Ampla, partido comunista. Ai surgiu. Ai teve um impasse do Uruguai, que quatro anos governava os branco e quatro anos governava

os colorado. E o Frente Ampla nunca chegava a nada, era difícil, não chegava. Tinha voto, mas não chegava a nada, era a mesma coisa que quando fundaram o PT, ganhava um presidente, ganhava outro e o PT nunca ganhava. E a mesma coisa aconteceu no Uruguai. Ganhava os colorados, ganhava os brancos. Uma eleição ganhava um, outra ganhava o outro; uma eleição ganhava um, outra ganhava outro. Até oitenta...não, até noventa e oito. Em 98, o Frente Ampla ganhou a Presidência da República, não sei porque cargas d'água os colorados e os brancos se revoltaram um contra o outro e aí a revolta dos dois partidos votaram nisso, e o Cereni ganhou, e foi o único presidente Tupamaro no Uruguai. (...)

E continua até hoje. De 98 pra cá, é só ele que governa. E aí terminou esse negócio do capitalismo mandar, do militarismo mandar, terminou. Separou. Mais democracia do que militarismo, a democracia do Uruguai é mais respeitada do que a democracia do Brasil porque ela pensa mais no ser humano, é muito melhor. Mas também, o Rio Grande do Sul dá dois Uruguai.(...)

Lá no Uruguai tem só 233 cidades, e todas essas cidadezinhas dá um país. E outra coisa, a maior riqueza do Uruguai... tu vê o que é os milicos mandar numa coisa. A maior riqueza do Uruguai, pra população, é o mar. O mar de El Plata é a bacia pesqueira do Uruguai. E tu sabe que até hoje, até hoje, um castelhano não pode pescar no mar. Até hoje. Essa é a maior revolta do Uruguai. Até hoje, um castelhano não pode comprar um barco pesqueiro e pescar no mar. Como ali em Rio Grande, tu compra um barco pesqueiro, legaliza e vai pescar no mar, vai tirar o produto no mar. E no Uruguai não, no Uruguai, nenhum castelhano pode comprar um barco pra pescar no mar, porque a costa pesqueira do Uruguai foi penhorada com os EUA, e os EUA financiava pra ele. Muitas coisas aconteceram, muitas fábricas que até já fecharam, no Uruguai, os EUA financiaram. Então a dívida externa é muito grande. E aí foi criado um convênio que somente os barcos pesqueiros dos EUA controlava toda a pesca. (Seu Beto, Gravação pessoal. Setembro de 2011)

A guerra de seu Beto foi pela vida. Ele que não era universitário – e os estudantes foram os principais organizadores desta guerrilha - se viu obrigado a guerrilhar porque era clandestino e: (...) os clandestinos tinham que se juntar a eles porque era foragido daqui. Então, se ficar o bicho pega, se correr o bicho come. Tinha que escolher, escolher alguma coisa. (Seu Beto, Gravação pessoal. Setembro de 2011).

Porém, o sentimento da guerrilha fez dele um integrante com ideais sociais e humanitários e não apenas individuais:

Pra igualar alguma coisa, pra que aquele pobre viva, ele tem que entrar em luta com aquele capitalista. Senão, ele não consegue nada. O capitalista sempre vai cruzando por cima. E vai levando. Mas chega a um ponto que alguém se desperta e diz: - Não! Vamo lutar contra isso.

É a mesma coisa. Quem mais despertou pra luta? Professor, que era mal pago, professora, que era mal paga, e estudante. A classe estudantil. Foram os que mais participaram da guerrilha. Por quê? Porque eram a classe mais esclarecida e estavam sempre pressionado, e explorado pelas forças, pelo capitalista. Então, como ele era o mais esclarecido, ele foram à luta. Mesmo não dando grandes resultados, com o passar do tempo, a quantidade de desaparecido, a quantidade de mortos, a quantidade de barbarismo que aconteceu trouxe a vitória. Porque hoje se vive a democracia em toda a América. Mas eu não entendo bem a interpretação da democracia, porque ela é uma democracia mal interpretada. Eu acho que ela é mais um socialismo democrático do que uma democracia pura. Ela ainda não é uma democracia pura.

A democracia teria que atender três pontos, três pontos principais dentro de uma comunidade: a saúde, a renumeração e um trabalho digno pra que ele possa manter a dignidade dessa família. (Seu Beto, Gravação pessoal. Setembro de 2011)

Vemos que passados mais de quarenta anos após a participação na guerrilha, o pensamento de guerrilheiro ainda acompanha seu Beto. Não há o que justifique a guerra senão o mal. No entanto, não se trata de valores maniqueístas, mas sim da selvageria latente de que nos fala Michel Maffesoli:

animalidade serena, furiosa e calmamente, mas sempre com obstinação, a pessoa plural se afirma. A pessoa composta ‘eu é um outro’, antagônica, contraditória. (MAFFESOLI, 2004, p.15- Grifos do autor)

Enfim, a guerra se faz em conjunto e por um conjunto. Todo o eu, independente de sua ação e vontade, transformando-se em nós.

### **3.3. Então, isso aí é irmanar. É sentir um amor de irmão. O apoio. Na hora do perigo, te ajudar. É difícil, mas a gente consegue.<sup>49</sup>**

A guerra iminente em seu Beto ressurgiu em outro momento de sua vida, de forma decisiva e talvez ainda mais violenta. Por ter vindo foragido para o Brasil – procurado pela suspeita de assassinato de seu irmão adotivo<sup>50</sup> e também por ter participado da guerrilha Tupamaro – seu Beto precisou disfarçar-se de vários personagens até encontrar um que o protegesse (ver figura 6):

Usando o comércio que eu tinha, eu consegui provar que nunca estive em Uruguai. Por intermédio de atacadistas, fornecedores do meu comércio. Eu consegui provar para a justiça que eu estava ali em Porto Alegre, por mais de trinta anos. Mas sendo que eu não estava ali, a comunidade provou que eu estava junto dela todos esses anos, e os atacadistas também. Assim eu consegui a anulação de todos os processos, eu consegui a anistia. (Seu Beto, Gravação pessoal. Setembro de 2007)

---

<sup>49</sup> Fala de seu Beto, em 2007

<sup>50</sup> Até hoje esse crime não teve acusação judicial direcionada a seu autor.

DECLARAÇÃO

Pela presente, declaro que ADAIBERTO DE ALMEIDA MOREIRA trabalha no armazém de minha propriedade sito na Rua Menina Alvira, nº 6, Vila São Miguel, Bairro Partenon, em Porto Alegre. A CTPS deixa de ser assinada, pois tratando-se de meu antigo companheiro, toda a administração do armazém corre por sua conta, sendo considerado sócio.

Porto Alegre, 2 de dezembro de 1991

*Araci Trindade Peres*  
ARACI TRINDADE PERES

<b>11 TABELIONATO</b> AYRTON BERNARDES CARVALHO - TABELÃO R. ANDRADE NEVES, 111 - PORTO ALEGRE - RS	REQUERIDO a(s) _____ firmas(es) do _____ <i>Araci Trindade Peres</i>
	( ) com a cota <input type="checkbox"/> ( ) sem cota <input checked="" type="checkbox"/> ( ) SOLTEIRO com a(s) existentes no _____ ( ) CASADO com a(s) existentes no _____
EM TEST. _____ DA VERDADE ★ Porto Alegre, 03 DEZ 1991	
PASCHOAL G. PESCE - AJUDANTE ELOY GOMES SOBREIRO - AJUDANTE AYRTON D. CARVALHO FILHO - ESC. ADJ.	

Figura 5. Comprovante de estabilidade se Seu Beto, no comércio de sua ex-esposa.

Rapidamente se tornou presidente do bairro Menina Argeni (ver Figura 7) dentro da comunidade Partenon/Porto Alegre (RS), terreno ocupado por ele e outras poucas famílias interioranas do estado do Rio Grande do Sul. Liderou essa comunidade com base em três princípios:

Pra montar uma comunidade, tem que primeiro confiar nela, e depois fazer com que ela confie em ti, tem que dar o sangue por ela. Em terceiro lugar a união, todos unidos sempre, tanto nas horas boas, quanto nas horas amargas.

Confiança, segurança e União. A confiança é a principal de todas. Eu confiar na comunidade e ela confiar em mim. Quer dizer, se existir confiança da comunidade em mim e eu confiar nela ao natural surgirá a confiança, e a união é fruto dessa confiança. Um por todos e todos por um.

Foi através dessa união que nós conseguimos saneamento básico, lá para aquele morro, uma creche comunitária, um posto médico e uma escola. Quatro ícones importantes para a concretização de uma comunidade. Muitas vezes, um trabalhador largou seu trabalho pra ir à frente de um órgão público para pressionar. Não adianta ir só o presidente, tem que ir toda a comunidade. No momento em que os partidos políticos começam a enxergar essa comunidade unida, criam interesses sobre ela, porque ela começa a aparecer. Mas daí está no líder comunitário não ceder, não participar de falcatrua nenhuma. Só lutar pelo objetivo, e o objetivo é o interesse comunitário. (Seu Beto, Gravação pessoal. Setembro de 2007)



MANIFESTO DE AFOIO À LIDERANÇA COMUNITÁRIA

Os infra firmatários, moradores das Ruas MENINA II e PARTE SUPERIOR vêm, por intermédio deste, RATIFICAR as manifestações de apoio e confiança no Sr. ADALBERTO DE ALMEIDA MOREIRA, autêntico líder de nossa Comunidade e que em novembro de 1988 iniciou um obstinado trabalho, visando melhorias comunitárias, tais como abertura de Ruas; instalação de rede elétrica, hidráulica e sanitária, bem como a abertura de Creche para atendimento às crianças carentes da Comunidade.

Indicamos o Sr. ADALBERTO para nosso LÍDER COMUNITÁRIO, a fim de que reivindique aos órgãos públicos, os mais diversos, a nível municipal, estadual e federal, assim como divulgar nossas carências e necessidades junto a imprensa falada, escrita e televisionada.

Para que os órgãos competentes conheçam as reais necessidades de cada morador, é compromisso da LIDERANÇA COMUNITÁRIA cadastrá-los.

Qualquer eventual despesa será paga com recursos próprios, dos moradores subscritários, após deliberação em assembléias previamente ajustadas.

Porto Alegre, 26 de setembro de 1991

N O M E	ENDEREÇO	DOCUMENTO IDENTIDADE
Juam Silva da Rosa	MENINA ALMIRA II N° 5	402104296
Antônio Carlos de Campos	MENINA ALMIRA II N° 01	SSP. 4021216348
MARCIA ROSA RODRIGUES	MENINA ALMIRA - N° 124	
TEODORO ROTA VIEIRA	MENINA ALMIRA (PARTE ALTA)	CI - 5050083855
Milton da Silva ALB	MENINA ALMIRA PARTE ALTA	CI - 1050652286
Dorli da Silva Padilha	MENINA ALMIRA II. C. 6°	REGISTRO GENL. 4005851292
Brasil Dias Oliveira	MENINA Almiras 2	- SSP. 9004978811
Pedro Jorge S. DE OLIVEIRA		- SSP. 20 53 25 6711.

Figura 6. Assinaturas de mais de 200 pessoas apoiando Seu Beto como líder comunitário.

Após garantir o mínimo de dignidade “à sua comunidade”, seu Beto começou outra batalha: o tráfico de drogas.

Se eu sou traficante e eu quero o teu dinheiro. Tu trabalha, tu estuda e eu quero o teu dinheiro. Então eu vou procurar uma colega tua pra pegar no teu pé. ‘Minha filha, pega essa coca [cocaína]. E ela participa contigo. E assim, no outro dia,... E no outro dia....Questão de uma semana, ela é viciada e tu também. Mas ela não vai ter, e vai te levar pra mim. Mas como eu sou um cara bonzinho, ‘hoje eu vou te fazer um papelote a R\$ 2,00’, amanhã R\$ 2,00. Assim eu estou plantando. Agora chega a hora de eu colher: “Ah, minha filha, o papelote subiu. Está R\$10,00, e a mercadoria está escassa na boca.” E tu: ‘Ah, mas...me arruma igual....’ “Então, toma”. Essa é a forma de eu colher.

Assim, é mais um viciado que eu fabriquei na minha comunidade. E é mais uma renda de todos que eu tenho, mais um que eu incorporei naquela comunidade. A vida é assim, o traficante age assim, e quando eu me dei conta, o único jeito de eliminar eles, era fogo e bala, mas eu tinha que me garantir de não ir parar na cadeia. Eu tinha que me garantir. Eu tenho que matar, mas eu não posso morrer. Eu não posso ser preso. (Seu Beto, Gravação pessoal. Setembro de 2007)

E foi assim que seguiu os anos que permaneceu em Porto Alegre. Há casos em que ele foi me relatando mais “detalhes” à medida que a confiança entre nós aumentava. Sobre o Gago (ver figura 8), um dos traficantes da comunidade, primeiro me disse:

Foi um traficante que eu tirei do morro, e depois quando chegou ao ponto de “tu me mata ou eu te mato” eu registrei ocorrência e subi e coloquei fogo na casa dele. E assim começou a guerra, graças a Deus não morreu ninguém, e eles desertaram do morro. (Seu Beto, Gravação pessoal. Setembro de 2007)



Figura 7. Prisão de Gago

Em outro momento, setembro de 2011, disse que ele, Gago e seus comparsas subiram o morro dizendo que iam torturar seu Beto antes de matá-lo. No entanto, nosso narrador já sabia que ele tinha este propósito e estava no caminho escondido em um valetão. Deixou-os

subir e na volta disparou “para assustá-los, sem acertar em ninguém”, deixando-os sem saber de onde vinham os tiros.

Assim seguiu, desocupando a área daqueles que ele julgava inadequados na comunidade.

O primeiro ano de associação foi difícil, eu queimava duas, três casas por noite, a ponto de ter uma área que eu desocupe com fogo. Eu colocava o fogo e chamava o corpo de bombeiros, mas só chamava depois de que o fogo queimou. (Seu Beto, Gravação pessoal. Setembro de 2007)

Essa expulsão não se limitava apenas aos traficantes de drogas. Orgulhoso me mostrou uma reportagem sobre o desmoroamento de uma obra particular de um deputado estadual que estava sendo construída na comunidade com dinheiro público. Através de um mutirão, conseguiram transformar o prédio em entulho. A participação da mídia se dava porque:

Era um jeito de se defender, entende? Porque eu era um ex-presidiário, e assim, a polícia podia muito bem me cortar as pernas. Então, antes dela me cortar, eu já ia me adiantando. Eu sempre era um anjinho, bonzinho. E a verdadeira guerrilha se faz assim. (Seu Beto, Gravação pessoal. Setembro de 2007)

Até que a batalha começou a se tornar sangrenta:

O que eu posso fazer, a vida me ensinou a ter que matar, para não morrer. Inclusive perdi meu amigo, meu filho e amigo [filho de d.Alite], Valdir, nessa maldita luta. Ele morreu com dois tiros, na cara, disparados pelos traficantes. Na frente de uma associação, o nosso dever é colocar na cabeça do povo que só se consegue as coisas com união, só com todos por um e um por todos. As pessoas confiavam tanto em mim, que eu dormia em qualquer casa. Em qualquer casa que eu batesse na porta e dissesse que era o Beto, abriam a porta. Eu largava a arma em um canto e dizia: - Eu quero dormi um pouco que eu não aguento mais. Na minha casa eu não podia dormir. Durante um ano, na minha casa, eu não pude dormir. E a minha casa foi atacada por eles várias vezes, mas muitas dessas vezes em que eles atacavam a minha casa e eu dava o revide depois, porque eu sempre estava muito perto, mas eles nunca sabiam onde eu estava. (Seu Beto, Gravação pessoal, Setembro de 2007.)

Quando pergunto a ele por que desistiu de Porto Alegre, entendo que obtive o resumo de toda a sua ideologia:

Seu Beto: Abandonei a vila por um objetivo maior que era voltar para a minha terra natal. Então eu cumpri o primeiro mandato, depois eu não quis me reeleger. É o mesmo que a prefeitura, ou eu me reelejo ou saí fora. Assim também é feito com capataz, sai um entra outro. A única coisa é a mudança do nome. Na política trabalhista, tu tá sendo renumerado pelo teu trabalho, e na política comunitária é gratuitamente, é o teu trabalho por um ideal, teu pagamento é cada vitória que tu tens. Hoje, eu consegui um posto de saúde, um poste de luz. É um bom pagamento,

é uma vitória. Por que o líder comunitário luta por um ideal, não por capitalismo. Então, é um idealista, luta por um ideal.

Renata: E por que seu objetivo maior era voltar para a sua terra?

Seu Beto: Porque eu fui obrigado a sair de minha terra, então um dia eu teria a oportunidade de voltar, porque lá em Porto Alegre eu era um forasteiro. Eu cheguei lá obrigado pelas consequências, não por eu gostar de lá. Cheguei lá só para livrar a justiça de minha terra. (Seu Beto, Gravação pessoal. Setembro de 2007)

Enfim, todo o processo de violência se deu pelo objetivo maior de retornar à terra em que nasceu, onde vivia em paz junto a sua família. O que não equivale a dizer que ele se arrependa de tudo que vi(olentou)venciou. Hoje vive uma vida calma e pacata ao lado de sua filha, enteada e netos. Porém, a memória de guerrilheiro ainda faz dele um lutador:

Hoje, eu tenho dor por todo o corpo, eu tenho a cabeça quebrada, eu tenho o corpo baleado. Tudo pela luta que a gente fez. Mas... tô vivo. Tô vivo e tô contente. Porque eu venci. Eu venci, eu me considero um vencedor em quase todas as empreitadas que eu tive na vida. Eu sou um vencedor tanto nas lutas que eu tive na vida, quanto na luta sentimental. Também eu me sinto um vencedor. Eu sinto que realizei o meu sonho. Com muito sacrifício eu realizei o meu sonho. (Seu Beto, Gravação pessoal. Maio de 2010)

### **3.4. A memória tem um homem morto – aqui: a África sofre caída e sem haveres – rasteja<sup>51</sup>**

Ana Paula Tavares utiliza-se de sua trajetória como historiadora para nos apresentar “festas, sacrifícios, rituais; impressões da África, fragmentos de sonhos e reminiscências de infância” (LEIRIS, 2007, p.19). Histórias que se confundem com narrativas antropológicas, num trabalho, por vezes, etnográfico. Este misto entre literatura, história, antropologia e etnografia enriquece as crônicas analisadas, que não são todas as 36 crônicas da obra *A cabeça de Salomé*. Talvez por essa miscigenação, tais textos possam ser confundidos com conto diante a verossimilhança encontrada junto à poesia da oralidade. A autora – que também se confunde com a narradora – coloca-se no “entre”, conforme Fernanda Antunes Gomes explicita:

Afrânio Coutinho afirma que é mesmo da própria natureza da crônica a flexibilidade, a mobilidade, a irregularidade (Coutinho, 2003, p. 133). Notamos que a crônica é um gênero “entre”: entre o jornalismo e a literatura; entre a crônica e o conto. E realmente acreditamos que esse gênero se quer “entre”, porém, sempre entre amigos, podendo, assim, preservar sua característica maior: a informalidade. (GOMES, 2007, p.25)

Pensando nas corretas definições – ou limitações de termos literários – prefiro o “Prazer do texto”, pois, da mesma forma que Roland Barthes (2010), o texto de Ana Paula Tavares me escolheu,

---

<sup>51</sup> Eusébio Cardoso Martins

através de toda uma disposição de telas invisíveis, de chicanas seletivas, o vocabulário, as referências, a legitimidade, etc.; e, perdido no meio do texto (não *atrás* dele ao modo de um deus de maquinaria) há sempre o outro, o autor. (BARTHES, 2010, p.35 - Grifos do autor)

Numa escrita que já não é com um narrador/autor que também não é, entendo – sofrida e demoradamente – que a “escriptora” Ana Paula diz sem dizer, em uma forma que prefere a deformação. O que me faz referenciá-la ora por narradora, ora por autora. Compagnon me ajuda a embasar:

O autor cede, pois, o lugar principal à escritura, ao texto, ou ainda, ao “escriptor”, que não é jamais senão um “sujeito” no sentido gramatical ou linguístico, um ser de papel, não uma “pessoa” no sentido psicológico, mas o sujeito da enunciação que não preexiste à sua enunciação, mas se produz com ela, aqui e agora. (COMPAGNON, 2010, p. 50 – Grifos do autor)

Desta forma que me guio por esta escrita (que chamarei de crônica porque assim nomeou primeiramente o jornal português em que foram lançadas, de 1999 a 2002 e, após, a editora Caminho, em 2004) tão representante do colonialismo português.

A autora valoriza o “tempo antes de virar o tempo” (TAVARES, 2004, p. 119) para elucidar a cultura, o povo ou mesmo a tradição de seu povo anterior à guerra, e o tempo em que “toda a gente estava morta antes mesmo de morrer” (TAVARES, 2004, p. 142) para *performatizar* a dor e luta dos que se tornaram o retrato da liberdade de seu país. Stuart Hall contribui ao dizer que: os momentos de independência e pós-cultural, nos quais essas histórias imperiais continuam a ser vivamente retrabalhadas, são necessariamente, portanto, momentos de luta cultural, de revisão e de reapropriação. (HALL, 2003, p. 34)

Por isso, Paula Tavares usa o grito para retratá-los, pois ela ainda está em luta por dignidade e justiça social.

É desta forma, portanto, que Tavares começa a se comunicar com seu Beto. Ambos, depois de conhecerem o tempo de guerra, permanecem nele, até os dias de hoje, por mais que os duelos enfrentados atualmente sejam mais pacificados e silenciosos. Ao direcionar o olhar para Angola, país de interesse neste texto, é possível observar que esta vasta terra, do ano de 1579 até hoje, não teve mais do que 20 anos consecutivos de paz<sup>52</sup>. Desde a primeira guerra – ocorrida em 1570, liderada pelo “Bula Matadi” para expulsar os portugueses do reino do Kongo, com a perspectiva de acabar com as intrigas que enfraqueciam o reino, até chegar à formação de um governo de coligação nacional composto pelo Movimento Popular para a

---

<sup>52</sup> Folha de São Paulo, 1996:p.1-12

Libertação de Angola (MPLA), pela União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA) e pela Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA).

Quando se inicia a fase política da independência em Angola, até a turbulenta década de sessenta quando ocorreram as influências dos EUA e da antiga União Soviética, a guerra – interna ou externa – veio somente delineando o que ocorreria anos mais tarde. O dia 15 de março de 1961 marca a rebelião de guerrilheiros angolanos que traçaram um verdadeiro massacre no norte de Angola contra os europeus que lá habitavam.

O povo angolano, já independente de Portugal, enfrenta uma Guerra Civil (1976-2002) além da Guerra Fria. O número de mortes causadas pelas guerrilhas que já havia antes da grande revolta pela independência é aumentado por ainda vinte e seis anos.

Em 1976, o fracasso da coligação governamental conduziu a um longo período de Guerra Civil entre o governo liderado pelo MPLA e a UNITA. Depois da morte do primeiro Presidente da República, Agostinho Neto, em 1978, mais conflitos ocorrem. Em 1981, soldados sul-africanos invadem Huíla, seguidos pela UNITA que, em 1984, ataca a cidade do Sumbe, capital do Kwanza-Sul. No mesmo ano, o presidente angolano apresenta uma “Plataforma da Paz” numa carta dirigida a Javier Perez de Cuellar, secretário-geral da ONU, onde requer a retirada imediata e incondicional das forças sul-africanas e a cessação das agressões contra Angola, e ainda a cessação de todo o apoio à UNITA a partir do exterior, o que não foi de grande valia, uma vez que em 1986 o líder da UNITA, Jonas Savimbi, é recebido na Casa Branca.

No início da década de 90, depois de fracassadas tentativas de acordo de paz, Portugal defende a participação futura de observadores norte-americanos e soviéticos.

Depois de outro acordo de paz assinado, em 1992, ocorrem as primeiras eleições gerais multipartidárias, presidenciais e legislativas, na história do país. O Presidente, José Eduardo dos Santos, vence a primeira volta das presidenciais. Com a derrota nas eleições, um ano depois, a UNITA ocupa militarmente Huambo. Em 1999, depois de a UNITA ter iniciado um ataque à cidade de Malanje, o Secretário-Geral da ONU propõe, em Washington, o fim das operações da ONU em Angola, e o governo angolano anuncia que não voltará a negociar com o líder Jonas Savimbi, morto em 2002.

Guiada por Tavares à representação literária destas guerras, mais precisamente a da luta colonial, apresento a primeira crônica, homônima ao título, “A cabeça de Salomé”. Nela, conta-se a história de:

Na-Palavra, uma serpente velha e maldita que guarda o território e a palavra, medindo o tempo na balança de cobre dos antepassados, os guardadores das fontes dos rios no nó do Kassai. (TAVARES, 2004, p. 13 - adaptado)

Apresenta-se já o guardião de uma cultura e de um ‘chão’. Na-Palavra lembra-nos também a guarda da palavra puramente africana, ainda sem a interferência colonial. Frequentemente, a figura dos antepassados surge para evidenciar o tempo “antes da guerra”, e aqui eles representam a prenúncia da tomada do território.

Na-Palavra não foi sempre maldito:

Tinham passado anos desde que Na-Palavra abandonara seu lugar de favorito e esvaziara seu cesto de adivinhações, com sessenta e três elementos do seu próprio sistema de vida e pensamento, para esconder a criança, a mais bela filha das terras de Lunda, nascida dos amores proibidos do dançarino cokwe e da filha mais nova do grande muata, sua pequena irmã de espírito e sangue. (TAVARES, 2004, p.14)

Guardador da tradição, o cesto de adivinhações do protagonista deveria ser, sim, imenso, já que se trata de um

pequeno labirinto organizado por mãos treinadas pelo tempo (...) [e que] Depois de pronto, fica a envelhecer, enquanto se vai enchendo de objectos que o povoam, estabelecendo, entre si, relações de entendimento.” (TAVARES, 2004, p. 33)

Nota-se neste momento que há a perda de sua identidade, com o abandono do cesto em prol da identidade de uma comunidade inteira. Já que após os mais velhos terem escutado o som do tambor de duas faces – o qual “anuncia a desgraça e descobre os lados, normalmente velados por borracha virgem e cera de abelhas” (TAVARES, 2004, p.14), “lembraram do tempo da grande fome antiga, quando a desgraça foi tanta que o ar se tornou sólido, à força de abrirem a boca para beber. Dizia-se, muito baixo, que o sangue de uma mulher virgem era esperado pelos deuses.” (TAVARES, 2004, p.15)

Todos olharam a-mais-nova, a filha de muata, tão linda que a máscara Mwana Pwo se recusara a sair diante dela e a acabar de vestir o corpo do bailarino. Por isso ele dançou só, sem protecção. Com o despeito da máscara, a do espelho. E tão bonita foi sua dança, tantas vezes seu corpo torceu em música, que a terra se abriu de desejo, e a cólera dos deuses se pôs a vibrar todos os tambores. Era precisa uma cabeça. O bailarino não descansou com seu corpo de arco-íris e distraiu homens e deuses e desposou a mais nova filha do muata. (TAVARES, 2004, p.15)

A presença das máscaras é tema constante nas crônicas de Ana Paula<sup>53</sup> já que a autora enfatiza ritos e tradições de seu povo, e “entre os quiocos (povos de Zaire e de Angola) dançarinos mascarados apresentam-se nas aldeias durante o período de iniciação.<sup>54</sup> A máscara que aqui se remete, a Mwana Pwo, representante do ancestral feminino que “morreu cedo e, assim, é uma lembrança do tema morte, o qual é parte da experiência da iniciação de morte e renascimento.”<sup>55</sup> O paradoxo entre morte e renascimento confirma a necessidade de união entre o dançarino que se contorce dançando, pois “o poder e a elegância da dança são para trazer fertilidade às mulheres” eá mais-nova, também iniciada neste rito que tem a maldição da morte desde seu incio.

O ancestral representativo da máscara Mwana Pwo “regressa à terra com o poder de validar ou criticar as instituições da sociedade tradicional cokwe.”<sup>56</sup> Exatamente o que a criança nascida caracteriza: a união de ritos angolanos, numa descendente do grande muata – chefe – e do dançarino descrito com o corpo que une o que há de mais natural e puro entre a chuva e o sol, dois extremos da natureza que resultam em arco-íris. A criança torna-se, assim, a guardiã da terra (muata) e da cultura ,(dançarino) de um povo.

Interpretada desta forma, a crônica permite a leitura de que é necessário proteger o que há de mais puro da cultura africana, a filha do bailarino com a-mais-nova, irmãos de espírito e sangue. É por isso que Na-Palavra parte com a criança para o labirinto “Mpanzu com o segredo de cesto e seu cuidado de caminho, longe dos homens, deuses e das centopeias.” (TAVARES, 2004, p.15)

A presença das centopeias, como elemento de que se deve fugir, faz com que se dê ênfase ao prefácio desta crônica. Diz o provérbio cabinda: “A centopeia com 100 pernas só anda por um caminho.” Esta metáfora animal faz lembrar novamente a já usada, no segundo capítulo, na crônica “O Milhafre”: “Começamos (...) por olhar o chão e (...) descobrir as formigas. A madrinha dizia ‘vejam como trabalham’ e nós ríamos nos pequenos pensamentos:

<sup>53</sup>Veremo-nas em outros momentos deste estudo.

<sup>54</sup> AZEVEDO E FREITAS. História e cultura: Mwana Pwo. Disponível em [http://www.tucokwe.org/cultura/artigos/mwana\\_phwo\\_representacao\\_feminina\\_nas\\_mascaras.html](http://www.tucokwe.org/cultura/artigos/mwana_phwo_representacao_feminina_nas_mascaras.html) acesso em 02 de janeiro de 2013.

<sup>55</sup> Idem

<sup>56</sup> MARQUES, Ana Clara Guerra. Mwana Pwo ou a representação feminina na hierarquia das máscaras cokwe. Disponível em [http://www.tucokwe.org/cultura/artigos/mwana\\_phwo\\_representacao\\_feminina\\_nas\\_mascaras.html](http://www.tucokwe.org/cultura/artigos/mwana_phwo_representacao_feminina_nas_mascaras.html) acesso em 01 de março de 2012.



‘Como pode trabalhar alguém que anda em filas, anda, anda e não faz nada...’”(TAVARES, 2004, p.64/5).

Como não lembrar das tropas com mais de 100 pernas que seguem pelo mesmo caminho ou que andam, andam e não sabem por que andam.

Enfim -, nesta crônica, tanto homens como deuses e centopeias são nada menos do que figuras representativas do “inimigo” que quer fazer sucumbir não apenas as vidas do povo africano, como também a sua cultura e tradição. Porém, a esperança ainda permanece, pois “Na-Palavra fez crescer a criança (...) rodeada (..) das duas estacas da tradição e dos montes de terra pintados de branco e vermelho.” (TAVARES, 2004, p.16) Foi desta forma que a criança cresceu, de cabelo multiplicado em tranças e corpo talhado como a tacula verde da oferta. Sabe dançar todas as cores do arco-íris.”(TAVARES, 2004, p.16)

Até então a tradição está a salvo, porém o que faz com que o pensamento de guerra perpetue no discurso de Tavares é que: “ao longe, ouvem-se os som dos tambores duplos. O ruído da faca no altar dos sacrifícios. Alguém deseja a terra.” (TAVARES, 2004, p.16)

Os binômios “viver e morrer”, “paz e guerra” permanecem em outros textos da autora:

Acordámos numa manhã de erva-doce e tamarindos, enquanto a noite se decompunha sobre o mar, preparamos o corpo para a viagem. Água perfumada, óleos essenciais, a roupa dos dias claros e um rápido traço de Kohl. (TAVARES, 2004, p.9)

Assim começa a crônica intitulada “Dona Beba”. Nela Tavares, iniciando seu livro, faz com que a violência oriunda da guerra tenha “dias claros”. A oposição entre vida e morte é vigente no caminho traçado pela narradora e seus amigos até chegarem à casa da senhora:

Percorremos a ilha (Tarrafal) até chegar ao coração da sede, onde pequenas arvores (...) sorriam um sorriso de vento (...). Sobreviviam, como as pessoas, de pequenas gotas de água perdida por entre os montes. (TAVARES, 2004, 9/10).

Pedro Venâncio também nos descreve o Campo de Concentração:

No Campo do Tarrafal, a água que nos estava destinada vinha de um poço, situado a uns setecentos metros. Ali se juntavam mulheres e crianças. Vinham de bem longe com as suas vasilhas. Carregavam-nas à cabeça e seguiam para suas casas. Era esta a água que bebíamos. Estava contaminada com excrementos de cabras e burros lazarentos que ali iam beber todos os dias. Pelo tempo das chuvas, raras mas torrenciais, as enxurradas que desabavam das montanhas arrastavam consigo burros, cães, aves mortas. O poço ficava no caminho das torrentes e com a sua água bebíamos também a outra, a das chuvadas que corriam para o oceano. Ficava o poço a uns

duzentos metros do mar que se infiltrava e tornava integralmente salobra a água que bebíamos. Pelas marés vivas mais salgada era ainda.<sup>57</sup>

Com a sutileza de quem canta, Tavares grita o desespero de uma memória que sofre pelo descaso humano. Vendo a esperança em uma menina “toda vestida de domingo [que] abria seu sorriso de borboleta” e também “meninos de verde e amarelo [que] ensaiavam os primeiros passos da dança do futuro” (TAVARES, 2004, p.10), a narradora descreve o silêncio e o esquecimento fechados no campo de concentração. Afirma ela no decorrer da crônica: “Era o nada na sua forma absoluta, detrás das grades do grande portão de ferro.” O que deixou os personagens “gelados de surpresa” (TAVARES, 2004, p.10). Entendo Tavares como alguém que busca a sutileza para descrever a crueldade que somos capazes de fazer. Dona Beba representa na crônica a permanência da violência que o campo de concentração silenciou. Em suas mãos “impossíveis para quem há oitenta e nove anos as usa para segurar a vida de quem precisa. Cuida dos doentes, ampara os presos, seca o peixe das viagens.” (TAVARES, 2004, p.10) está a definição de anjo que logo ela nega: “- Não se entusiasme, menino, o anjo era ele, eu vivi p’ra tomar conta”. (TAVARES, 2004, p.11) Desta forma, a personagem Dona Beba anuncia a inexistência de um anjo, mostrando que tudo que se faz naquele lugar é tão humano quanto a mesma maldade feita fora daquela casa. O que se confirma em um trecho colhido da crônica “Peregrinações”: “Toda a gente pode ser herói, ainda que o seja só do seu caminho, quantas vezes sem regresso, tantas vezes mal escolhido.” (TAVARES, 2004, p. 24). Ainda nesta mesma crônica, encontro que:

Os caminhos de África, os caminhos da terra onde está inscrita toda a memória, sustentam um céu que de repente se abre em mil águas no meio do calor, mas que pode permanecer calado, durante anos, a fazer sofrer as criaturas da terra. (TAVARES, 2004, p. 24).

O que me faz lembrar do dançarino mascarado com Mwana Pwo, acima citado, pois se o arco-íris nele estruturado trouxe vida, aqui tanto a chuva quanto o sol trazem apenas sofrimento à África.

Identifico desta forma, duas possíveis conclusões: a primeira, de que toda vida acaba em sofrimento, o que é estereotipado mundialmente em relação à África; a segunda: a partir deste sofrimento é possível ver a beleza do arco-íris. Sinceramente, acredito fielmente que a escrita de Tavares seja guiada por essa forma de ver o continente. É a dor que já sofreu – e ainda sofre - que faz com que hoje seja possível vê-lo tão belo e corajoso.

---

<sup>57</sup> VENANCIO, Pedro. Campo de concentração do Tarrafal. Disponível em <http://campodotarrafal.blogspot.com.br/>. Acesso em 02 de janeiro de 2013.

### 3.5. “Uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito”

D. Risoneta, em *Memória e Sociedade* de Ecléa Bosi

“Um dos pressupostos para entender as narrativas é reconhecer que elas consistem, por sua poeticidade, em uma forma de estar no mundo, que se define por sua posição em relação a outras.” Com essa afirmação Felipe Grüne Ewald (2010, p. 64) começa a defender o que entende por metanarrativa, e continua ele: “ao tratar da metanarrativa, elucidado a não-transparência da realização da linguagem, exponho a concretude desta, lembro que a narrativa se faz por meio da linguagem que não é neutra.” (EWALD, 2010, p. 65). Assim, retomamos Regina Zilberman que, se referindo a Benjamim, afirma: “Sendo comunicativa, a linguagem ‘comunica o ser mental correspondente a ela’. E [Benjamim] completa: ‘É fundamental que este ser mental se comunique *na* linguagem e não *através* da linguagem.’” (ZILBERMAN, 2010, p. 30)

Alerto, assim, de que o foco deste trabalho é o registro da voz, e com ela, a vida e o pensamento dessas personagens., não importando a veracidade dos fatos. O que realmente é alvo de nossas atenções é o que eles narram.

Faz-se também preciso dizer que o laço desta pesquisadora com seu Beto é de extrema amizade e que por isso não consigo mais ser neutra quando escuto suas narrativas. O que me torna uma “observadora participante”, conforme Bosi refere-se ao termo de Roman Jakobson: “Não basta a simpatia (sentimento fácil) pelo objeto<sup>58</sup> de pesquisa, é preciso que nasça uma compreensão sedimentada no trabalho comum, na convivência, nas condições de vida. (JAKOBSON, 1983, p.2).”

Já Paula Tavares foi-me apresentada, de forma mais intensa e apaixonante, em 2011, quando entrei no Mestrado. Encantam-me suas palavras – que não são apenas suas, mas de seu povo -, a expressão viva da voz, a capacidade de conseguir prender o ‘ato’ com toda sua performance, não somente com a voz do narrador, mas o espaço e tempo que constituem aquele ambiente apresentado.

A ideia de uni-los em uma pesquisa surgiu quando suas vozes se cruzaram, a um acaso tão certo, e o conversar entre eles apareceu de forma natural e simples. Mesmo sendo ela angolana moradora de Lisboa e ele gaúcho de Santana do Livramento, morador de Dom

---

<sup>58</sup> Prefiro o termo ‘sujeito de pesquisa’

Pedrito (também no Rio Grande do Sul), há muitos aspectos que os afastam e aproximam ao mesmo tempo. Ter enfrentado uma situação-limite em suas vidas; ter presenciado uma guerra (guerrilha no caso do seu Beto); ter paixão pela sua terra e vontade de defendê-la, sem esquecer s outros elementos culturais, como: diáspora, hibridismo e a procura de si.

Para chegar ao tema guerra presente nas poéticas narradas por estes meus tão queridos contadores/personagens/narradores, preciso visitar antes o elemento do “Mal” na literatura, e foi em Georges Bataille que, encontrei maior compreensão. Maria Rita Kehl, seguindo suas linhas, nos ensina que o “Mal não é irrepresentável. Ao contrário, é aquilo para o qual as culturas precisam inventar um lugar simbólico.” (KEHL, 2000, p.142) E a autora, amparada ainda em Bataille, ensina: “se não temos mais formas ritualizadas, coletivas, para exorcizar o mal (nomeá-lo, o que equivale a experimentá-lo simbolicamente), temos a experiência isolada, individual, da literatura.” (Idem):

a experiência literária é uma experiência de liberdade absoluta (e não de transgressão, o que seria uma forma de lidar com o Mal sem esquecer a lei.(...) A literatura é a expressão de sujeitos em que os valores éticos estão mais profundamente ancorados. Ou seja, o Mal, na literatura (para Bataille, um otimista), é a memória do que a vida civilizada nos obrigou a deixar para traz, mas de que não devemos esquecer (KEHL, 2000, p.142/3)

Enfim, escrever sobre guerra é escrever sobre o homem. Seja ele, numa construção literária, narrador, eu lírico, autor, escritor ou personagem. Toda a representação do ser humano terá sempre o lado soberano como também o maquiavélico na sua personalidade. A literatura – ou ainda, a poética da voz -, neste caso, ajuda a dar mais vazão a um ou a outro, conforme a intenção da obra.

### **3.6. Lá longe onde o tudo e o nada se cruzam no além<sup>59</sup>**

Paul Zumthor falando sobre o preconceito linguístico implicado no conceito de literatura e sua definição limitada temporal e espacialmente à civilização europeia entre os séculos XVII e XVIII até os dias atuais, distingue a poesia vocal da literatura oral, já que poesia para ele é a arte da linguagem humana independente de seus modos de concretização e fundamentada nas estruturas antropológicas mais profundas. (ZUMTHOR, 2007, p.12).

---

<sup>59</sup> Adaptado de Eduardo Roseira

Uma tradutora de Zumthor aqui no Brasil e também estudiosa das poéticas das vozes, Jerusa Pires Ferreira, é lembrada por Sonia Queiroz, quando se refere ao exercício poético:

A noção de matriz desenvolvida por Jerusa Pires Ferreira dá conta, portanto, da explicação de um processo que liga o oral, o oralizado, o impresso, o visualizado, e o memorizado. Com esse efeito, a pesquisadora elimina a noção de uma “oralidade em si, espécie de memória absoluta”, e constata “a complexidade das operações de criação, recriação, que mobilizam o grande texto oral, mas que provém também de outras interferências” em lugar de censura, abertura. (QUEIROZ, 2010, p.44)

A poética que percebo nas narrações de seu Beto não está apenas em sua voz. Em todas as filmagens, com raras exceções, nestes mais de cinco anos de pesquisa, ele está sentado. E mesmo assim, mesmo com poucos movimentos corporais, a performance que dele extrai-se é impactante. A forma como seu olhar grita, suas mãos proclamam, seu cigarro pede socorro e sua respiração sorri por ainda estar ativa:

Esses narradores impõem força e veracidade menos pelo conteúdo do que contam e mais pela presença física de voz e corpo na performance, modo de comunicação cuja essência reside no reconhecimento da “responsabilidade para com sua audiência” e na “colocação em cena da função poética da linguagem”<sup>60</sup>. (TETTAMANZY, 2010, p. 13)

Em 2011, editei um documentário onde as falas de seu Beto e de Paula Tavares se cruzam quase que respondendo uma a outra: “Aqui, insistindo na importância de se pensar sobre os entrecruzamentos da oralidade com a escrita e de se identificarem os traços comuns que as unem, no intuito de reforçar a memória. (QUEIROZ, 2010, p. 44)”

Coloco-as opostas, tentando visualizar, através do diálogo entre essas duas poéticas da voz, os dois lados da guerra: de quem olha e de quem é olhado.

Jeanne Marie Gagnebin, ensinando sobre a memória de guerra e a forma que os historiadores a contam, lembra que Homero escrevia para que os grandes feitos dos heróis não fossem esquecidos; e alerta que o historiador atual tem a mesma função de manter vivos os atos de guerra, porém já sem heróis nem glória, pois “ele precisa transmitir o inenarrável, manter viva a memória dos sem-nome, ser fiel aos mortos que não puderam ser enterrados”.(GAGNEBIN, 2006, p. 47). Foi a partir deste contar o inenarrável que se selecionaram para este fim apenas dois textos. A narrativa de seu Beto (SB) de como agiam os Tupamaros em ataques, gravada em setembro de 2011, e a “Carta para Alexandra”, uma

---

<sup>60</sup>Citações de Bauman, 1986, p.3.

das últimas crônicas da obra, em que Tavares (APT) refere-se aos bárbaros e ao medo que eles plantavam.<sup>61</sup>

Começa a angolana:

- Todas as noites recolhemos preces novas, para juntar às antigas. (...) Quando a noite começa, o nosso medo aumenta: “os bárbaros aparecem à noite. Antes do escurecer, deve recolher-se a última cabra, trancar os portões, colocar uma sentinela, em todas as guaritas, para gritar o alerta está. Toda a noite, diz-se, os bárbaros rondam para matar e roubar. (TAVARES, 2004, p.75)

Seu Beto, ou o bárbaro, se defende dizendo que:

- Na guerrilha, a violência é uma questão de sobrevivência. Porque se lutemo por democracia, lutemo por igualdade, o que que temo que faze? Se debater com a força. Talvez numa guerrilha, a violência teje mais forte. Porque é uma violência planejada. Por exemplo: destruir uma delegacia, destruir uma escola, assalta um banco, pra buscar recurso pra sobrevivência da liderança da guerrilha, do grupo de guerrilheiro.

Percebemos que o foco é diferente. Seu Beto refere-se a lugares públicos e não a residências privadas como Tavares - uma vez que as guerras são outras. Mas a maneira de agir é a mesma: violenta. O que faz com que “em sonhos, as crianças vêem o rosto feroz dos bárbaros a espreitar pelos postigos.” (TAVARES, 2004, p.75/76).

Mas, crianças, diz Seu Beto, e responde Paula Tavares:

- Quem usa mais a violência? É, o poder público, é o governo, é o exército, é a polícia, a gestapo<sup>62</sup>, porque ela prende um sequestrador, um guerrilheiro, ou um Tupamaro como eles dizem. Ou um sem licença, como dizem. Mas eles torturam essa pessoa até a morte. E quando essa pessoa não é morta, ela sai dali inutilizada. Ela tem sequelas que vai carregar pro resto da vida. Feita por cidadão, que se tem por cidadão, e por gente de bem, gente pacífica. Mas que pacífica? Se prende um guerrilheiro e se torna uma víbora? Ela coloca agulhas embaixo das unhas, ela dá choque elétrico, ela dá afogamento com *Creolina*. Então, quem usa mais a violência? É o guerrilheiro ou é a polícia? O exército, a força? Quem usa mais a violência? Quem usa mais aviolência não é o guerrilheiro. O guerrilheiro luta pela democracia, somente isso. Por a igualdade.(SB)

- As roupas desaparecerão das cordas de secar, a comida, das despensas, ainda que estejam bem trancadas. “Os bárbaros estão só à espera que as colheitas estejam

<sup>61</sup> Para fim de melhor apresentação na defesa desta dissertação, elaborei outro documentário com as falas abaixo transcritas. Fui fiel ao diálogo aqui traçado.

<sup>62</sup> Disponível em <http://guiadoestudante.abril.com.br/estudar/historia/carrascos-nazistas-felizes-sempre-435351.shtml> Acesso em 10 de novembro de 2011.

preparadas, e então inundarão os campos outra vez”, disse o escritor<sup>63</sup> e a avó também falou. (APT - p.76)

- Tem que ter alimentação, tem que ter vestimenta, tem que ter arma. Muitas vezes, assaltar uma loja que tenha armamento, ou um quartel que tenha armamento. Então, tudo isso. É como diz o ditado: eu levo uma pra mim ganhar e a outra pra mim perde. Ou eu levo ou eu perco. Então, é assim a violência numa guerrilha. (SB)

- Temos fome, mas ninguém se lembra, e os campos ainda demoram um pouco para produzir. Salvam-nos as folhas que ainda conseguem nascer, o leite das cabras e das mulheres de barriga inchada, outra vez inchada, como se tivessem que transportar a terra inteira às costas e por dentro de si próprias. (APT - p.76)

- É a mesma coisa que tu pega uma balança de dois pratos; tu coloca 5 quilos numa, e 6 quilos noutra. É lógico, os 6 quilos vai pesar mais na balança, então, os 5 quilos vai lutar pra se iguala com aqueles 6 quilos. Pra ver se tira ao menos meio quilo daqueles seis, pra ver se fica cinco e meio e cinco e meio. Igual às coisas. É isso a luta do guerrilheiro. Ele tenta criar uma democracia onde iguale um pouco a coisa. Que é a mesma coisa, uma balança. O rico, o capitalista, e o pobre. (SB)

- Não sei a que cheira uma guerra nova, amiga. A guerra que passou aqui misturou os cheiros todos, os da pólvora (uma pólvora lenta, como algodão-em-rama, esteve aqui parada durante muitos anos), o cheiro seco da poeira (que afastou a chuva, a manteiga e as rãs) e o dos soldados (suor azedo e cansaço misturado com medo e violência). Mas mesmo assim não sei, amiga, a que cheira uma guerra nova. (...) A única coisa que sei é que deve ser um cheiro seco, de montanha moída, de barro, de cimento e de ferro. (APT - p.77-78)

– Faço mal em dizer, porque eu sempre quis a democracia, mas no tempo do militarismo, o pobre vivia melhor do que agora. E não tinha *Bolsa Família* e nada, nada do governo. Ele trabalhava com os braços, e vivia melhor do que agora. Quando eu era jovem, tinha dos meus 15 aos 20 anos, o meu pai conseguiu criar 18 filhos, todos com saúde, com comida e com roupa. Hoje em dia, a ilusão da juventude é grife, porque antes a gente vestia uma bombacha de bolsa branca, um pijaminha de pelúcia, a nossa barriguinha andava cheia. E o nosso caderninho pra estudar, nós tinha.

E agora? A geração de agora, ela tem tudo. Tem uma roupa de grife, ela tem um tênis de grife, uma caneta e uma mesada, porque papai é burguês e dá uma mesada pro filho e ele tem uma caneta, mas pena que a caneta dele não escreve, a caneta dele só serve pra queimar craque. Infelizmente, é assim. (SB)

Intrometo-me aqui neste diálogo para dizer que seu Beto pode não ter respondido a que cheira, mas disse a cor desta nova guerra que tem se espalhado pelo mundo. O narcotráfico que mata, espanca, assalta, tortura tantos ou mais corpos espalhados pelos campos de guerras mundiais. É com pesar que Tavares se despede dos irmãos do mundo, como sua amiga Alexandra, ou dos bárbaros, como seu Beto:

- Há mesmo gente que constrói altares. Talvez para que o sacrifício seja mais fácil. Para ti, minha irmã do mundo, desejo-te sorte, e que consigas dizer da morte anunciada das mulheres, do choro das crianças, lá em todos os sítios onde, ao que parece, o mundo anda do avesso e a terra não consegue completar as suas trezentas e muitas voltas em torno do sol. (APT - p.78)

---

<sup>63</sup> Ana Paula refere-se à obra de J. M. Coetzee. *À espera dos bárbaros*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1986, p.109

Encerro, assim, este diálogo entre as diferentes poéticas, salientando que o elemento memória que as iguala tem o propósito diferenciado, por mais que ambas tenham a intenção de (res)significar. Paula Tavares recupera uma memória coletiva, cria outros sujeitos que representam o que ela diz poeticamente, enquanto seu Beto cria uma poética na tentativa de recuperar a sua memória e valorização individuais. Independentemente da forma ou intenção, o que vale aqui ressaltar é que a literatura – já que falamos em guerras – pode ser e é uma forte arma contra a desvalorização, marginalização, exclusão e esmagamento social que milhares de cowkes, Alexandras ou ainda seus Betos sofrem pelo mundo afora. Estejamos preparados para engatilhá-la no momento em que acharmos necessário.

#### **4 – Conclusão: Língua de coração não se escreve, é oral e perfeita<sup>64</sup>**

“Eu conto o que vivi.”  
(Senhor Borel, interlocutor da Restinga)

O quarto, e último, capítulo não pôde começar senão recapitulando, relendo, relembando, re-escutando o diálogo que encerra o terceiro. É com base nessa conversa dura, forte e coerente (em sua incoerência) que busco embasamento teórico capaz de me ajudar a entender como, através da escrita, a oralidade se faz tão evidente.

Minhas experiências com documentários começaram na Especialização quando organizei – em conjunto com o artigo – o vídeo que teve o mesmo nome do texto: “Manuela, o futuro de uma delicadeza”<sup>65</sup>. Naquele tempo, o que fomentou a conversa foi a própria metáfora que seu Beto apresentou e que aqui já foi exposta, sobre a comparação de sua realidade profissional à vida dos sapos. O enredo teve como base uma fábula de minha autoria. Isto quer dizer, sem saber já estava imergindo no mundo da poética da voz. Diz Ana Lúcia Liberato Tettamanzy a respeito: “a complexidade e o movimento da vida contemporânea são capturados a partir de recursos próprios da ficcionalidade, posto que os atores são inscritos em enredos, por sua vez assentados em condicionamentos espaço-temporais” (TETTAMANZY, 2012, p.4) Talvez em 2009, na primeira produção audiovisual, não tivesse a preocupação com a defesa e identificação do elemento literário no produto final, porém hoje eles são claramente perceptíveis a mim.

---

<sup>64</sup> Tavares. Ana Paula. Receita para ultrapassar os domingos in *A cabeça de Salomé*. p. 39

<sup>65</sup> Em anexo



Já na formulação de “O Homem-ovo”, a preocupação literária é explícita, pois o documentário foi criado para isso: identificar na cultura audiovisual a poesia escrita em conjunto com a oralidade cotidiana originando um outro tipo de poética, a da voz. Acredito que comecei a entender melhor minha linha de pesquisa depois que consegui visualizar o documentário pronto. Sendo uma amadora, é claro que a produção precisa de melhor qualidade e estruturação. No entanto, sem nenhuma humildade, percebo naquele vídeo a literatura que almejei projetar. É Tettamanzy que me ajuda, mais uma vez: “A experiência de campo, ou o estar junto, constituem, portanto, suporte da escrita etnográfica que utiliza a configuração narrativa como forma de produção de pensamento.” (idem, p.4)

Tettamanzy, mais adiante, ainda destaca:

a narrativa constitui um recurso amplamente utilizado tanto por ficcionistas como por antropólogos em seus propósitos de dar conta da vida humana em determinados tempos e espaços. Se, para os últimos, importa, grosso modo, fazer uso da objetividade e de aparatos metodológicos para a descrição e interpretação das culturas, para os primeiros, destaca-se a preocupação em construir mundos possíveis de modo esteticamente elaborado. No entanto, sabe-se que a objetividade vem sendo posta em xeque não só nas ciências humanas, em nome do relativismo dos pontos de vista e da descrença nas verdades absolutas ou nos sistemas universais. De forma semelhante, os estudos literários, além de postularem a precariedade em delimitar gêneros e espécies, colocaram em questão a representação calcada no realismo em face das estéticas modernas, defensoras da fragmentação do sujeito e das formas.(TETTAMANZY, 2012, p.4)

Chegamos assim ao ponto que aqui nos interessa: narrativas. Traçou-se, nesta pesquisa, um paralelo entre dois tipos que resultam na mescla de um terceiro gênero: documentário. Tettamanzy continua conosco:

Essas vozes da cultura local, compartilhadas em performance, encontrariam lugar na sua escrita; contudo, para ele [Ruy Duarte de Carvalho] não se tratava de escrever diferente para produzir um modo africano nem em nome do outro, mas, empregando os termos de Zumthor, tratava-se da integração no texto da “verdade vivida, ao abrigo de todo sequestro racional”. (TETTAMANZY, 2012, p.6)

Somente através do vídeo foi possível descrever, mostrar, permitir que seja lida a narrativa de seu Beto, pois a sua performance é de extrema importância para o acompanhamento de sua fala. Paul Zumthor, a respeito, nos fala: “o texto se prepara para entrar em performance, para integrar-se no movimento de um corpo, em sua verdade vivida, ao abrigo de todo sequestro racional”, (ZUMTHOR, 1993, p.162), pois:

a performance pode ser considerada, ao mesmo tempo, um elemento e principal fator constitutivo. Instância de realização plena, a performance determina todos os outros elementos formais que, com relação a ela, são pouco mais que virtualidades. (ZUMTHOR, 2010, p.164)

Em “O homem-ovo”, documentário editado por mim em 2011 e publicado em 2012<sup>66</sup>, há o cruzamento entre as narrativas de seu Beto e a crônica intitulada “O meu encontro, à porta fechada, com a beleza” de Tavares desta mesma obra (2004). Neste texto, Tavares descreve falas de um personagem denominado Homem-ovo, possuidor de características similares às do seu Beto, tanto que o chamo também de Homem-ovo; motivo que origina o vídeo.

O texto, organizado em 18min13seg, foi dividido em temas que dizem respeito também aos estudos pós-coloniais. Luta e/por cidadania (1min43seg); procurando (-se) (3min00seg); encontrando-se ao se esconder (3min54seg); hibridismo (5min21seg); (des)patriação (6min17seg); diáspora (8min13seg) e (re)identificação (10min05seg). Elementos trazidos, portanto, das análises da obra de Paula Tavares, porém, identificados nas falas de Seu Beto.

A época globalizada é esta em que, além de nos relacionarmos efetivamente com outras sociedades, podemos situar a nossa fantasia em múltiplos cenários ao mesmo tempo e nos devemos interrogar sobre se as diferentes narrações do mundo são ou não compatíveis entre si. (CARVALHO, 2008, p. 61)

Com Ruy Duarte de Carvalho, caminho em direção de uma poética construída no cotidiano, no *ser(e estar) junto*, mesmo que este “junto” seja ficcional ou metafórico. Da mesma forma metafórica, posso pensar o encontro da voz e letra, pois aqui são necessárias apenas letras para conseguir expressar esta pesquisa.

Penso em Laura Padilha, que me ajuda:

<sup>66</sup> TROCA, R. O homem-ovo. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=EURs3xCzRL8>. Publicado em 22 de fevereiro de 2012.

O movimento de revitalização, pela escrita, de normas e procedimentos estéticos da oralidade acirra-se, quando a cultura toma consciência de seu hibridismo e busca formas de equalizar as duas forças quando os imaginários artísticos percebem que se faz necessário subverter o discurso hegemônico. (PADILHA, 2007, p. 209)

Enfim, o hibridismo torna-se necessário e talvez a única solução possível de se fazer presente em pesquisas acadêmicas como esta. Ou seja, a tradição oral (re)aparece na Literatura africana vinculada à discriminação da cultura do povo diante da língua do colonizador (escrita), ou, como pensa Ana Mafalda Leite:

Insistir numa visão monolítica e indiferenciada de uma estética africana é uma forma também de negar a heterogeneidade e complexidade do universo cultural africano. É talvez ainda a manifestação de uma visão neoafricanista, que encara o continente como totalidade indiferenciada, quando as diferentes nações africanas constroem há várias décadas o seu percurso literário e diferenciado. (LEITE, 2012, p.25)

Por ser uma das características mais evidentes da Literatura africana, a oralidade angolana expressa na voz de outro – não africano – causa turbulência na hora de referenciar teoricamente. Por conta disso, tenho usado os estudiosos africanistas, como acima citados, mas também defensores da performance – Paul Zumthor – como prática de narrativa (Ana Lúcia Tettamanzy). Enriquecendo ainda mais esse grupo, apoio-me em Luciana Hartmann, que após ter feito uma pesquisa somente escutando causos regionais das fronteiras gaúchas, ganha minha admiração ao identificar que “Entre seus causos e suas histórias de vida, informações, éticas, posturas, subjetividades, regras sociais vêm à tona. Colocadas em gestos e palavras, são postas à prova. (HARTMANN, 2011, p.53)

Hartmann apresenta a fala de Dona Iracema, de 77 anos, moradora de Rivera/Uruguai: “Olha, eu passei taaanto trabalho, taaanto trabalho, que eu não me canso nunca de contar. Ai, quando coonto... que te conto isso fico tão satisfeeeita...conto pra uma persona que me dê atenção, viste? Que me enteeenda...” (HARTMANN, ano?, p.?) Essa fala simples e de bastante entonação (percebidas na repetição das vogais) traz à tona a marginalização em que normalmente os narradores da autora estavam. Com seu Beto não é diferente. Percebo que, ao relatar suas histórias, sua autoestima e sua valorização social crescem. Contando-me, ele revive aquelas histórias, as recria da maneira que gostaria de as ter vivido, ou com os dados de que se lembra, em sua memória seletiva, me narra uma lembrança que tem guardada no fundo de seu olhar vítima de discriminação e rejeição social.

Da mesma forma ocorre quando Paula Tavares apresenta alguns de seus personagens. Em “Maria Madalena”, por exemplo, diz: “Percorria os caminhos à procura das bocas da terra para colher, dos lábios ainda húmidos do princípio do dia, a matéria plástica necessária para fazer crescer do nada as vasilhas da vida.” (TAVARES, 2004, p.21) O que é o catador de lixo senão alguém que madruga para colher as sobras do jantar como seu café da manhã? Com certeza, seu Beto e sua família muito enchem a vasilha da vida com a umidade saída da boca da sociedade burguesa – como ele chama. No entanto, é na crônica “Edith Södergran” que Tavares confessa: “Quando respiro, reponho vozes de mulheres de corpos maltratados e mãos prontas para começar o país e plantar, de novo, as árvores do pão, entretanto desfeitas” (TAVARES, 2004, p. 43). Tavares demonstra, nesta crônica, a influência da poetisa finlandesa de expressão sueca, que entre Finlândia e Rússia enfrentou caminhos diferentes, porém que resultavam em doenças e guerras. Não é à toa que Tavares a escolhe, pois também são esses princípios que acolhem a memória de nossa escritora angolana.

Ainda apresentando mulheres que atuam além da voz, Tavares disserta sobre “A velha Felícia”. Tendo adotado o nome secreto de “tecedora de sonhos”, começa a

governar o tempo, mesmo quando este se detinha entre Julho e Agosto. Os dias eram mais difíceis mas, mesmo assim, alguma coisa sobrava quando o arco-íris se esticava sob as nuvens, cruzando a crista da serra, boca e cauda, como arco do mundo.(TAVARES, 2004, p. 81/2)

Mesmo sem explicar “a ninguém as suas certezas sobre os Egípcios, nem seus conhecimentos sobre a arte de manejar o tear vertical e as descrições das caravanas, com a repetição frequente do nome de Tipu-Tib e a língua de comércio inventada por ele” (p. 82), a velha Felícia, personagem verídica e popular de sua comunidade, torna-se uma referência das narrativas populares, mesmo quando:

Deixou de falar e passou a dormir de dia, para passar a noite a escrever o livro dos sinais, dividido em três partes: branco, preto e ocre. Escolheu o branco para a linguagem da fundação: a coroa representando o nome de deus, o machado duplo e as lanças territoriais com o segredo da tartaruga e do vaso da água. A preto, em gradações de claro-escuro, bordou, em duplo relevo, a manta do casamento, o lençol do nascimento e os três xailes da casa de iniciação onde tinha oficializado. Em torno do animal do sacrifício, inscreveu as assimetrias de um registro figurativo particular: personagens, bestiário e a longa estrada (caminho de pé posto), que tinha percorrido ao contrário, das costas do Índico às quase margens do Atlântico. Reservou os tons ocre para a metáfora da terra em agonia, que guardou no grande pano, onde introduziu a desordem. (TAVARES, 2004, p. 83)

Enfim, percebemos que a linguagem performática foi o que chamou a atenção de Ana Paula Tavares nesta narradora. Seu silenciar e falar através das cores tornaram-se a forma de comunicação desta velha.

Ainda relatando sobre os mais antigos, Tavares nos apresenta outros tipos de Mulheres, como as descritas na crônica “As Mais-Velhas”:

Por vezes e sem que se note muito param, entre o dia e a noite, um momento, para passar, em forma de história, provérbio ou adivinha, lugares de culto, os nomes do caminho. São livros de marinharia que trazem escritos dentro da memória e, em segredo, libertam do esquecimento.

Quando isso acontece, acontece um momento de milagre em que esquecem sua condição de formiga e acendem a voz, soprando as palavras até que o fim do dia apague a trêmula chama de um ritual de cacimbo bem afinado. (TAVARES, 2004, p.80)

Estas que guardam na memória o valor do passado e:

crescem sob o signo das sobreviventes, com a testa marcada pela estrela em brasa das vacas eleitas para serem mães, mulheres, irmãs.

O corpo jovem depressa se perde numa via crucis regulada por um calendário igual: ter filhos a cada ano e fazê-los crescer em sonhos de leite.

Ninguém dá por elas enquanto deslizam como sombra, fortes, pelas dobras das casas, perpassando o tempo em ternura e eficácia. (TAVARES, 2004, p.79)

Enfim, sejam elas ativas socialmente ou apenas geradoras anuais de filhos, são mulheres que fazem, marcam, semeiam e contam a história através de suas memórias.

Entre todas elas, escolhi a Tia Emília, da crônica “A tia Emília e as gregas”, para chegar ao último ponto final. Talvez por ela sintetizar, além dos aspectos performáticos da voz, os temas aqui trabalhados anteriormente – guerra e colonização, pois:

Escolheu a cidade devastada para passear suas remotas origens e procurar a vida (veias, músculo, massa e tristeza) por debaixo do conjunto desorganizado das casas, musseque e urbe acasalados para lá da ordem, com os seus interiores à mostra: roupas velhas no meio do fogo faz acácias, homens e mulheres naufragos da sua própria memória e nus ao longo das ruas de sentido proibido. (TAVARES, 2004, p.85)

E foi assim, com palavras “simples, como fórmulas e antigos testamentos para usar todos os dias” (TAVARES, 2004,p.87) que tia Emília espalhou a esperança entre os que mais precisam dela, entusiasmando o que foram chamadas de:

As gregas (de mãos perdidas e dedos longos para acariciar anjos) sabem como Maria Emília, exuberante no colo e nos gestos, era capaz de poupar na palavra, substituída pelo pequeno-almoço eficaz, ou a gaze molhada de soro em cima das feridas da noite. (TAVARES, 2004, p.87)

Talvez seu Beto seja a minha Maria Emília; quem me ensinou a ser grega, pois assim me sinto: continuadora de suas ações e desbravamentos para a melhoria social. Escolho como armas, assim como Tavares, ao invés de fogo, palavras, pois sei que em “um destes domingos sairá de manhazinha, de palavras muito soltas nos bolsos, para nunca mais voltar, mas sei que voará mansinho no sítio onde dormem as palavras e tudo está previsto.” (2004, p.87 – adaptado)

## REFERENCIAL

ANDRADE, Sérgio C. A 'Bíblia' da arte cokwe em Angola. 2010. Disponível em <http://ipsilon.publico.pt/artes/texto.aspx?id=269067>. Acesso em 17 de fevereiro de 2012.

AZEVEDO E FREITAS. História e cultura: Mwana Pwo. Disponível em [http://www.tucokwe.org/cultura/artigos/mwana\\_phwo\\_representacao\\_feminina\\_nas\\_mascaras.html](http://www.tucokwe.org/cultura/artigos/mwana_phwo_representacao_feminina_nas_mascaras.html) acesso em 02 de janeiro de 2013

BARTHES, Roland. O prazer do texto. São Paulo: Perspectiva: 2010.

BOSI, Alfredo. Dialética da colonização. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência In: Literatura e Resistência. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.p.118-135

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: T.A Queiroz Eitor, 1983

CABRITA, Antônio. O mundo banha-se em sangue/edith sodërgran. Disponível em <http://raposadasul.blogspot.com/2011/02/o-mundo-banha-se-em-sanguedith.html> acesso em 18 de fevereiro de 2012.

CARVALHO, Ruy Duarte de. A câmara, a escrita e a coisa dita... fitas, textos e palestras. Lisboa: Cotovia, 2008.

CHAVES, Rita. “A cabeça de Salomé”, de Ana Paula Tavares. Disponível em [http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia\\_id=13295](http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=13295) acesso em 15 de fevereiro de 2012.

CLASTRES, Pierre. Arqueologia da violência. São Paulo: Cosac & Naify, 2011

CLIFFORD, James. A antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2002.

COMPAGNON, Antoine. O demônio da Literatura. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2010

DELEUZE E GUATTARI. A máquina de guerra é exterior ao aparelho de Estado In Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 5 / Gilles Deleuze, Félix Guattari; tradução de Peter PálPelbart e Janice Caiafa. — São Paulo: Ed. 34, 1997 (Versão digital)

ECKERT, Cornelia., "Questões em torno do uso de relatos e narrativas biográficas na experiência etnográfica." In HUMANAS, Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Porto Alegre v 19, 1996-1997.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. O tempo e a cidade. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2005

ECO, U. Seis passeios pelos bosques da ficção. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1994

EWALD, Felipe Grüne. Estruturas metanarrativas: Nos meandros da produção poética na voz de um narrador urbano. In: TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato et al. Sobre as Poéticas do Dizer: pesquisas e reflexões em oralidade. São Paulo: Letra e voz, 2010. p. 64-79

FANON, Frantz. Os condenados da terra. Tradução de Enilce Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

FROCHTENGARTEN, Fernando. A memória oral no mundo contemporâneo. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142005000300027&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142005000300027&script=sci_arttext) acesso em 10 de março de 2012.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Lembrar, escrever, esquecer: São Paulo, Ed. 34, 2006.

GALEANO, Eduardo. O livro dos abraços. tradução de Eric Nepomuceno. - 9. ed. - Porto Alegre: L&PM, 2002

GEERTZ, Clifford. A Religião como Sistema Cultural. In: A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Ed. LTC, 2008.



GOMES, Fernanda Antunes. A arte de cronicar em Ana Paula Tavares. Dissertação de Mestrado em Letras Vernáculas (na especialidade de Literaturas Portuguesa e Africanas) Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007

GONDA, Cinda. O cântico dos cânticos de Ana Paula Tavares. In:SECCO, Carmem Tindó; SALGADO, Maria Tereza; JORGE, Silvio Renato. África, escritas literárias: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Angola: UEA, 2010. p. 151-160

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro: 2006

HALL, Stuart. A identidade Cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HALL. Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HARTMANN, Luciana. Donos da Palavra: autoria, performance e experiência em narrativas orais da América do Sul. Santa Maria: Ed UFSM, 2007

HARTMANN, Luciana. Gesto, palavra e memória: performances narrativas de contadores de causos. Florianópolis: Ed da UFSC, 2011

HOBBSAWM, Eric. Bandidos. São Paulo Paz e Terra . 2010

KEELEY, Laurence. A guerra antes da civilização: o mito do bom selvagem; Tradução de Fabio Faria. – São Paulo: É reslizações, 2011.

KEHL, Maria Rita. O sexo, a morte, a mãe e o mal In NESTROVSKI, Arthur e SELIGMANN-SILVA, Márcio. Catástrofe e representação. São Paulo: Escuta, 2000. P. 137-148

LEIRIS, Michel. África Fantasma. São Paulo: CosacNaify, 2007

LEITE, Ana Mafalda. Literaturas Africanas e Formulações Pós-Coloniais. Lisboa: Edições Colibri, 2003.

LEITE, Ana Mafalda. Oralidades & escritas pós-coloniais: estudos sobre literaturas africanas. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

MACÊDO, Tânia. Estas mulheres cheias de prosa: a narrativa feminina na África de língua oficial portuguesa. In LEÃO, Ângela Vaz. Contatos e ressonâncias: literaturas africanas de língua portuguesa. Belo Horizonte: PUC Minas, 2003.

MAFFESOLI, Michel. A parte do diabo. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MANOEL, Valêncio. História de Angola. Disponível em <http://rubelluspetrinus.com.sapo.pt/angola-h.htm> acesso em 07 de março de 2012.

MARQUES, Ana Clara Guerra. Mwana Pwo ou a representação femininas na hierarquia das máscaras cokwe. Disponível em [http://www.tucokwe.org/cultura/artigos/mwana\\_phwo\\_representacao\\_feminina\\_nas\\_mascaras.html](http://www.tucokwe.org/cultura/artigos/mwana_phwo_representacao_feminina_nas_mascaras.html) . acesso em 01 de março de 2012.

MEMMI, Albert. O retrato do colonizado precedido de Retrato do colonizador. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007a.

MEMMI, Albert. O retrato do descolonizado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MOORE, Carlos. A África que incomoda: sobre a problemática do legado africano no cotidiano brasileiro. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

PADILHA, Laura Cavalcante. Africanas vozes em chama. In CHAVES, Rita e Macêdo, Tânia. Marcas da Diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa. São Paulo: Alameda, 2006. P.121-128

PADILHA, Laura Cavalcante. Novos pactos, outras ficções: ensaios sobre literaturas afro-luso-brasileiras. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

PADILHA, Laura. Entre a voz e a letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX. 2ª edição. Niterói: EdUFF, Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2007

PEREIRA, Érica Antunes. Os Limites (Ou Não) Do Espaço Feminino Na Poesia De Adélia Prado E Paula Tavares. <http://www.sougentemiuda.com.br/>

PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos Orixás. Disponível em <http://fotolog.terra.com.br/sidneidogum:50> acesso em 18 de fevereiro de 2012.

PRANDI, Reginando. Segredos guardados: orixás na alma brasileira. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.

QUEIROZ, Sônia. Metamorfoses do conto oral, entre voz e letra. In: TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato et al. Sobre as Poéticas do Dizer: pesquisas e reflexões em oralidade. São Paulo: Letra e voz, 2010. P. 42-51

RIBEIRO, Margarida Calafate. E outras vozes se levantam: Ana Paula Tavares responde a Luis de Camões. Revista ex æquo, n.º 17, 2008, pp. 119-129. Disponível em <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aeq/n17/n17a08.pdf> acesso em 18 de fevereiro de 2012.

RIBEIRO, Margarida Calafate. Poder e conhecimento na poesia de Ana Paula Tavares. In: SECCO, Carmem Tindó; SALGADO, Maria Tereza; JORGE, Silvio Renato. África, escritas literárias: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Angola: UEA, 2010. p. 141-150

ROSSI, Paolo. O passado, a memória e o esquecimento. São Paulo, Editora da UNESP, 2010

SAMPAIO, Neida Aparecida de Freitas. Por uma poética da voz africana: Transcultações em romances e contos africanos e em cantos afro-brasileiros. Dissertação de mestrado apresentada na Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A gramática do tempo: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2010

SARAMAGO, José, “O autor como narrador”, in Ler , 38, Primavera-Verão, 1997, pp. 36-41

SECCO, Carmem Lucia Tindo. A magia das letras africanas: ensaios sobre as literaturas de Angola e Moçambique e outros diálogos. Rio de Janeiro: Quartet, 2008

TAVARES, Ana Paula. A cabeça de Salomé. Lisboa: Caminho. 2004

TAVARES, Ana Paula. Dize-me coisas amargas como os frutos. Lisboa: caminho, 2001.

TAVARES, Ana Paula. Ex-votos. Lisboa: Caminho, 2003.

TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato et al. Sobre as Poéticas do Dizer: pesquisas e reflexões em oralidade. São Paulo: Letra e voz, 2010.

TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato. Ficções de si: auto-etnografia em Ruy Duarte de Carvalho in Mulemba. Rio de Janeiro:UFRJ, V.1, n.7, pp.4-19, jul./dez. 2012. Disponível em [http://setorlitafrica.lettras.ufrj.br/mulemba/download/artigo\\_7\\_1.pdf](http://setorlitafrica.lettras.ufrj.br/mulemba/download/artigo_7_1.pdf) acesso em 12 de fevereiro de 2013.

TROCA, R. O homem-ovo. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=EURs3xCzRL8>. Publicado em 22 de fevereiro de 2012

TUTIKIAN, Jane. Germano Almeida: uma identidade de outras faces (Eva, a relativização da verdade) In:SECCO, Carmem Tindó; SALGADO, Maria Tereza; JORGE, Silvio Renato. África, escritas literárias: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Angola: UEA, 2010. p. 85-94.

TUTIKIAN, Jane. Velhas identidades novas: o pós-colonialismo e a emergência das nações de língua portuguesa. Porto Alegre: Sangra Luzzatto, 2006.

VENÂNCIO, Pedro. Campo de concentração do Tarrafal. Disponível em <http://campodotarrafal.blogspot.com.br/>. Acesso em 02 de janeiro de 2013.

VENTURA, Susane. Entrevista com Ana Paula Tavares, escritora angolana. Disponível em <http://cidinhadasilva.blogspot.com/2009/01/entrevista-com-escritora-angolana-ana.html> acesso em 15 de fevereiro de 2012

ZILBERMAN, Regina. Práticas narrativas, oralidade e memória. In: TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato et al. Sobre as Poéticas do Dizer: pesquisas e reflexões em oralidade. São Paulo: Letra e voz, 2010. P. 28-41

ZUMTHOR, Paul. A letra e a voz. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Amálio Pinheiro. São Paulo:Companhia das Letras, 1993.

ZUMTHOR, Paul. Introdução à poética oral. Trad. Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat e Maria Inês de Almeida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

ZUMTHOR, Paul. Performance, recepção, leitura. São Paulo: Cosac Naity, 2007.

## GLOSSÁRIO

**Caximbanda** – Pássaro da mitologia africana

**Chela** - Serra da Chela é um dos pontos mais altos de toda Angola. O cume mais visível da cordilheira que serpenteia o "planalto sulano". Localizada no cosmopolita Lubango, a serra tem mais de 2000 metros de altura.

**Cokwe** – Uma etnia africana, assim como o nome de sua língua.

**Jacarandás** - Árvore da família das Bignoniáceas com origem na América do Sul.

**Kuito** – Município da Província de Bié.

**Huambo** – Província e município de mesmo nome.

**Bié** – Província angolana.

**lápis-lazuli** - Conhecido também como lápis azul, é uma rocha metamórfica de cor azul.

**Loengos** - Fruta silvestre.

**Milhafre** - Também conhecido por milhano ou bilhano, é a designação comum dada às aves do género *Milvus* e *Circus* da família Accipitridae, de origem europeia. Nos Açores a designação corresponde às aves da espécie *Buteo buteo* ssp. *rothschildi*, também chamadas queimados ou águias-de-asa-redonda.

**Swapo** - A South-West Africa People's Organisation (SWAPO, em português. Organização do Povo da África do Sudoeste) foi o movimento que lançou uma guerra de guerrilha para atingir a independência da Namíbia (anteriormente chamada Sudoeste Africano). Depois da independência, em 1990, a SWAPO tornou-se um partido político que se mantém no poder desde aquela altura.

**Tacula** – Árvore africana cuja madeira tem veios de carmesim brilhante e é muito apreciada e usada em tinturaria.

**Tarrafal** - O Concelho do Tarrafal é um concelho/município na ilha de Santiago, em Cabo Verde. Conhecido pelo campo de concentração que lá vigorou por muitos anos.

**Tifinagh** - A escrita tifinagh original apresenta poucas letras, com pouquíssimas vogais e sua escrita é vertical. É usada tão somente pelos tuareg, o único povo amazigh que ainda usa a antiga escrita líbico-berbere, que é derivada de uma escrita mais antiga, o "líbio" ou "líbio-

amazigh". Há registros do uso dessa escrita por povos amazigh ao longo do Norte da África e talvez nas Canárias desde o século III aC até o século III dC.

## **ANEXOS: Documentários produzidos ao longo da pesquisa**